

BOM **UM**
FIM **BAIRRO**
MUITAS
HISTÓRIAS



A exposição Bom Fim: um bairro, muitas histórias teve como inspiração inicial uma frase de Moacyr Scliar: "Sempre há histórias sobre o Bom Fim, e eu continuo ouvindo". A partir dela, chegou-se à questão norteadora da mostra: afinal, que histórias o Bom Fim conta? Da multiplicidade de respostas possíveis, foram escolhidas quatro que problematizam algumas das inúmeras experiências e memórias associadas a esse espaço: as histórias das diversas etnias que vieram de terras distantes para viver no bairro, as histórias de rebeldia e transgressão que têm o Bom Fim como palco, as histórias imaginárias narradas por variadas linguagens artísticas (cinema, teatro, música e literatura) produzidas no e/ou sobre o bairro; e as histórias diurnas e noturnas que revelam faces diferentes de um mesmo lugar. A perpassar todas essas histórias, dois olhares que, ao mesmo tempo, se contrapõem e se complementam: o do urbanista, do técnico e dos poderes públicos, que estabelece os limites e os fluxos oficiais do bairro; e o dos moradores e transeuntes, dos praticantes do Bom Fim, que imprimem

às suas ruas contornos e estéticas particulares.

Contar um pouco destas histórias, e ainda abrir espaço para que muitas outras sejam ouvidas, é o objetivo da exposição. Sua concepção envolveu saberes e profissionais de diversas áreas como a História, a Antropologia, a Arquitetura, a Museologia e as Letras, e apoiou-se na rede de instituições culturais que formam o projeto "Corredor Cultural Bom Fim", criado em 2008. A todos, o convite para percorrer ruas, prédios, lembranças, pessoas, imagens, sons...

*Prof. Benito Bisso Schmidt
Curador*

“...sempre há histórias sobre o
Bom Fim e eu continuo ouvindo.”

Moacyr Scliar



Bom Fim : um bairro, muitas histórias (2010 : Porto Alegre, RS)

Bom Fim : um bairro, muitas histórias / catálogo da exposição organizada por Benito Bisso Schmidt e Museu da UFRGS.

Porto Alegre : Museu da UFRGS/PROEXT, 2011.

-- p. : il., fots.

Exposição realizada de 13 de dezembro de 2010 a 1º de julho de 2011.

Textos de Benito Schmidt, Luis Augusto Fischer, Zita Possamai, Cornélia Eckert, Ana Luiza Carvalho da Rocha e Lucio Pedroso.

1. Bom Fim (Porto Alegre, RS) - História. 2. Porto Alegre, RS - História - Exposição. I. Schmidt, Benito. II. Museu da UFRGS/PROEXT.

CDU 711.5(816.51)

Catálogo-na-publicação: Biblioteca Central/UFRGS

BOM FIM

UM
BAIRRO
MUITAS
HISTÓRIAS

ORGANIZAÇÃO

Benito Bisso Schmidt
Museu UFRGS



A exposição: Bom Fim: Um bairro, muitas histórias objetiva proporcionar aos visitantes uma mostra de um dos mais antigos e diversificados bairros de Porto Alegre, além de contar histórias das pessoas que moram e circulam por suas ruas.

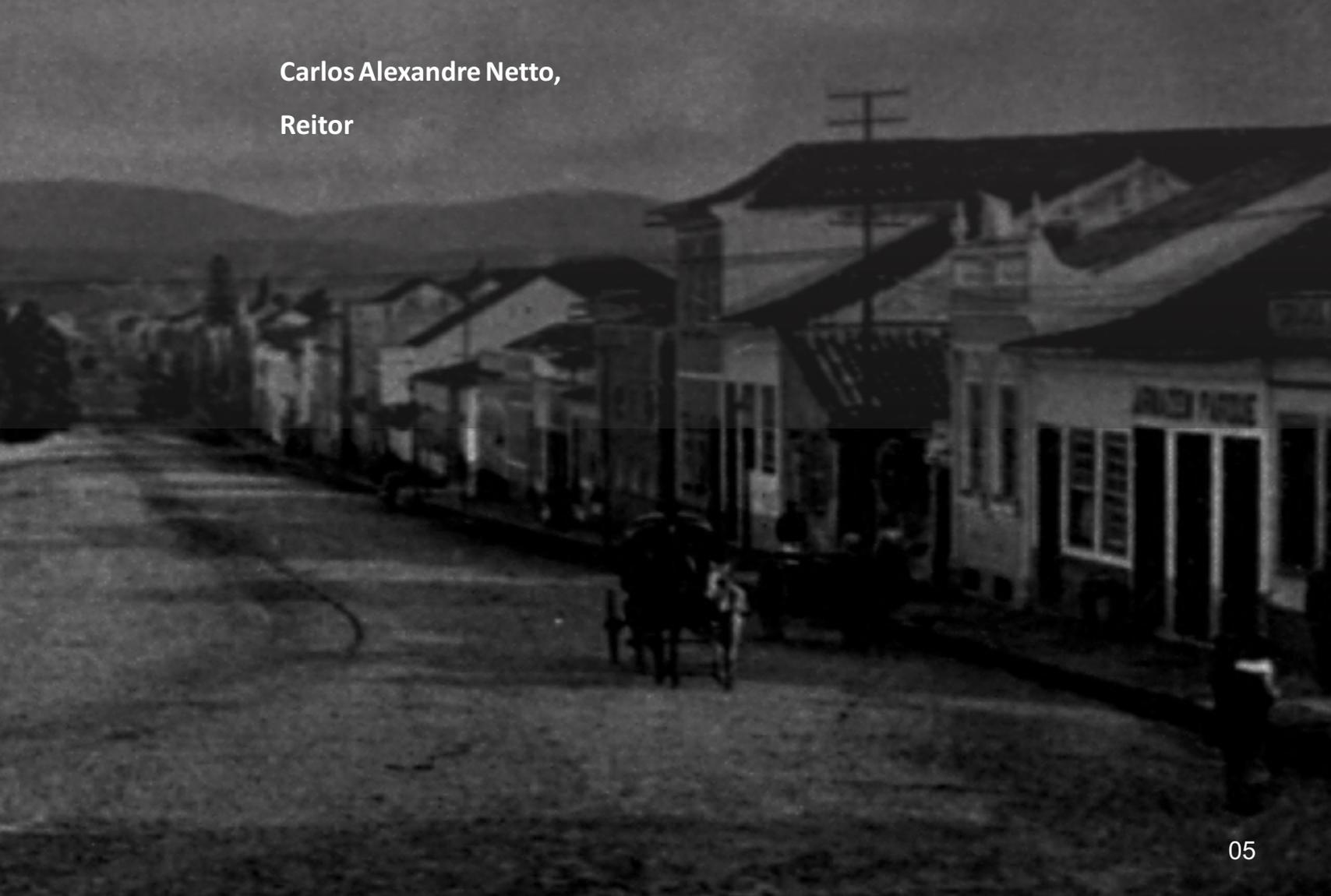
O Bom Fim se caracteriza por ser um bairro acolhedor de povos vindos de terras distantes. Os negros vindos da África como escravos que refugiavam-se na Redenção e depois, libertos, ocuparam diversos espaços, imigrantes europeus, entre eles, judeus de vários países, alemães e italianos foram compondo este mosaico de culturas.

Tão diversas quanto sua população são as várias feições que o bairro adquiriu ao longo dos anos. Local de comércio, de cultura, de intensa vida noturna, de rebeldia e transgressão.

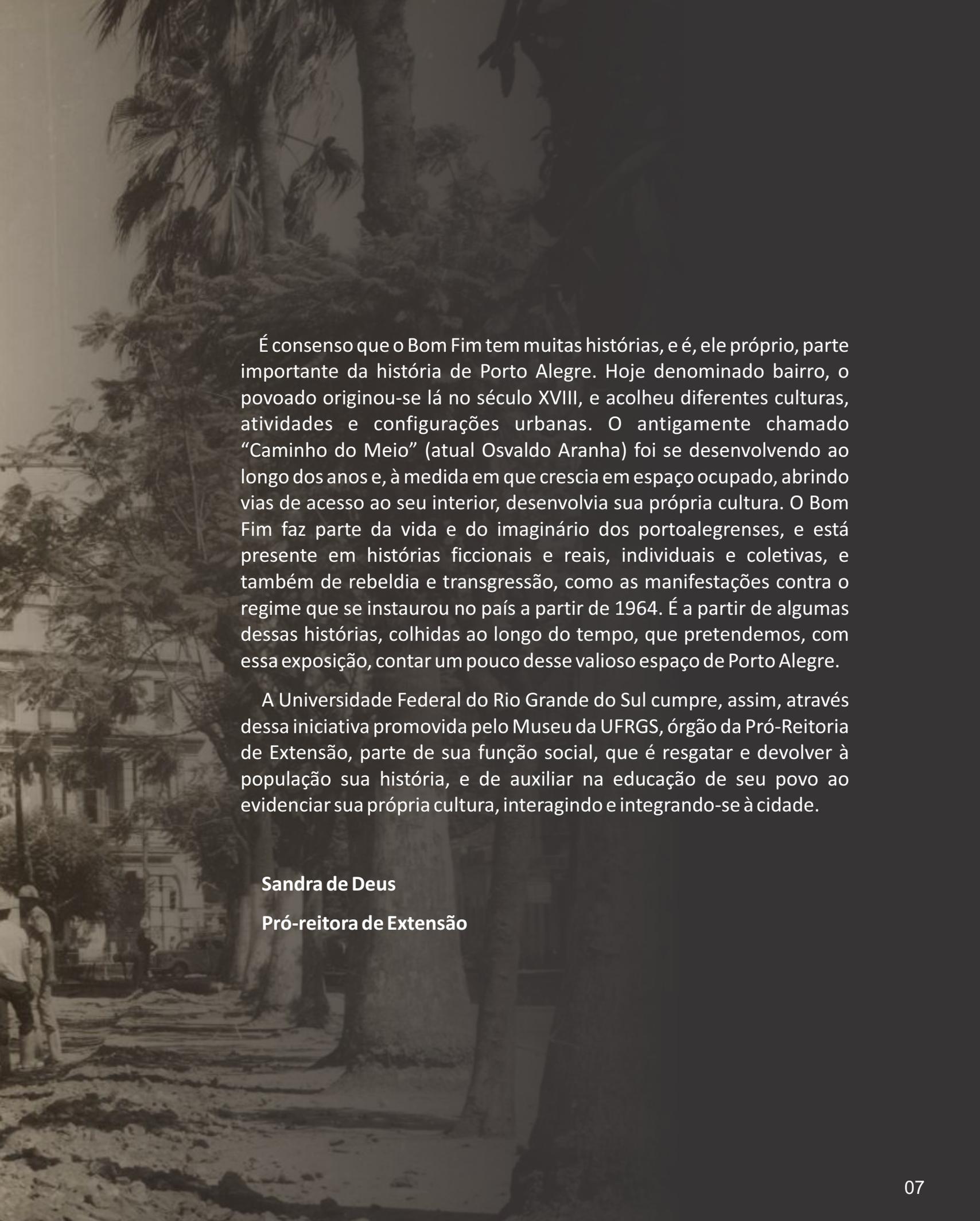
Esta exposição proporciona muitos e novos olhares sobre o Bom Fim, mas mais que tudo nos ensina sobre convivência, tolerância e respeito à diversidade.

Carlos Alexandre Netto,

Reitor







É consenso que o Bom Fim tem muitas histórias, e é, ele próprio, parte importante da história de Porto Alegre. Hoje denominado bairro, o povoado originou-se lá no século XVIII, e acolheu diferentes culturas, atividades e configurações urbanas. O antigamente chamado “Caminho do Meio” (atual Osvaldo Aranha) foi se desenvolvendo ao longo dos anos e, à medida em que crescia em espaço ocupado, abrindo vias de acesso ao seu interior, desenvolvia sua própria cultura. O Bom Fim faz parte da vida e do imaginário dos portoalegrenses, e está presente em histórias ficcionais e reais, individuais e coletivas, e também de rebeldia e transgressão, como as manifestações contra o regime que se instaurou no país a partir de 1964. É a partir de algumas dessas histórias, colhidas ao longo do tempo, que pretendemos, com essa exposição, contar um pouco desse valioso espaço de Porto Alegre.

A Universidade Federal do Rio Grande do Sul cumpre, assim, através dessa iniciativa promovida pelo Museu da UFRGS, órgão da Pró-Reitoria de Extensão, parte de sua função social, que é resgatar e devolver à população sua história, e de auxiliar na educação de seu povo ao evidenciar sua própria cultura, interagindo e integrando-se à cidade.

Sandra de Deus

Pró-reitora de Extensão

HOSPITAL DE PRONTO SOCORRO



O BAIRRO COMO CADINHO DE CULTURAS

Moacyr Scliar

“Esta semana, o museu da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (que por simbólica coincidência funciona na Avenida Osvaldo Aranha, 277) inaugurou uma exposição sobre o bairro do Bom Fim com o sugestivo título de *Um Bairro, Muitas Histórias*. Para quem, como eu, nasceu e se criou no Bom Fim, para quem passou a infância e a juventude ouvindo, e vivendo essas histórias, este é um evento tão nostálgico quanto emocionante. Em termos de identidade, o bairro é um lugar importante, como o é o nosso país, o nosso Estado, a nossa cidade. O bairro é um microcosmo, um lugar que muitas vezes tem uma cultura própria, um estilo de vida: o caso do Village em Nova York, da Rive Gauche em Paris, de Bloomsbury em Londres (lembram Virginia Woolf?), de Hollywood em Los Angeles, do Caminito em Buenos Aires, do Bexiga em São Paulo, de Copacabana e Ipanema no Rio.

Bairros contam histórias, sim. Histórias que mudam ao longo do tempo. No caso do Bom Fim tratava-se, no início, da história de imigrantes judeus, gente que tinha deixado para trás uma Europa convulsionada pelas guerras, pelos conflitos étnicos, pelas perseguições, pelos massacres e tinha vindo para o Brasil em busca de uma nova existência, e ali abriram suas lojinhas, suas oficinas, suas instituições. Mas o Bom Fim era um bairro de muitas culturas; a Universidade trazia para ali estudantes que se reuniam nos bares da Osvaldo Aranha, locais de debate intelectual e político e de contestação. Já o Ocidente, que neste dezembro completou 30 anos, trouxe para o Bom Fim, grupos musicais e teatrais, a moda hippie, e mais recentemente o Sarau Elétrico, com Katia Suman, Luís Augusto Fischer, Claudio Moreno, Claudia Tajés.

O Bom Fim: cadinho de culturas, sonhos, de esperanças, de ideias, de talentos. Justa a homenagem que faz ao bairro a nossa universidade.” (...)

Parte do artigo publicado no jornal Zero Hora, Caderno Donna, página 6 do dia 19 de dezembro de 2010. Autorizado para publicação pelo Grupo RBS e pela família do autor.



AS MUITAS HISTÓRIAS DE UM BAIRRO E DE UMA EXPOSIÇÃO

Benito Bisso Schmidt*

"... Bom Fim para mim naquela época era lindo. A praça era uma maravilha. Tu andavas de noite, passeava com a turma, rapazes e moças, não tinha problema nenhum." - Ida Katz¹

"Eu me lembro de um inverno bastante legal, as pessoas aqui no [bar] Ocidente, nas janelas. Estava um frio danado, e as folhas das paineiras... e as pessoas fizeram uma fogueira no meio da avenida [Osvaldo Aranha]. [...] As pessoas se aproximaram daquela fogueira. Perto daquela fogueira tinha skaters, heavy metals, punks, hardcores, new waves, pessoal já mais velho, o público do Ocidente, bêbados, menores abandonados..." - Cikuta Castanheiro²

Como ensina o poeta Mário Quintana, "a memória tem uma bela caixa de lápis de cor".³ A partir do presente, ela atualiza o passado de forma seletiva, dotando-o de outros sentidos, em geral positivos. "Antes era melhor..." parece ser a chave narrativa predominante entre aqueles que evocam suas lembranças pretéritas: o que era triste se torna alegre, o que era amargo se torna doce; acontecimentos que ontem causavam aflição voltam ao hoje retemperados pela nostalgia, por vezes até entre risos - os monstros foram domados e parecem insignificantes diante dos medos do presente. Poderosa memória!

Essa metamorfose operada pelo tempo fica clara nas epígrafes que abrem esse texto. Na primeira, a imigrante judia fala de um Bom Fim lindo, onde "não havia problema nenhum", provavelmente percebido de maneira muito diferente do momento em que ela concedeu seu depoimento, final da década de 1980, quando a "invasão" de muitas tribos de jovens no bairro causava medo a seus habitantes. A segunda epígrafe é um trecho da fala de Cikuta Castanheiro, uma das primeiras punks de Porto Alegre. O ritual dionisíaco narrado por ela, aglutinando diversas tribos em torno de uma fogueira em plena Avenida Osvaldo Aranha, é lembrado como parte de um "inverno bastante legal". O tempo dessas mulheres não é o mesmo: o passado de Cikuta é o presente de Ida. Aquilo que provoca saudades em uma possivelmente é o que faz a outra lembrar de seu passado como melhor. Mas ambas usam seus "lápis de cor" para pintar com cores nostálgicas os espaços do Bom Fim.

Ao longo do processo de pesquisa para a elaboração da exposição "Bom Fim: um bairro, muitas histórias", me deparei com várias narrativas desse tipo, que, de diferentes pontos de vista e referindo-se a variadas temporalidades, desenham de forma afetiva os contornos do bairro: as ruas, o parque, as

* Professor do Departamento e do PPG em História da UFRGS. Diretor do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul. Curador da exposição "Bom Fim: um bairro, muitas histórias".

¹ Nasceu em Kovna, Lituânia, em 1919. Veio para o Brasil em 1927 acompanhada dos pais. Depoimento ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall/Departamento de Memória em 13/01/1988. Imigração judaica no Rio Grande do Sul. Histórias de Vida. II Volume (Catálogo). Porto Alegre, 1992.

² Entrevista de Cikuta Castanheiro a Lucio Fernandes Pedroso em outubro de 2008. In: Pedroso, Lucio Fernandes. Transgressão do Bom Fim. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

³ Quintana, Mario. Caderno H. São Paulo: Globo, 2006. p. 159.



esquinas, os bares, a Universidade Federal... Narrativas essas que se constituem em matéria-prima preciosa para o historiador interessado em investigar os modos de viver e de representar a cidade.

De outro lado, há uma história oficial do Bom Fim, não menos importante, mas construída a partir de outros marcos e de outras "cores". Ela nos conta que o bairro é um dos mais antigos da cidade. Sua principal artéria, a atual Avenida Osvaldo Aranha, foi, desde o século XVIII, o trecho inicial do chamado "Caminho do Meio", trajeto preferido para Viamão. Em 1867, a Devoção do Senhor do Bom Fim lançou a pedra fundamental de sua capela, perto do local onde posteriormente se abria o prolongamento da Rua Barros Cassal. As obras arrastaram-se por vários anos, mas, de qualquer forma, em 26 de abril de 1870, a Câmara oficializou que a Várzea, hoje Parque Farroupilha (e antes Parque da Redenção), passasse a se chamar oficialmente "Campo do Bom Fim" - denominação que acabou se estendendo a todo o bairro adjacente. Sobre o surgimento das demais ruas do Bom Fim, diz o historiador Sérgio da Costa Franco:

*"O que hoje é a Av. Osvaldo Aranha por muito tempo só teve duas transversais: a antiga Rua da Conceição, hoje Sarmiento Leite, e a Rua Ramiro Barcelos. [...] Mas no ano de 1855 consumou-se a abertura da Rua Santo Antônio e, em 1878, a da Gen. João Teles, a princípio 'Silveira Martins'. Seguiram-se a Garibaldi, onde já se vendiam terrenos em 1883, e a Barros Cassal, que, embora sendo bem mais antiga, só abriu caminho para o Bom Fim em 1892. De 1896 é a implantação do loteamento e oficialização das ruas Felipe Camarão, Fernandes Vieira e Henrique Dias. E aproximadamente da mesma época é a Rua Tomaz Flores. Quanto à Av. Cauduro, apenas surgiu na década de 1920."*⁴

Nas narrativas da memória, sensações, afetos, temporalidades imprecisas: "naquela época", "um inverno"...; nas narrativas históricas, pelo menos em sua versão mais oficial, dados extraídos de arquivos, limites cronológicos os mais exatos possíveis: século XVIII, 1867, década de 1920... Porém, para um historiador interessado em compreender as múltiplas dimensões de um bairro e transformá-las em exposição, todas essas narrativas são igualmente importantes e, mais do que expressarem de maneira mais ou menos correta a "realidade" do Bom Fim, revelam diferentes formas de se apreender e de se escrever a duração, as experiências humanas no tempo e no espaço, a história, enfim.

⁴Franco, Sérgio da Costa. Porto Alegre: guia histórico. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2006. p. 75-6.

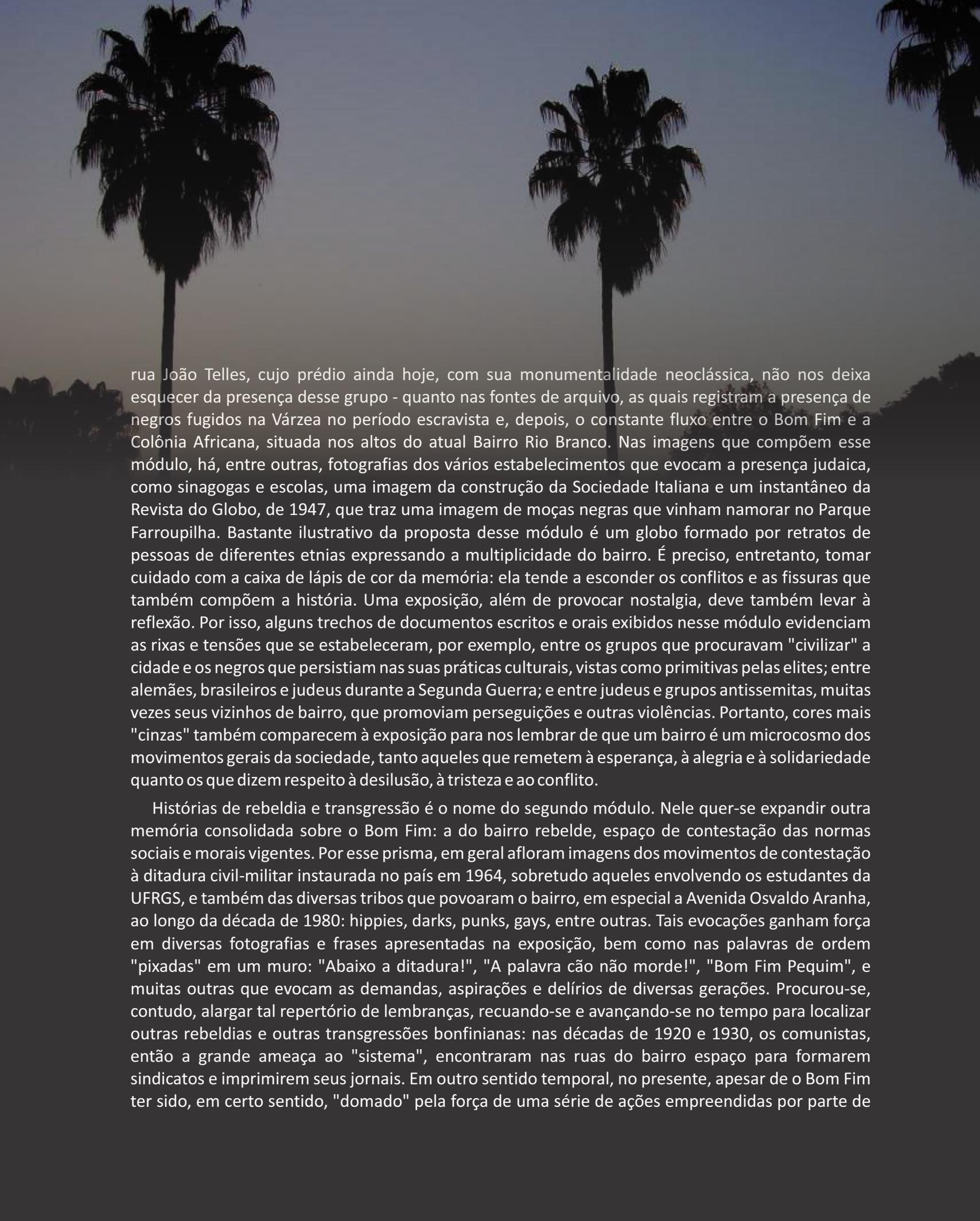
⁵De Certeau, Michel. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Vozes, 1996.

recortes e seleções, o que implica igualmente omissões, silêncios e esquecimentos. Afinal, tanto a história como a memória não trazem "todo" o passado; trazem, sim, de forma sempre modificada, aqueles passados que parecem relevantes ao historiador e a quem lembra, a partir de suas referências presentes pessoais e sociais. Ciente desse inevitável risco, inspirei-me em dois autores para tentar dar conta da verdadeira "orgia narrativa" ligada ao Bom Fim. O primeiro é o historiador francês Michel de Certeau, que em sua obra "A invenção do cotidiano" evidencia duas formas de se enxergar uma cidade - e, no meu caso, um bairro: o olho "onividente" de quem olha de cima, de quem consegue apreender os contornos gerais do espaço e que procura concentrar o poder de tomar as decisões sobre os traçados e fluxos urbanos; e o olho dos "praticantes da cidade", daqueles que se perdem em suas vias, dos que tomam suas decisões a respeito do viver na urbe baseadas não apenas em cálculos racionais, mas sobretudo em afetos, experiências e memórias.⁵ Tal compreensão serviu-me como guia para pensar toda a exposição e está expressa no painel que abre a mostra, em que o mapa e os dados factuais sobre a Avenida Osvaldo Aranha representam o bairro oficial, e o vídeo, produzido pela UFRGS TV, mostrando os trajetos de variadas pessoas, simboliza o bairro vivido.

A segunda inspiração veio do nosso saudoso escritor Moacyr Scliar, morador por muitos anos e grande intérprete do bairro, que nos deu a honra de prestigiar a abertura da exposição. Em uma entrevista, ele declarou: "Há muitas histórias sobre o Bom Fim, e eu continuo ouvindo".⁶ Lendo isso, tive um estalo e logo perguntei: mas afinal, que histórias o Bom Fim conta? Essa foi a questão norteadora da mostra, que permitiu organizar as múltiplas narrativas das quais falei antes, conferindo-lhes sentido, ou melhor, um sentido entre muitos outros possíveis. A partir daí empreendeu-se uma pesquisa em acervos públicos e privados e a identificação de fontes escritas, imagéticas, sonoras e orais que possibilitaram recompor uma parte das muitas histórias do Bom Fim, tanto do ponto de vista oficial como a partir da perspectiva de seus moradores e frequentadores: documentos do poder público, jornais, mapas, cartazes, fotografias, programas e flyers de shows, peças teatrais e outros espetáculos, filmes, objetos, músicas, entrevistas... fragmentos de outros tempos que, ao serem agrupados, legendados e exibidos em um Museu, ganham sentidos diversos daqueles que tinham no passado, tornando-se ícones do Bom Fim. Com esse material, foram organizados os quatro módulos que compõem a exposição, agrupados, como foi dito, pela pergunta: que histórias o Bom Fim conta?

O primeiro, embora não se tenha estabelecido uma hierarquia entre eles nem um percurso desejável, intitula-se Histórias de terras distantes, e tem como objetivo mostrar alguns dos grupos étnicos que constituíram o bairro: homens e mulheres que vieram de muito longe, com suas dores e esperanças, e escolheram o Bom Fim como refúgio, lar, local de trabalho, espaço de diversão, entre outras possibilidades. Na memória coletiva de Porto Alegre, cristalizou-se a imagem do Bom Fim como bairro judeu. Sem dúvida, ao longo do século XX, e principalmente depois da Segunda Guerra, muitos judeus vieram principalmente da Europa do Leste, fugindo da fome e das perseguições, e ali se instalaram, constituindo suas redes profissionais, comunitárias e religiosas: pequenos estabelecimentos comerciais, sinagogas, escolas, centros de cultura deram uma feição peculiar ao bairro, marcando a maneira como ele e seus habitantes passaram a ser vistos pelo resto da cidade. Contudo, como qualquer memória cristalizada, essa também oculta outras experiências e imagens. Antes, durante e após a chegada dos judeus, outros grupos étnicos também aportaram ao Bom Fim. Na mostra, destacamos os negros e os italianos, mas não se pode esquecer dos alemães, dos espanhóis, entre outros. Apesar de menos visíveis, indícios de suas vivências não passam

⁶Jornal Universo IPA, ano 2, edição 6, maio de 2008.

The background of the page features a dark, monochromatic image of several palm trees silhouetted against a lighter, hazy sky. The trees are positioned in the upper half of the frame, with their fronds clearly visible. The overall aesthetic is minimalist and evocative of a tropical or coastal setting.

rua João Telles, cujo prédio ainda hoje, com sua monumentalidade neoclássica, não nos deixa esquecer da presença desse grupo - quanto nas fontes de arquivo, as quais registram a presença de negros fugidos na Várzea no período escravista e, depois, o constante fluxo entre o Bom Fim e a Colônia Africana, situada nos altos do atual Bairro Rio Branco. Nas imagens que compõem esse módulo, há, entre outras, fotografias dos vários estabelecimentos que evocam a presença judaica, como sinagogas e escolas, uma imagem da construção da Sociedade Italiana e um instantâneo da Revista do Globo, de 1947, que traz uma imagem de moças negras que vinham namorar no Parque Farroupilha. Bastante ilustrativo da proposta desse módulo é um globo formado por retratos de pessoas de diferentes etnias expressando a multiplicidade do bairro. É preciso, entretanto, tomar cuidado com a caixa de lápis de cor da memória: ela tende a esconder os conflitos e as fissuras que também compõem a história. Uma exposição, além de provocar nostalgia, deve também levar à reflexão. Por isso, alguns trechos de documentos escritos e orais exibidos nesse módulo evidenciam as rixas e tensões que se estabeleceram, por exemplo, entre os grupos que procuravam "civilizar" a cidade e os negros que persistiam nas suas práticas culturais, vistas como primitivas pelas elites; entre alemães, brasileiros e judeus durante a Segunda Guerra; e entre judeus e grupos antissemitas, muitas vezes seus vizinhos de bairro, que promoviam perseguições e outras violências. Portanto, cores mais "cinzas" também compõem a exposição para nos lembrar de que um bairro é um microcosmo dos movimentos gerais da sociedade, tanto aqueles que remetem à esperança, à alegria e à solidariedade quanto os que dizem respeito à desilusão, à tristeza e ao conflito.

Histórias de rebeldia e transgressão é o nome do segundo módulo. Nele quer-se expandir outra memória consolidada sobre o Bom Fim: a do bairro rebelde, espaço de contestação das normas sociais e morais vigentes. Por esse prisma, em geral afloram imagens dos movimentos de contestação à ditadura civil-militar instaurada no país em 1964, sobretudo aqueles envolvendo os estudantes da UFRGS, e também das diversas tribos que povoaram o bairro, em especial a Avenida Osvaldo Aranha, ao longo da década de 1980: hippies, darks, punks, gays, entre outras. Tais evocações ganham força em diversas fotografias e frases apresentadas na exposição, bem como nas palavras de ordem "pixadas" em um muro: "Abaixo a ditadura!", "A palavra cão não morde!", "Bom Fim Pequim", e muitas outras que evocam as demandas, aspirações e delírios de diversas gerações. Procurou-se, contudo, alargar tal repertório de lembranças, recuando-se e avançando-se no tempo para localizar outras rebeldias e outras transgressões bonfinianas: nas décadas de 1920 e 1930, os comunistas, então a grande ameaça ao "sistema", encontraram nas ruas do bairro espaço para formarem sindicatos e imprimirem seus jornais. Em outro sentido temporal, no presente, apesar de o Bom Fim ter sido, em certo sentido, "domado" pela força de uma série de ações empreendidas por parte de

"misturado" da noite da cidade, e outros grupos seguem usando suas ruas para se manifestar, como acontece na Parada Gay que, todos os anos, contorna o Parque Farroupilha, reivindicando a igualdade de direitos e o fim da homofobia. Dessa forma, na mostra, ganham visibilidade muitas rebeldias e transgressões, com sentidos, objetivos e alvos diversos, que ecoam no presente, lembrando o potencial de criação, de utopia e de prefiguração do futuro que pode habitar as pedras de uma cidade e de um bairro. Já em Histórias imaginárias o foco recai na produção cultural do e sobre o Bom Fim. Aqui, a intenção é mostrar as diversas linguagens artísticas que foram articuladas no bairro, bem como as que o tomaram como cenário e/ou fonte de inspiração. Pequenos versos (quem não se lembra do "Alô tchurma do Bonfim!", de Kleiton e Kledir?), composições inteiras (como "Berlim Bom Fim", de Nei Lisboa e Hique Gomes), trechos de filmes, fotografias, imagens estampadas em cartazes, flyers, camisetas, capas de disco e matérias da imprensa ajudaram a compor um imaginário sobre o bairro, no qual afloram referências sonoras e visuais que evocam os espetáculos ocorridos no Salão de Atos da UFRGS, no Clube de Cultura, no Auditório Araújo Viana e no Ocidente, bem como cenas de filmes como o clássico "Deu prá ti anos 70!". Da mesma forma, o público consumidor de literatura delineou um Bom Fim com as palavras de muitos escritores, entre os quais se destaca, é claro, Moacyr Scliar, cujo "Guerra do Bom Fim" teve um papel fundamental na "construção mental" do bairro. Não é à toa que, nesse romance, ele disse considerar o Bom Fim "um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre".⁷ Pois bem, esse módulo da exposição exhibe sons, imagens e palavras desse "pequeno país" a fim de propor uma reflexão: existe - ou existiu - uma cultura do Bom Fim?

Falemos agora de Histórias diurnas e noturnas. O Bom Fim do comércio, das feiras, das escolas, dos esportes e passeios no parque, dos almoços a quilo, do fluxo intenso de veículos e pedestres na Avenida Osvaldo Aranha é o mesmo Bom Fim dos bares, do ir e vir ziguezagueante pelas ruas de cerveja na mão, dos encontros sexuais furtivos na "Redenção", dos grupos de jovens que povoaram a mesma Osvaldo ao longo de muitos anos, assustando os moradores e conferindo àquele espaço sua aura boêmia? Entre luzes e sombras, o dia e a noite constroem bairros diversos, com espaços e pessoas diferentes que, ao nascer do sol ou ao cair da noite, podem se encontrar. Para dar conta dessas diferentes "iluminações" do Bom Fim, uma instalação propõe uma viagem frenética de 24 horas em poucos minutos. Uma equipe da UFRGS TV filmou a principal via do bairro, a tão falada Osvaldo, ao longo de todo um dia, e, na mostra, tal duração foi encurtada, possibilitando ao visitante experimentar o Bom Fim diurno e o Bom Fim noturno, compará-los e curtir-los num piscar de olhos. Porém, dia e noite não são experiências homogêneas para todos os moradores e frequentadores, nem para todas as épocas. Por exemplo, as personagens que abriram este texto, Ida e Cikuta, evocaram, em seus depoimentos, lembranças noturnas, mas certamente não estavam falando da mesma noite: a primeira lembrou de passeios de moças e rapazes em uma cidade quase provinciana, quando não havia "problema nenhum"; a segunda, de um ritual psicodélico agregando vários grupos característicos da cidade (pós) moderna. Da mesma forma, o dia do empregado de uma das inúmeras lojas de móveis típicas do Bom Fim em nada se parece com o dia de um dos rabinos que, com sua família, traça seus itinerários entre as sinagogas e as lojas de comida kosher. Além disso, talvez se possa dizer que, em certas épocas, a noite venceu o dia, como parece ter sido o caso da década de 1980, e, em outras, deu-se o contrário, talvez nos anos 90. Mas, como potencialidade, dia e noite convivem, conflitam-se e mesclam-se, possibilitando o aparecimento de muitas outras histórias. Agora, depois de ouvir/ver tantas histórias, nada melhor do que parar um pouco e relaxar, e o melhor lugar para isso é, sem dúvida, a mesa de um bar. No mezanino do Museu, o "Bar Bom Fim"

⁷Scliar, Moacyr. Guerra do Bom Fim. Porto Alegre: L&PM, 1997.

A photograph of a building facade with a sign that reads "ETIQUETA POPULAR". The sign is white with black text and is mounted on a metal pole. The building has a curved roof and a window with a decorative pattern. The background is a clear blue sky.

ETIQUETA POPULAR

do João, o Alaska, o Marius e o Copa 70. Nas suas mesas e no seu balcão, talvez surjam lembranças dos copos de cerveja, café ou suco, do X-burguer engordurado, dos vidros coloridos com todos os tipos de cachaça, da jukebox, do banheiro fétido, das intermináveis conversas nas quais afloravam os mais diferentes projetos de mudança social, das panfletagens clandestinas e da distribuição de jornais alternativos que marcaram os anos finais da ditadura, dos "ataques" da polícia em busca de drogas: gostos, cheiros, ideias, revoluções, medos - muita coisa passou pelo inesquecível "Bar Bom Fim".

No espaço da exposição também se quis brincar com a ideia mesma de musealizar um bairro e as experiências individuais e sociais que nele tiveram/têm lugar. Um copo, um porta-canudos e uma máquina de fazer sucos, ao serem legendados e expostos em vitrines, ganham a dignidade de peças de museu; abandonam o cotidiano e se tornam ícones de outros tempos. Na montagem desse setor, percorram-se alguns bares emblemáticos do Bom Fim, "sobreviventes" de outras épocas, vários deles completamente modificados, pedindo-se aos proprietários que doassem peças para uma exposição no Museu da UFRGS. Um deles entregou um espremedor de laranjas, dizendo: "Nosso bar começou com café e suco, então tem que ser algo que se refira a um dos dois". Outro ia entregar um copo de café limpinho, mas uma antiga frequentadora retrucou: "Não, entrega aquele manchado, era nesses que a gente bebia café no Lola (antigo nome do estabelecimento)". Por fim, a proprietária de outro bar cedeu um porta-canudos ressaltando que essa era a peça mais antiga que tinha. Ou seja, nesse rápido exercício, foi possível perceber os valores e características que as "pessoas comuns" - os "homens ordinários" dos quais fala Certeau - atribuem aos objetos considerados dignos de ingressarem em um espaço museológico: ligação com as "origens", antiguidade, vínculo com experiências marcantes vividas em outros tempos. Enfim, seguindo o entendimento já mencionado de que, mais do que contemplações nostálgicas, uma exposição sempre deve suscitar questionamentos e reflexões, lança-se a pergunta: que estranha magia é essa que o Museu opera com os objetos que adentram em seus domínios?

O objetivo do bar é ainda abrigar manifestações culturais que dialoguem com o conteúdo da exposição. Em uma de suas paredes, transcorrerão três mostras fotográficas: duas sob responsabilidade do Núcleo de Antropologia Visual da UFRGS, que promoveu a realização de etnografias do bairro, as quais produziram narrativas relativas à "estética da violência" característica da atualidade, quando cercas físicas e imaginárias buscam distanciar o morador do "outro", do diferente, sempre visto como ameaçador, e às variadas maneiras de se trabalhar no Bom Fim; e outra coordenada pelo Projeto Cidade das Crianças, que busca o olhar infantil sobre essa região da cidade.

mais: todos aqueles que tiverem vivências fortes associadas ao Bom Fim, quer como moradores, quer como frequentadores, poderão agendar uma hora para, nas mesas do bar, deixarem registrados seus depoimentos para a posteridade. Afinal, assim como Scliar afirmou na frase-eixo da exposição, também queremos "continuar ouvindo" as muitas histórias do Bom Fim...

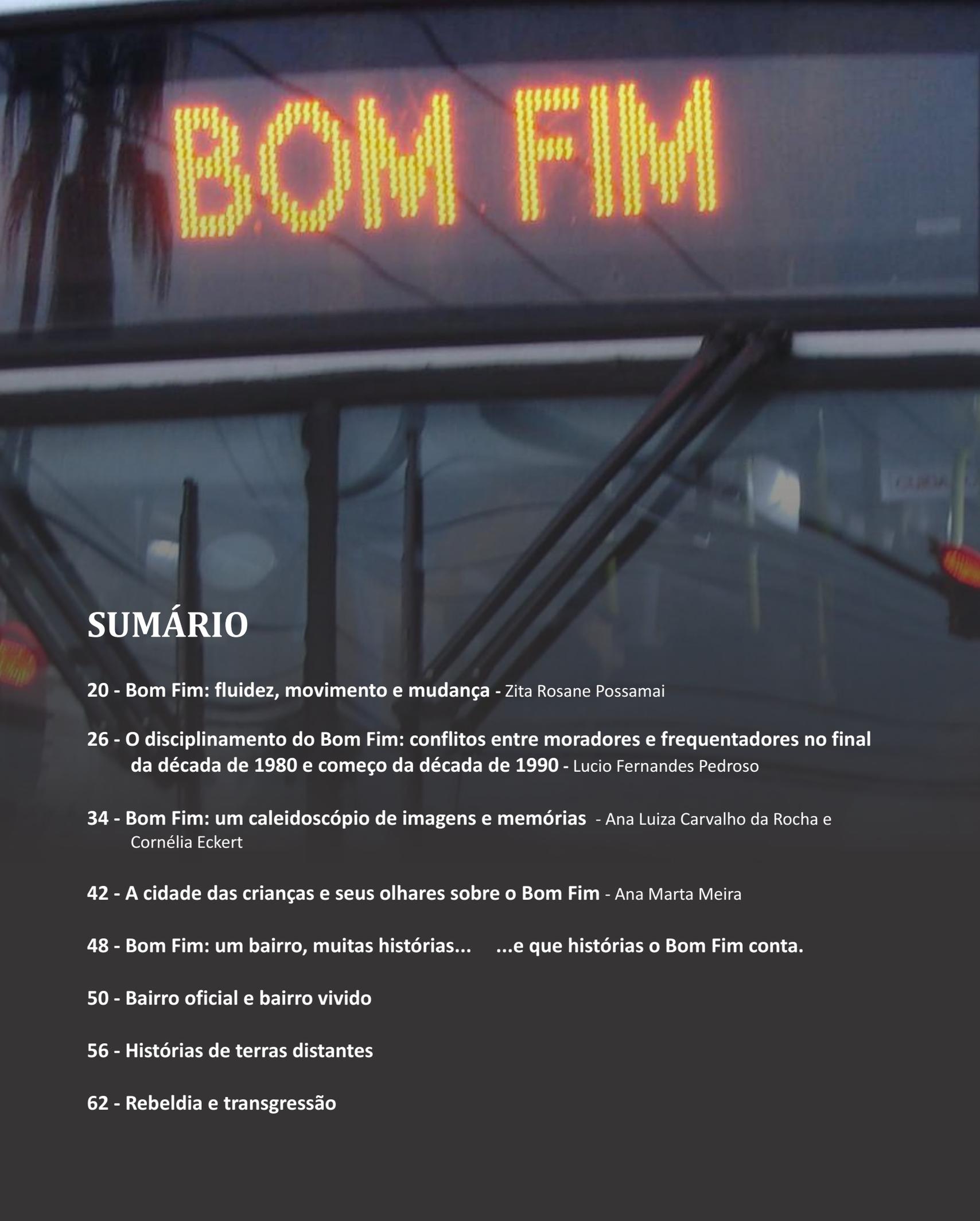
Em outro espaço da exposição, propõe-se uma viagem virtual pelas ruas do bairro, com paradas estratégicas para conhecer alguns de seus locais mais significativos. Esse feito é possível porque professores e alunos do Curso de Informática da UFRGS, em parceria com os curadores, construíram um game onde se pode andar por alguns dos vários caminhos do Bom Fim. Nesse caso, a tecnologia coloca-se a serviço da história e da memória, possibilitando aos visitantes perderem-se e encontrarem-se, estabelecendo seus próprios percursos e construindo suas referências físicas e afetivas a respeito desse espaço de Porto Alegre.

Cabe, por fim, salientar que a exposição "Bom Fim: um bairro, muitas histórias" teve como motivação inicial os encontros, os diálogos e as atividades comuns propiciados pelo projeto "Corredor Cultural Bom Fim" que, desde 2008, vem aglutinando as instituições culturais e livrarias do bairro com o objetivo de dar visibilidade a seus acervos, realizar ações conjuntas e, em consequência, contribuir para a revitalização do Bom Fim. Com esse intuito, elaborou-se o mapa e o site do Corredor Cultural e foram promovidas duas feiras do livro da cultura: uma, em 2009, no estacionamento do Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul, e outra, no ano seguinte, no pátio interno do Colégio Militar. A próxima terá lugar no Campus Central da UFRGS, de forma integrada com a exposição. Foi a cinergia criada por tal iniciativa o impulso inicial para que a mostra fosse concebida.

Além disso, foi estimulante a ideia de valorizar o acervo do Museu da UFRGS, que inclui coleções de imagens muito significativas da história de Porto Alegre e da UFRGS; a possibilidade de pensar a relação da Universidade com o seu entorno mais próximo (afinal, o Bom Fim não é também o "pátio" da UFRGS?); e a proposta de se construir uma visão pluridisciplinar do bairro. Para tanto, tiveram papel fundamental as contribuições dos colegas da Antropologia (profa. Cornélia Eckert e sua equipe), da Informática (prof. Anderson Maciel e sua equipe), da Letras (prof. Luís Augusto Fischer) e da Museologia (profa. Zita Possamai), bem como o trabalho perfeitamente integrado com a equipe do Museu da UFRGS. A todos, o meu muito obrigado.

Espero, de coração, que a exposição tenha feito jus às vivências e sonhos de Ida, Cikuta e de tantos outros homens e mulheres que escolheram o bairro como local de moradia, trabalho e diversão; de todos aqueles, enfim, que moram no Bom Fim ou que, como eu, "se sentem" do Bom Fim. Que, para retomar as palavras de Scliar, nosso curador de honra a quem esse catálogo é dedicado, este pequeno país possa continuar a nos contar muitas e muitas histórias...

Porto Alegre, fim de verão, 2011.



BOM FIM

SUMÁRIO

20 - Bom Fim: fluidez, movimento e mudança - Zita Rosane Possamai

26 - O disciplinamento do Bom Fim: conflitos entre moradores e frequentadores no final da década de 1980 e começo da década de 1990 - Lucio Fernandes Pedroso

34 - Bom Fim: um caleidoscópio de imagens e memórias - Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert

42 - A cidade das crianças e seus olhares sobre o Bom Fim - Ana Marta Meira

48 - Bom Fim: um bairro, muitas histórias... ..e que histórias o Bom Fim conta.

50 - Bairro oficial e bairro vivido

56 - Histórias de terras distantes

62 - Rebeldia e transgressão



68 - Histórias imaginárias

A imaginação e a cidade - Luis Augusto Fischer

76 - Histórias diurnas e noturnas

80 - Jogo Bom Fim

82 - Museografia

A Exposição Bom Fim: um bairro muitas histórias - Elcio Rossini

84 - Corredor Cultural

86 - Da mesa do bar ao museu

88 - Exercício de antropologia social: em estudo de caso no bairro Bom Fim

Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert

92 - Cidade das Crianças

Fragmentos as fotografias e conversas no bairro Bom Fim - Ana Marta Meira



Bom Fim: fluidez, movimento e mudança

Zita Rosane Possamai

*Já vejo casas ocupadas
As portas desenhadas
No vergonhoso muro da Mauá
Os velhos nos cafés
O Bar João em plena Kriegstrasse
A saga violenta desse parque
O cinza da cidade partido verde ao meio
Cheiros peculiares ao recheio
De um bolo de concreto
Repleto de chucrute e rock'n roll
E depois da meia-noite
A fauna ensandecida do Ocidente
Digitando em frente ao Metropol
Berlim, Bom Fim
Berlim, Bom Fim
Nei Lisboa*

O músico Nei Lisboa é minha inspiração para a escrita sobre o bairro Bom Fim, sob o viés dos museus e dos patrimônios. O Bom Fim é arredo a uma tentativa de fixação de uma imagem configurada numa concepção tradicional de patrimônio ou de museu. Para pensar o bairro nessa perspectiva é necessário trilhar percursos conceituais que vêm enriquecendo e dando complexidade ao que se compreende por patrimônio e por museu.

A preocupação com o patrimônio no Brasil nasce com a mirada direcionada ao material. Embora Mario de Andrade tenha sido visionário em pensar a cultura brasileira como componente de seu patrimônio, a pena da lei impôs uma visão mais restritiva que limitou o patrimônio brasileiro aos fatos e personagens memoráveis da história do Brasil (Gonçalves, 1996; Fonseca, 1997). Assim, são os vestígios de pedra e cal aqueles elementos considerados mais relevantes para serem preservados num primeiro momento. Igrejas, fortes e palácios foram destacados por sua monumentalidade e por sua referência aos primeiros séculos de colonização portuguesa no território hoje brasileiro.

Preservar na acepção ocidental, herdada pela concepção brasileira, é proteger da destruição e da descaracterização de seus elementos considerados originários. Inevitavelmente, a imagem das cidades históricas e dos centros históricos é de relativa fixidez. Paradoxalmente, as cidades que não sucumbiram ao progresso econômico e não vivenciaram a modernização urbana na primeira metade do século XX foram justamente aquelas que receberam um olhar para a sua patrimonialização. Nesse quadro, a imagem de uma cidade histórica permanece. Ou deveria permanecer. E é essa característica de parecer conter o deus Cronos que atrai a imaginação humana, ávida por conhecer lugares que restaram do passado e que fugiram à fúria avassaladora da modernidade ocidental.

Pode-se pensar numa imagem de cidade histórica ou centro preservado, como outros exemplos brasileiros e mesmo na cidade de Porto Alegre, para o Bairro Bom Fim? Certamente que não. As casas ocupadas e as portas desenhadas da paisagem arquitetônica do bairro, mencionadas em *Berlim, Bom Fim* por Nei Lisboa, imperativamente estão marcadas pela fluidez, pelo movimento e pela mudança. Poucos elementos materiais



do bairro persistem de outras épocas. O Bom Fim não figura entre os bairros de Porto Alegre a exemplo do Centro Histórico, da Cidade Baixa, do antigo Quarto Distrito a ter sua paisagem arquitetônica preservada para as futuras gerações.

O que há no bairro são elementos isolados e selecionados para perdurarem. Uma dessas presenças do passado no bairro é a Capela do Bom Fim, localizada quase na saída do atual túnel da Conceição. Sua pedra fundamental fora lançada em 1867, e a capela acabou por denominar o Campo do Bom Fim e o bairro, posteriormente (Franco, 1992). Essa edificação centenária vem sendo e, provavelmente, será testemunha das alterações urbanas da sua vizinhança. Isso porque, nos anos 1970, a sociedade porto-alegrense - leiam-se intelectuais, imprensa e poder público municipal defenderam a preservação de vários edifícios remanescentes dos séculos XVIII e XIX e que, apesar do implacável tempo, continuavam resistindo na paisagem de uma Porto Alegre que avançava a passos largos e autoritários para desenhar no seu espaço urbano viadutos, elevadas, perimetrais e o vergonhoso muro da Mauá. Graças a esses abnegados, hoje se podem apreciar, no espaço urbano da cidade, edificações como o Mercado Público, a Usina do Gasômetro, o Solar Lopo Gonçalves, a Igreja da Conceição, o Edifício Ely e a Capela do Bom Fim (Giovanaz, 1999; Possamai, 2000; Meira, 2004).

Outras edificações marcam a paisagem do bairro, como o Instituto de Educação, o Auditório Araújo Viana, o Mercado do Bom Fim, a Igreja do Divino Espírito Santo, a Igreja Santa Terezinha e o Colégio Militar, sem mencionar as edificações do Campus Central da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no limite do bairro com a área central. Além das edificações, o Monumento ao Expedicionário, integrado ao Parque da Redenção, é, sem dúvida, a obra de arte pública de maior vulto e imponência naquelas imediações.

Mas um porto-alegrense não teria dúvida em afirmar que o Bom Fim é um bairro com uma imagem bastante marcante, ainda que se trate de uma imagem visual. A Avenida Oswaldo Aranha, a Avenida José Bonifácio, a Avenida Venâncio Aires e o Parque da Redenção são, nesse sentido, elementos importantes por dotarem o Bom Fim de uma identidade visual ou de uma visualidade própria, no início do século XXI.

O Parque Farroupilha, a várzea de outrora (Franco, 1992), recebeu as iniciativas de urbanização mais incisivas por ocasião da preparação daquela área para abrigar a Exposição do Centenário da Revolução Farroupilha, inaugurada em 20 de setembro de 1935. Até então, aquela era área alagadiça, parcamente habitada e utilizada para abrigar eventos temporários, como as exposições regionais.

É a Redenção, como carinhosamente os porto-alegrenses chamam o parque, uma presença marcante no bairro. Essa presença bifurca-se: o primeiro caminho é certamente visual, o desenho do parque, proposto pelo urbanista francês Alfredo Agache, e enriquecido por recantos, alamedas e jardins, estruturando uma área verde que dialoga com os bairros Santana, Cidade Baixa, Centro, além do Bom Fim. As estações do ano vividas em Porto Alegre e no Sul do Brasil nos proporcionam árvores no parque e suas flores a pintar uma visualidade própria da cidade, com matizes entre o lilás dos jacarandás e o amarelo dos ipês. O segundo caminho é o da efervescência cultural, que tangencia o parque e adentra seus espaços.

O Bom Fim é um bairro com uma cultura particular que dá personalidade à cidade. O encontro de diferentes etnias fez e faz do bairro um caldeirão multifacetado. Em tempos mais longínquos, os escravos fujões buscavam a várzea para se esconderem. Não é à toa que a Colônia Africana vai se formando nas suas imediações, nas encostas da cidade limitada entre os altos da Praça do Portão e a ponta do promontório -, subindo em direção aos hoje bairros Rio Branco e Mont Serrat. Depois foram chegando os imigrantes europeus: italianos, judeus, alemães. Ainda hoje, no seu petit commerce, é possível o contato com essas culturas, assim como, por ocasião das festas e dos ritos religiosos, podem ser vislumbradas as diferenças entre católicos e judeus nas igrejas e sinagogas.

Mas o Bom Fim não apenas vivencia essa cultura de diferentes etnias e grupos que o habitam, mas atrai para seus espaços as práticas culturais de diversos grupos da cidade, que transformam principalmente o Brique da Redenção, aos domingos, em arena cultural e política. Nessa perspectiva, as feiras de produtos orgânicos, artesanato ou de antiguidades configuram-se para além da comercialização, amalgamando desejos, práticas, vivências e projetos de vida e de transformação do mundo. Comprar na feira ecológica, andar de bicicleta, caminhar ou correr pelas alamedas do parque são práticas que sintetizam habitus de grupos específicos. Navegando entre o universal e o local, no Bom Fim os porto-alegrenses desejam ser globais.

De algum modo, essa fauna ensandecida cantada por Nei Lisboa alterou-se com o decorrer dos anos. Os anos da ditadura Militar e os 1980 já se foram. No século XXI, a parada gay ganha as ruas da Oswaldo Aranha e da José Bonifácio, ao passo que a juventude vestida de preto e portando piercings em várias partes do corpo fazem da rua o seu lugar de sociabilidade, relegando os shoppings dos anos 1990 como local de convívio. Isso sem falar dos outsiders, que delineiam a saga violenta desse parque, onde, sobretudo, o uso de drogas joga na desesperança adultos, jovens, mulheres, crianças. Ironicamente, o cinza da cidade parece ter o verde do parque como território livre, onde habitam moradores de rua, prostitutas, alcoólicos e drogados de toda sorte.

À primeira mirada, essa multifacetada fauna pode parecer contrastar com a perspectiva de um bairro histórico. No entanto, ao contrário, é justamente essa diversidade que dá vida ao espaço urbano. As diferentes apropriações sociais e culturais dos limites geográficos conformadores do Bom Fim o fazem único, espalhando essa particularidade a Porto Alegre como um todo. A cidade está para o Bom Fim assim como o bairro está para Porto Alegre.

Se quisermos pensar o Bom Fim como patrimônio da cidade, precisaremos ousar e pensar em patrimônios no plural, além de concebê-lo em algo menos relacionado à fixidez e à permanência. No Bom Fim, além de arquitetônico e ambiental, os patrimônios configuram-se como históricos e culturais. Muito além do sentido burocrático e limitado de intangível ou imaterial, que busca o original e o típico. Mas no sentido do movimento da história e da cultura, que nega qualquer tentativa de fixação.



No Bom Fim a permanência do parque, do traçado das avenidas, da materialidade das edificações e dos monumentos reveste-se de dinâmica, mudança e movimento. Mudam as pessoas e os grupos, e com estes as relações e significados atribuídos ao espaço, ao edifício, ao monumento e ao parque. Ontem, foram os escravos que encontraram abrigo na várzea; mais recentemente, os estudantes e militantes que tramavam contra o regime autoritário ou as tribos que buscavam diversão. Hoje, pode ser o colorido sexual que quer expressar outros matizes; ou os idosos que tomam os parques porque tem mais tempo de vida após uma existência dedicada ao trabalho; ou os kaingang e guarani que buscam vender seu artesanato. Enfim, são incontáveis as possibilidades que fazem do Bom Fim o que ele é.

Se no Bom Fim o sentido de patrimônio reveste-se de pluralidade e movimento, o que dizer da ideia de um museu na perspectiva do bairro? Essa seria uma ideia boa para pensar o bairro?

O Bom Fim possui várias instituições, localizadas em seus limites, que se preocupam com a preservação dos vestígios da memória da cidade ou de grupos sociais, com vistas à valorização, ao conhecimento, à fruição e à educação. Nesse sentido, o bairro já contém vários museus, embora não necessariamente levem essa denominação estrita. Além disso, relevantes documentos históricos produzidos no Bom Fim, como o acervo do fotógrafo Sioma Breitman, estão devidamente preservados em instituições museológicas de espectro mais abrangente, como o Museu de Porto Alegre, localizado no bairro Cidade Baixa.

De outro modo, seria possível pensar o Bom Fim como um museu a céu aberto? Pode-se, sim, pensar o espaço urbano da cidade como um museu a céu aberto. E musealizar o Bom Fim? Se musealizar (Desvallées; Mairesse, 2010) significar petrificar e congelar no tempo, transformando o bairro em cenário de encenação de uma vida cotidiana pretérita, obviamente que não. Conforme visto acima, o Bom Fim furta-se rebelde às rédeas da imobilidade.

No entanto, se musealizar significar proporcionar melhor compreensão dos processos históricos vividos pelo bairro e sua conformação na cidade, abre-se uma perspectiva interessante. Nesse sentido, o espaço urbano abrir-se-ia para uma escrita interpretativa sobre a memória, a história e a cultura. Se o desenho do

bairro não possibilita entendê-lo ao leitor ou transeunte desavisado, musealizar aqui teria o sentido de propiciar a leitura da cidade, ou as leituras, no plural, produzidas por diferentes autores e atores ao longo do tempo.

O Bom Fim, dessa forma interpretado, poderia abrir corações e mentes para um contato com as diferenças que habitam e habitaram o lugar. Ao olhar do passante ocasional ou do morador do bairro, outros olhares seriam agregados, permitindo o vislumbre de contrastes, estranhamentos ou aproximações. O bairro, assim, deixa de ser apenas cenário de manifestações culturais que não dialogam entre si e por vezes entram em conflito para se tornar arena de diálogo entre grupos e etnias.

O poema de Nei Lisboa, como toda arte, reserva muitas outras possibilidades de olhar, interpretar e escrever o Bom Fim. Aqui não pretendi esgotá-lo, ao contrário, Berlim, Bom Fim foi considerado apenas como sugestão de percurso. A riqueza da vida do bairro e das gentes que o habitam dificulta as tentativas de representá-lo. A melhor forma de compreender o Bom Fim é vivenciá-lo.

Referências

- DESVALLÉES, André; MAIRESSE, François. *Conceptes clés de muséologie*. Paris: Armand Colin/ICOM, 2010.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. *O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/Minc-IPHAN, 1997.
- FRANCO, Sérgio da Costa. *Guia histórico de Porto Alegre*. 2. ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1992.
- GIOVANAZ, Marlise. *Lugares de História: a preservação patrimonial em Porto Alegre (1960-1979)*. Porto Alegre, 1999. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ/IPHAN, 1996.
- LISBOA, Nei; GOMES, Hique. *Berlim, Bom Fim*. In: Nei Lisboa: carecas da Jamaica. Emi-Odeon, 1987.
- MEIRA, Ana Lúcia Goelzer. *O passado no futuro da cidade: políticas públicas e participação popular na preservação do patrimônio cultural de Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.
- POSSAMAI, Z. R. *Nos bastidores do museu: patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre*. Porto Alegre: Est Edições, 20001.
- POSSAMAI, Zita Rosane. *A escrita da cidade: o projeto de interpretação do Centro Histórico de Porto Alegre (Especial Programa Monumenta parte II)*. Porto & Vírgula, Porto Alegre, n. 53, Abril/Maio/Junho, 2004.
- VARGAS, Pedro. *Interpretação do espaço urbano e as possibilidades de leituras da cidade*. In: POSSAMAI, Zita (Org.). *Leituras da cidade*. Porto Alegre, Evangraf, 2010. P. 283-296.

UMA
SUA
TUA
SUA

- ANDAR - *
DEVAGAR
- RESPIRAR - *
FUNDO
- OLHAR -
NOS OLHOS
- SENTIR -
NA ALMA



VOCE VIVE?

QUANTAS HORAS DO SEU DIA

O DISCIPLINAMENTO DO BOM FIM: CONFLITOS ENTRE MORADORES E FREQUENTADORES NO FINAL DA DÉCADA DE 1980 E COMEÇO DA DÉCADA DE 1990

*Lucio Fernandes Pedroso**

Desde a década de 1970, o bairro Bom Fim estava se tornando uma referência boêmia para os jovens em Porto Alegre. Na década de 1980, o movimento se espalhou pela avenida, pelo parque, pelo bairro adentro. Jovens de toda a cidade e da Região Metropolitana vinham ao bairro por vários caminhos. A presença de pessoas tão estranhas para o cotidiano dos antigos moradores não foi aceita durante duas décadas de transgressão no Bom Fim. Os moradores começaram a sentir medo daquela invasão.

Zona Conflagrada

Um veterano policial, que já atuou em quase todas as áreas da Polícia Civil gaúcha, é de opinião que atualmente o bairro com maiores problemas no que diz respeito a brigas, arruaças, gente drogada e outros problemas do gênero é o antigamente pacato Bonfim. O Policial refere-se especificamente à Avenida Osvaldo Aranha. Pode-se dizer que o Parque da Redenção é hoje mais tranquilo que o outro lado da calçada da Osvaldo Aranha, enfatizou ele. Não é opinião isolada. Pela noite aquela zona se transforma perigosamente.¹

O policial em questão dá destaque às “brigas, arruaças, gente drogada e outros problemas do gênero”. No box da matéria, consta uma foto da Avenida Osvaldo Aranha com a legenda: “o velho Bonfim conflagrado: zona muito violenta”. A definição do bairro como sendo um lugar “muito violento” deve-se a diferentes visões culturais do que é violência e à incompreensão, por parte dos moradores, das práticas urbanas introduzidas pelos jovens que frequentaram o bairro a partir de 1980. Nesse período, a cidade sentia o impacto das transformações causadas pelo aumento populacional e urbano. Junto dessas mudanças veio o aumento do índice de crimes e do medo. No entanto, a sensação de crescimento da violência não está intrinsecamente vinculada à elevação real e estatística de ações violentas. Existem aspectos culturais das comunidades urbanas e fatos específicos que incitam debates sobre o tema nos espaços públicos do bairro. A mídia apresentava também cada vez mais tendência a dar destaque ao assunto. Porém, não é possível determinar que ocorria um aumento real da violência porque houve mais notícias sobre o tema. Também não se pode concluir que o medo da violência aumentou por causa dos jornais. A recepção dessas notícias valoriza alguns aspectos em detrimento de outros, de acordo com os interesses e valores dos receptores. As impressões dos moradores de que no Bom Fim havia mais violência decorria de vários fatores, entre eles a incompreensão das novas práticas introduzidas naquele espaço, as transformações urbanas, a experiência individual dos moradores e os discursos de combate à violência.

A partir da década de 1970 e, principalmente, da de 1980, o bairro sofreu mudanças urbanísticas que o tornou importante acesso ao Centro. Aos poucos, o Bom Fim começou a perder as suas características comunitárias, de uso preponderantemente residencial, e a se transformar em uma extensão do Centro, abrigando prédios comerciais. A cidade mudou, e essas mudanças trouxeram para o “pacato” bairro os problemas dos grandes centros urbanos: pobreza, desigualdade econômica e social, individualismo, perda dos laços associativos e violência. Houve aumento de crimes com o crescimento da cidade, mas isso não quer dizer que existiu correlação entre o sentimento de medo da população e o crescimento real da violência no final da década de 1980 e começo da década de 1990. Em alguns anos do começo dessa última, de acordo com

* Historiador. Mestre em História pela UFRGS.

¹ Zona conflagrada. Zero Hora, 17 de junho de 1985. p. 3.



estatísticas da Fundação de Economia e Estatística, o número de homicídios diminuiu na região metropolitana, enquanto isso, nos jornais, crescia a apreensão com o aumento da violência. A percepção da violência é subjetiva e construída a partir da experiência pessoal e social no cotidiano e a partir das representações dos habitantes da cidade.²

O Bom Fim era o lugar da memória dos antigos moradores. As ruas e edificações articulavam as lembranças dos habitantes do bairro. Esse era o sentimento do vereador e advogado Isaac Ainhorn: “Eu acho que aquelas ruas, aqueles estabelecimentos, aqueles prédios antigos, alguns deles já substituídos por edifícios portentosos, eles por si só falam. Aquilo é uma história muito viva e muito presente.”³ Em tal perspectiva, esse local invadido por práticas estranhas e transformado pela construção de prédios precisava ser protegido. Mudanças estavam ocorrendo na cidade. O Centro estava muito caro e sem espaço, provocando a migração de profissionais liberais e do comércio para o Bom Fim. Por outro lado, havia a pressão do setor imobiliário para liberar certos bairros, que tinham restrição de construção e de uso, para ampliar os índices construtivos, adensar mais e permitir o uso misto, residencial e comercial. Essas transformações e as novas práticas introduzidas nesse ambiente urbano afetaram a vida comunitária no bairro. Como afirma o jornalista e editor do jornal JÁ Bom Fim, Elmar Bones:

Um bairro que tu saías à noite e era como se fosse uma cidade do interior. As pessoas estavam sentadas na calçada, tomando chimarrão com as cadeiras de palha. As mulheres com as crianças, com os carrinhos andando. Uma cidade do interior no interior do Bom Fim ainda nesse período. De repente começou a surgir essa aglomeração na Osvaldo Aranha. A partir do Ocidente e do Lola, que criaram ali polos de atração, começou a surgir esse movimento.⁴

O Bom Fim, até 1987, estava classificado como zona exclusivamente residencial pelo Plano de Zoneamento de Uso de 1979. Segundo o 1.º Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano, as atividades comerciais e industriais eram restritas naquele espaço. Em 1987 foram realizadas mudanças no Plano diretor em relação a vários bairros, incluindo o Bom Fim. No bairro, antes da alteração, não podiam ser construídos prédios com mais de seis andares. Com a mudança, foi liberada a construção de prédios com até 17 andares. Isso mudou o perfil residencial do bairro. O adensamento da população abriu espaço para o comércio e o setor de prestação de serviços. Surgiram mais bares, lojas e bancos e, obviamente, o bairro se tornou um lugar mais visado para assaltos e furtos. Além disso, o acesso ao Bom Fim já havia sido facilitado pelas reformas da malha viária no começo da década de 1980.

Percorrendo as ruas do bairro e analisando esses prédios que surgiram no final da década de 1980, é possível ver que todos apresentam uma intensiva estrutura de segurança. Guardas, grades, muros, porteiros eletrônicos. Esses cuidados representavam o atendimento às demandas dos moradores por segurança, mas também devem ter influenciado no aumento do sentimento de insegurança. Em um bairro em que há muitas grades, muros, cercas elétricas, se tem a impressão de estar em um lugar perigoso. O escritor e médico Moacyr Scliar avaliou os efeitos dessa preocupação com a segurança no final da década de 1980 e começo de 1990:

² Vide Pedrosa, Lucio Fernandes. Transgressão do Bom Fim. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História, Porto Alegre, 2009.

³ Ainhorn, Isaac. ICJMC/Depto. de Memória. Porto Alegre, 13 de abril de 1990. Entrevista n.º 194. p. 07.

⁴ Entrevista concedida por Elmar Bones ao autor em abril de 2009.

*O Bom Fim sofreu os efeitos dessa transformação, que é vivida em todas as grandes cidades brasileiras, onde as relações interpessoais ficam muito prejudicadas pela questão da [...] Pelos problemas da segurança, pela forma de morar. [...] Hoje existe muito apartamento com porteiro eletrônico. [...] Eu acho que o Bom Fim hoje é um bairro anônimo, um bairro incomum.*⁵

Os antigos moradores sentiram profundamente as transformações urbanísticas do bairro. Lamentava o morador José Knijnik⁶: “Hoje tu vê, hoje não tem uma casinha dessas que tenha ficado para história, tudo é edifício”. Em entrevista ao jornal Zero Hora de 1986, Moacyr Scliar falou sobre as mudanças do bairro:

*Mudou muito. Era comunitário, com muitas pessoas na rua, onde havia casas pequenas, cujas portas ficavam abertas. Na minha casa nem chave tinha e o meu pai deixava o velho Chevrolet estacionado com a chave na ignição. O Bom Fim mudou porque a cidade mudou. Hoje estamos às voltas com porteiros eletrônicos e garagens bem protegidas. Mas, contudo, não vejo violência no bairro. Vejo boemia. Acredito que muitos moradores devam se sentir incomodados, especialmente com o barulho.*⁷

Na mesma matéria, o então subcomandante do 9.º Batalhão da Brigada Militar, o Major Guerra, afirma que a violência não é grande no Bom Fim e que as ocorrências mais comuns são casos de embriaguez, de desordem e de consumo e venda de drogas, sendo a maconha a mais usada. Ao lado dessa matéria, há outra em que se salienta o conflito entre os moradores e os usuários do bairro. Bom Fim. Universo de paixões e emoções. E agora também de terror, na qual se afirma: o “Bairro se transformou em ponto de encontro de jovens de toda a Grande Porto Alegre. Mas os moradores enfrentam uma nova realidade: o aumento dos assaltos”⁸. Na matéria estão expostas diferentes opiniões sobre o tema violência. Enquanto os moradores associam assaltos cada vez mais frequentes ao movimento noturno no bairro, os frequentadores afirmam que não há violência. Uma senhora de 60 anos relatou que o “trânsito de pessoas nas calçadas depois das oito horas torna as coisas perigosas”⁹. Ela afirmou que temia o assalto. Outro morador de 40 anos afirmava que à noite a sua mulher só saía de carro por culpa dos bares “vulgares”: “Estes bares são feios. Veja o caso do Bar João. De dia, a clientela é composta de judeus. À noite, até meninas de treze, quatorze anos estão se embebedando”¹⁰. As pessoas davam motivos diferentes à origem e à natureza da violência no bairro, mas os bares sempre estavam no centro das discussões. O proprietário de uma drogaria afirmava que a culpa era do excesso de bares: “Na madrugada é um delírio, pois quebram tudo, basta olhar o meu luminoso de acrílico e ver como deixaram”¹¹. O proprietário do Bar Boccacio reclamou que o problema era o vandalismo: “Já quebraram o luminoso de néon duas vezes”. Adriano Luz, frequentador do bairro, por sua vez, ressalta que havia assaltos, mas defende que a depredação do espaço era o que mais chocava os moradores:

Assaltos rolavam direto, mas só nos lugares com menos movimento, do tipo da Vasco [da Gama] pra cima. Na Osvaldo e nos lugares onde tinha movimento era tranquilo, só o visual das pessoas é que assustava um pouco os moradores... a atitude delinquente também era uma marca, do tipo, ninguém levava a garrafa de cerveja vazia pra dentro do Lola de volta: deixava rolando pela calçada ou jogava no meio do corredor de ônibus, tudo muito natural. Este tipo de coisa começou a mudar no início dos anos 90 quando aquela esquina começou a ficar mais pop. Brigas rolavam entre bêbados, entre punks/carecas versus

⁵ Scliar, Moacyr Jaime. ICJMC/Depto. de Memória. Porto Alegre, 06 de maio de 1991. Entrevista n.º 386. pp. 09 e 11.

⁶ Knijnik, José. ICJMC/Depto. de Memória. Porto Alegre, julho de 1987. Entrevista n.º 021. p. 35.

⁷ A diversão toma conta do velho gueto judeu. Zero Hora, 27 de agosto de 1986. Geral. pp. 32 e 33.

⁸⁻⁹ Bom Fim. Universo de paixões e emoções. E agora também de terror. Zero Hora, 27 de agosto de 1986. Geral. p. 32.

¹⁰⁻¹¹ Bom Fim. Universo de paixões e emoções. E agora também de terror. Zero Hora, 27 de agosto de 1986. Geral. p. 32.



segunda metade dos 80, ou quando apareciam umas gangues de boys (na época ser de uma gang era moda) querendo medir força com os punks/carecas. No final dos 80, a esquina da João Telles era reduto dessas tribos (punks, carecas e darks).¹²

Os moradores se apavoravam com as gangues, com as roupas, com a sujeira, com os assaltos. O editor Elmar Bones rememora que

[...] uma das coisas que mais inquietava os moradores, que deixava as famílias de classe média completamente assustadas, é que de manhã a Osvaldo Aranha e as proximidades das ruas que vão para o interior do bairro estavam tapadas de garrafas e de copinho de plástico. Aquilo dava uma impressão, assim, que havia tido uma guerra. Eu me lembro que as pessoas se indignavam e ligavam para o jornal. 'O nosso bairro parece que virou uma praça de guerra'. E eu falava, 'não é praça de guerra, o pessoal tava bebendo aí e, maus hábitos, deixaram os copinhos todos no chão. Então nós fizemos uma matéria, e a prefeitura passou a fazer as varrições nos fins de semana, que era onde davam as aglomerações, a partir de sexta feira, na madrugada. Então, de manhã, o bairro amanhecia limpo. E aí se reduziu o nível de incidentes entre os usuários do bairro, os frequentadores do bairro e os moradores do bairro.'¹³

Além da sujeira, o consumo de drogas assustava os moradores e era relacionado às demais práticas não aceitas. O uso dos conceitos droga e drogado auxiliou a manutenção de um controle social sobre o conjunto de práticas sociais dos frequentadores. Práticas dispersas e inclassificáveis passam a ser manejáveis, como sugere o conceito de delinquência de Michel Foucault:

A instituição de uma delinquência que constitua como que uma ilegalidade fechada apresenta, com efeito, certo número de vantagens. É possível em primeiro lugar controlá-la [...]: a agitação imprecisa de uma população que pratica uma ilegalidade de ocasião que é sempre susceptível de se propagar ou então aqueles bandos incertos de vagabundos que recrutam segundo o itinerário ou as circunstâncias, desempregados, mendigos, refratários e que crescem às vezes [...] até formar forças temíveis de pilhagem e de motim, são substituídos por um grupo relativamente restrito e fechado de indivíduos sobre os quais se pode efetuar vigilância constante.¹⁴

A existência de uma proibição legal cria em torno dela um campo de práticas ilegais sobre as quais se exerce um controle. A delinquência é um instrumento para gerir e explorar as ilegalidades na sociedade disciplinar¹⁵. Com o adicto e o usuário eventual de drogas transformados em delinquentes, suas outras práticas transgressoras se tornam manejáveis. As batidas policiais no Bom Fim não tinham a justificativa de estabelecer

¹² Em entrevista concedida por Adriano Luz ao autor em setembro de 2008.

¹³ Entrevista concedida por Elmar Bones ao autor em abril de 2009.

¹⁴ Foucault, Michel. Vigiar e Punir. Nascimento da prisão. Petrópolis Editora Vozes, 2008. p. 231.

¹⁵ Ibid. p. 232.

a ordem pública, embora fosse essa a sua intenção. As ações policiais usavam a repressão aos narcóticos como pretexto para exercer o controle das práticas dos frequentadores. Os temas das drogas e da violência eram usados para poder gerir o problema da transgressão do espaço. Por isso, a violência está associada ao uso de drogas no discurso do aumento da insegurança.

Havia violência no Bom Fim, pois havia bares, jovens e interesses divergentes: “Funcionavam mais naquele quarteirão da João Telles até a Felipe (Camarão). São as duas quadras, onde tinham bares, cinemas, onde o pessoal se concentrava mais. E onde, também, saíam as brigas”¹⁶. Esse relato foi feito em 1988 pelo morador Samuel Burd. As brigas referidas foram conflitos acontecidos nas décadas de 1930 ou de 1940, entre integristas e jovens membros da comunidade judaica do bairro. A violência desses atos era justificada pela causa defendida e, portanto, compreendida e amenizada pelo entrevistado. Se os moradores reclamavam que a violência aumentava na década de 1980, isso se devia à noção deles do que era violência e do que era “comportamento normal”. As mudanças urbanísticas, o aumento de casos de crimes e as práticas dos frequentadores do Bom Fim dão a eles a impressão de que o “seu” lugar está sendo destruído. Os assaltos são mencionados, mas os casos de baderna e “vandalismo” são muito mais citados.

A partir de 1986, os moradores começaram a se organizar em torno do problema da violência. Nesse período foi formada a Associação de Amigos do Bairro Bom Fim. Isaac Ainhorn, desde o princípio da Associação, trabalhou como braço político da entidade. As reivindicações ganhavam um sentido político pela retórica de Ainhorn, que, por ser vereador e advogado, transformou esses debates sobre comportamento no espaço público em mobilização contra a violência. A Associação pedia providências dos órgãos públicos contra os bares do bairro, concluindo que esses eram a causa desses problemas. Em abril de 1988, quando o proprietário do Bar Redenção foi preso sob a acusação de assassinar um funcionário seu com um tiro, o delegado da 10.^a Delegacia de Polícia, Newton Muller Rodrigues, baixou uma portaria determinando o fechamento dos bares à meia-noite durante a semana e às duas horas nos fins de semana. O delegado afirmou que essa sua atitude era a primeira de uma série de providências que visavam coibir a delinquência: “Defrontamo-nos, hoje, com a dura e crua realidade da violência irracional”¹⁷.

Após a portaria, os policiais começaram a fazer batidas, fiscalizando os bares e as ruas. Essa ação, diferente das rotineiras batidas policiais, foi mais eficaz. Tiraram as pessoas das ruas e mandaram-nas irem para casa mais cedo. Os jovens, que desde o começo da década de 1980 vinham “perturbando a ordem pública”, em 1988 eram enxotados. Segundo Milton Gerson, jornalista responsável pelo jornal Fala Bom Fim e terceiro presidente da Associação de Amigos do Bairro Bom Fim, a Associação teria participado dessa decisão, pedindo ao delegado que tomasse tal posição para que não se perdesse o controle da situação naquele momento. Segundo ele, houve pressão da comunidade na intenção de dar algum descanso aos moradores.¹⁸ Para o presidente da Associação na época, Júlio Leventhal, não restava outro caminho. Segundo ele, “a selvageria era demais” entre os indivíduos que começaram a “infestar” a noite do Bom Fim:

*Ninguém mais podia se considerar seguro quanto à sua integridade, sendo coagido no seu direito de ir e vir, nos seus negócios e até nas suas casas, por causa da ação de bandos de vagabundos, punks e darks, que incomodam a todos e não dão lucro a ninguém. A maioria deles ficava na rua todo o tempo, se drogando, fazendo baderna, importunando as pessoas, agredindo e até assaltando, deixando para as manhãs seguintes um cenário de terra arrasada, com vitrines, portas e janelas de lojas e prédios quebradas e imundície por toda a parte.*¹⁹

¹⁶ Burd, Samuel. ICJMC/Depto. de Memória. Porto Alegre, 18 de maio de 1988. Entrevista nº 50. Complementação. p. 2. Um assassinato reduz a noite no Bom Fim. Zero Hora, 23 de abril de 1988. Pág.41.

¹⁷ Um assassinato reduz a noite no Bom Fim. Zero Hora, 23 de abril de 1988. Pág. 41.

¹⁸ Entrevista concedida por Milton Gerson ao autor em junho de 2009.

¹⁹ Proprietário já pensa até em fechar o Ocidente. Zero Hora, 15 de maio de 1988. Geral. Pág.27.



O que fica claro, nessa trama, é que o caso do assassinato foi usado como desculpa para repreender todo um número de práticas que não eram aceitas pelos moradores. Os frequentadores pichavam, quebravam, sujavam as ruas, calçadas, orelhões e edificações. Isso irritava os moradores. Portanto, os assaltos e as drogas foram utilizados como gancho para condenar uma gama de práticas sociais que, aos olhos dos moradores, eram violentas. O delegado disse que a sua decisão teve apoio da comunidade local, que não gostava do movimento agitado dos bares.²⁰ Não se falava mais no assassinato que culminou na portaria. A intenção era tirar os jovens da rua e impedir a sujeira e a depredação de patrimônios, assim como diminuir o barulho e permitir que os moradores andassem pelas ruas sem medo. A Associação estava organizada com a finalidade de mobilizar o sentimento de medo da população e disciplinar o espaço acabar com as aglomerações desorganizadas, enfim. Em janeiro de 1989, os bares do Bom Fim conseguiram uma liminar do juiz da 2ª Vara da Fazenda e voltaram a abrir suas portas até tarde da noite.²¹

Na virada do dia 16 para o dia 17 de junho de 1989, uma ação policial novamente acirrou e tornou públicas as desavenças entre os moradores e os frequentadores. Foi uma operação conjunta da Polícia Civil, do Juizado de Menores e da Brigada Militar. Enquanto os policiais militares fechavam a rua, os agentes da Delegacia de Tóxicos invadiam o bar Ocidente com o mandato de segurança expedido pelo juiz de menores. Os frequentadores do bar reclamaram da violência dispensada pelos policiais. Como rememora o proprietário Fiapo Barth: “Colocaram cliente no chão, arma na cabeça, mão na bunda das mulheres, cachorro. Muito truculenta”.²² As armas eram espingardas de grosso calibre, além de metralhadoras portáteis e revólveres: “Achei, no início, que se tratava de um assalto, pela forma truculenta com que eles nos abordaram, me segurando pelo colarinho e me batendo”.²³ Assim Ricardo Guillhon, gerente do bar na época, descreveu o acontecimento ao jornal JÁ Bom Fim. Segundo o gerente, eles foram obrigados a se deitar no chão enquanto eram xingados, pisoteados e atingidos por coronhadas. Um policial com arma em punho ordenava: “Gays para um lado, sapatões para o outro”.²⁴ Os policiais encontraram uma pequena quantidade de maconha em uma jaqueta. Por causa disso, todos os frequentadores daquela noite e os funcionários foram encaminhados para a Central de Polícia. Um dos sócios do bar, Carlos José Fernandes Dias, foi autuado em flagrante, acusado de aliciamento de menores e porte de drogas, e levado ao Presídio Central. Três dias após a invasão, artistas, políticos e frequentadores se reuniram em frente ao Ocidente e lançaram o movimento Bom Fim/Pequim. A intenção era divulgar o que havia acontecido naquela noite, pedir justiça para com o proprietário e repudiar a forma violenta como a polícia tratava as pessoas que iam aos bares do bairro. O nome do movimento fazia alusão à sangrenta repressão empreendida contra os manifestantes na Praça da Paz Celestial na China naquele mesmo mês.

²⁰ Proprietário já pensa até em fechar o Ocidente. Zero Hora, 15 de maio de 1988. Geral. Pág.27.

²¹ Bares. Bares do Bom Fim voltam a funcionar de madrugada. Zero Hora, 06 de janeiro de 1989, Geral. p. 34.²² Entrevista concedida por Fiapo Barth a Sara Cadore em 2008. Realizada como pesquisa para especial sobre o Bom Fim publicado na revista Cidade B.

²³⁻²⁴⁻²⁵ Bom Fim/Pequim. Já Bom Fim, junho de 1989. Pág. central.

A repercussão desse incidente foi grande em um período no qual a democracia no país estava sendo firmada, após a promulgação da Constituição de 1988, e havia a proximidade das eleições presidenciais. A imprensa e os partidos políticos de esquerda aproveitaram esses momentos para fazer críticas à repressão e ao tolhimento das liberdades individuais. O próprio governador deu entrevista isentando a polícia como instituição e culpando apenas os policiais envolvidos. O movimento Bom Fim/Pequim produziu um ato-show no Auditório Araújo Vianna, intitulado Show da Paz. Apresentaram-se várias bandas e músicos vinculados ao Bom Fim, como De Falla, Cascavelletes, Nei Lisboa, Júlio Reny, entre outros. O ato também contou com a participação de políticos. A polícia negou-se a fazer a segurança do evento e um rapaz de 21 anos foi assassinado em um assalto.²⁵

A repressão policial diminuiu após esses eventos, mas a Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (Smic) e a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (Smam) assumiram o papel de disciplinadoras do bairro, cobrando dos bares respeito às leis ambientais relativas à poluição sonora, licenciando e controlando o comércio e aplicando o código de postura. A Associação de Amigos do Bairro assumiu, nesse período, a função de fazer pressão junto aos órgãos públicos, como lembra Milton Gerson, denunciando o desrespeito à lei do silêncio e cobrando o disciplinamento do espaço.²⁶ Membros da Associação integraram, no final da década de 1980, uma comissão de Humanização do Bairro Bom Fim, com o intuito de instalar um posto policial no estacionamento do Parque Farroupilha e também proceder a “reavaliação funcional e espacial do Mercado Bom Fim”.²⁷ Em julho de 1996, a Prefeitura ordenou a saída de todos os permissionários e o Mercado foi fechado para reformulação total. O projeto inicial para o Mercado era de reforma, mas a Prefeitura derrubou o prédio, alegando falta de condições para esse tipo de obra. A reformulação do Mercado serviu para a imposição de novos limites. O novo mercado foi inaugurado em março de 2000, totalmente reestruturado.²⁸ No mercado antigo, o bar Luar Luar ficava voltado para a Osvaldo Aranha e o bar Escaler para a José Bonifácio. As mesas se espalhavam pela calçada. Na nova distribuição, os bares ficaram voltados para o interior do parque.

As mudanças físicas do espaço do bairro, associadas às ações disciplinares da Prefeitura, geraram transformações na noite do Bom Fim. A maioria dos bares fechou, sobrando apenas a Lancheria do Parque e o Ocidente, que se readequaram às exigências da Prefeitura e da Associação. Atualmente, não se pode dizer que existe nas ruas do Bom Fim a transgressão do espaço que havia quinze anos atrás. O medo da violência dos moradores não foi provocado pelas práticas e pelos discursos organizadores da sociedade disciplinar; foi mais uma vontade de defesa da propriedade invadida. Porém, esse sentimento aliou-se ao ímpeto disciplinador, incentivando as ações ordenadoras da Prefeitura e da polícia. Nessa convergência, organizou-se a Associação de Amigos do Bairro Bom Fim, enquanto veículo de manifestação política. As ações independentes, não da polícia, nem da Prefeitura ou da Associação, ajudaram a motivar o debate e a tomada de posições. Longe de haver uma oposição radical entre bares e frequentadores de um lado e Associação e moradores de outro, havia acontecimentos que serviam de referência para fazer essa distinção que na vida cotidiana se perdia.

²⁵ Bom Fim/Pequim. Já Bom Fim, junho de 1989. Pág. Central.

²⁶ Entrevista concedida por Milton Gerson ao autor em junho de 2009.

²⁷ Porto Alegre. SMIC. Relatórios de Projetos a Serem Executados, junho de 1988. Pág. 4.

²⁸ Mercado do Bom Fim volta à ativa. Já Bom Fim, março de 2000. Capa.



Bairro Bom Fim: um caleidoscópio de imagens e memórias

Ana Luiza Carvalho da Rocha
Cornelia Eckert
PPGAS/IFCH/ILEA/UFRGS

Um caleidoscópio se presta bem para metaforizar o estudo etnográfico sobre a vida cotidiana em um bairro em suas múltiplas camadas de tempo. Em especial, o Bom Fim, território cujas formas sociais refletem combinações variadas de situações espaciais, de arranjos sociais ou de tons culturais de seus herdeiros urbanos. O etnógrafo, em seu trabalho de campo, encontra inspiração na figura do manipulador do caleidoscópio, movimentando seu olhar para observar, na vida ordinária dos moradores, a combinação dos fragmentos diversos da vida urbana porto-alegrense. Imagens compósitas que remetem às discontinuidades da duração das memórias de seu corpo coletivo – no caso deste ensaio, as memórias centradas em um lugar: Bom Fim, um bairro em suas muitas histórias na cidade de Porto Alegre (RS).

A proposta multidisciplinar de uma exposição em homenagem ao bairro Bom Fim, reunindo diversas áreas de saberes científicos e culturais, e envolvendo inclusive a comunidade organizada em associações culturais,¹ coloca em evidência a força simbólica que esse bairro joga no âmbito da ação coletiva múltipla e policêntrica, o que podemos definir, no rastro da sociologia urbana da Escola de Chicago, como fenômeno de urbanização da cidade de Porto Alegre.

A exposição “Bom Fim, um bairro e muitas histórias” celebra o bairro a partir das práticas sociais e dos saberes culturais que circulam em seus territórios, o que implica dizer que é a partir da memória de seus habitantes que suas ruas, esquinas e calçadas se apresentam ao público. Do anonimato a celebridades, as imagens do Bom Fim não têm a intenção de um elogio às biografias singulares de personagens públicos. As reminiscências dos notáveis se misturam na multidão de outras imagens que, mescladas a textos, objetos e instalações, fazem vibrar as experiências individuais e coletivas dos cidadãos que usufruem do espaço da exposição.

Como preconizava um dos primeiros teóricos da memória coletiva, “não é muito fácil modificar as relações que se estabeleceram entre as pedras e os homens” (Halbwachs, 2006: 163), uma vez que os objetos sempre se oferecerão à compreensão da memória coletiva no interior de um contexto espacial específico. O patrimônio construído ou destruído (suas ruínas²) do Bom Fim expressa os arranjos dos grupos sociais, as intrigas coletivas e os dramas políticos que se deslocam junto às pulsões da vida cotidiana de seus habitantes. Tessituras culturais em que perpassam lógicas coletivas locais, inteligibilidades pessoais e/ou fluxos globais (de indivíduos e de mercadorias).

Na cidade de Porto Alegre, a dinâmica cultural do estrangeiro³ sempre pulsou forte no bairro Bom Fim, caracterizado por acolher a pluralidade de grupos imigrantes em suas diversas modalidades de “subjetividades coletivas”⁴ (etnia, gênero, pertença social e econômica, capital cultural) e trajetórias sociais que ali fundaram seus laços familiares, de trabalho, de vizinhança, de associações religiosas, culturais e comerciais. Um micromundo de memórias de enraizamentos familiares, de posturas étnicas e de crenças milenares (judaísmo, catolicismo, afroreligiosidades, etc.).

Essa é uma das razões pela qual dedicar-se à pesquisa etnográfica no bairro Bom Fim significa aproximar-se, por um lado, de uma população mais sedentária, como os seus moradores mais antigos, que ocupam antigos edifícios e algumas casas construídas há muitas décadas, e os comerciantes locais, com suas lojas de longa tradição (farmácias, armazéns e armazéns). Por outro, significa acompanhar o nascimento de novas práticas comerciais, assim como a chegada de novos herdeiros urbanos, que passam a ocupar os prédios de apartamentos que começam a surgir em função da destruição de antigos casarios.

Em meio à agitação do tempo nas ruas e nas esquinas, ainda se apresenta ao antropólogo urbano o desafio de acompanhar o ir e vir dos habitués de cafés, botecos e bares locais e da fiel clientela da feira livre, além do movimento dos frequentadores das múltiplas atividades culturais que se enraízam no bairro por entre os carros que

¹ Refiro-me às pessoas jurídicas e físicas envolvidas no projeto Corredor Cultural Bom Fim, Porto Alegre.

² Sobre o conceito de ruínas, sugerimos recorrer a Benjamin, 1985 e 1989.

³ Sobre o tema da figura do Estrangeiro e a subjetividade moderna, ver Simmel, 1950.

⁴ Sobre esse tema, ler Salem, 1992, e Domingues, 2002.

por ali se deslocam. Por fim, e não menos importante, o etnógrafo não pode desprezar os simples caminhantes que cruzam as ruas do Bom Fim em direção a outras paisagens urbanas de Porto Alegre, no trânsito entre a zona alta (Av. Independência) e zona baixa (Av. Osvaldo Aranha) do bairro, interlúdio entre o centro e o norte da cidade.

Esse foi o tema de uma pesquisa etnofotográfica desenvolvida pelo Núcleo de Antropologia Visual (Navisual) do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (IFCH, UFRGS) em 2010. Essa pesquisa deu aporte ao projeto integrado sobre a Memória no Bairro Bom Fim, desafio construído pelo Museu da UFRGS e orientado pelo historiador Prof. Benito Schmidt, seu curador. Com uma equipe formada de vinte pesquisadores no campo antropológico, tínhamos a intenção de reconhecer o bairro Bom Fim como objeto temporal e tratar das memórias e símbolos relacionados a este contexto cultural, constitutivo dos ritmos cotidianos dos habitantes concernidos.⁵

Nessa perspectiva, as questões do patrimônio e da memória no interior dos hábitos-ritmos que compõem as formas de sociabilidade, as trajetórias sociais, os itinerários urbanos e o cotidiano dos habitantes de uma grande cidade, abandona-se a perspectiva de que ambos resultam da estabilidade de um passado, numa interpretação mais ou menos substancialista da matéria dessas formas de vida social.

Apoiando-nos, portanto, nas idéias de Georg Simmel (1991) e de Gaston Bachelard (1932, 1989), a etnografia da memória cotidiana do Bom Fim se filia aos estudos da memória e do patrimônio, em que o registro do tempo presente se oferece como objeto de investigação interessante para a memória e para o patrimônio, uma vez que é nele que a pluralidade de durações de instantes descontínuos passa a ser fortemente agrupada pelas motivações simbólicas que orientam a experiência humana no seu mundo cósmico e social. Logo, não há cidade que não seja narrada a partir da vida cotidiana em seus bairros.

As formas de sociabilidade na vida urbana são, por conseguinte, os lugares em que uma propagação singular de instantes vividos por seus habitantes adquire força, a ponto de se perpetuar.⁶ Nesses termos, o tema do patrimônio no interior das dinâmicas culturais no mundo contemporâneo trata precisamente das condições temporais por meio das quais seu corpo coletivo se constitui como consciência de si no mundo no interior de uma pluralidade de instantes que configura sua vida.

Nas grandes cidades contemporâneas, as dinâmicas de bairros e ruas podem ser reconhecidas por processos dialéticos que movimentam as tramas citadinas em suas criatividades e destruições. A partir dessas tramas/desses dramas emergem transformações no contexto urbano de uma grande metrópole, dado que a cidade moderno-contemporânea não resulta apenas das ações de seus habitantes em seus bairros, mas de uma pluralidade de ações estruturais e de fluxos sociais próprios às sociedades complexas e multifacetadas. Dessa forma, no tempo vivido pelas inúmeras gerações no território de um bairro figura uma diversidade de biografias individuais no contexto metropolitano. A escuta atenta dos gestos e das falas ordinárias dos habitantes de uma grande cidade permite ao etnógrafo perscrutar sobre as imagens figuradas e desfiguradas que orientam os *ethos* e *habitus*⁷ de grupos sociais na cultura moderna.

Nesse processo, o fenômeno da memória coletiva, por meio de uma etnografia audiovisual, pleiteia a compreensão do tempo vivido dos grandes territórios urbanos e de suas faces de ruptura e descontinuidade.⁸ Em imagens dos processos de fragmentação social e dos desencaixes espaços-temporais⁹ na paisagem urbana, a etnografia audiovisual retrata as estruturas imaginárias de configurações culturais, tais como os “paradoxos endêmicos”¹⁰ dos processos de instalação da civilização urbana nos Trópicos,¹¹ assim como as violentas relações de alteridade no processo de formação do Estado-nação brasileiro.

Para ordenar em campos semânticos as imagens produzidas em fotografia pelos pesquisadores orientados para a captação das formas do viver cotidiano que o território do Bom Fim amalgama, privilegiamos várias categorias analíticas que temporalizam as identidades-valor¹² de seus habitantes. Em especial, perseguiram-se os rastros e as

⁵ O projeto Memória Coletiva na Cidade de Porto Alegre foi criado em 1997, com a coordenação das pesquisadoras Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert, sendo desenvolvido no Banco de Imagens e Efeitos Visuais, no Núcleo de Antropologia Visual e no Núcleo de Pesquisas sobre Culturas Contemporâneas, todos vinculados ao Laboratório de Antropologia Social no PPGAS, IFCH e ILEA, UFRGS.

⁶ Expressão retirada da análise que faz G. Bachelard (1932: 69) sobre o problema do costume e do tempo descontínuo.

⁷ Sobre o conceito de *ethos* e *habitus*, sugerimos a leitura de Geertz, 1978, Bourdieu, 1994, e Elias, 1983.

⁸ Sobre o tema e a influência das obras de Gastón Bachelard, Gilbert Durand, Georg Simmel e Paul Ricoeur, entre outros, no projeto citado, recorrer a artigos de Eckert, Cornelia e Rocha, Ana Luiza, em especial o livro Tempo e Cidade, Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2005.

⁹ Sobre o conceito de desencaixe espaço-temporal.

¹⁰ Conceito elaborado a partir da leitura de Salem, 1992.

¹¹ Sobre o assunto da civilização urbana nos trópicos, ver Rocha, 1994.

pistas da multiplicidade de paradoxos dos processos de unidade e fragmentação culturais no bairro Bom Fim. Diante do desafio de problematizar essa complexidade, os temas abordados foram os ritmos temporais, as formas de interações no bairro, o circuito religioso e cultural, e as paisagens urbanas. Privilegiamos as categorias de medo e trabalho, no caso do nosso exercício, para figurar as formas subjetivas e objetivas de expressão da “cultura bonfiniana”, tais como o preconizava o sociólogo Georg Simmel – os conceitos de cultura subjetiva e cultura objetiva, atinentes ao espaço em suas múltiplas dimensões e sentidos no bairro percorrido. A “flannerie” dos pesquisadores, com suas máquinas de captar imagens, na forma de uma etnografia de rua, foi a estratégia metodológica para percorrer os espaços do bairro, orientados pelo mapeamento da vida mental.¹³

A contribuição das reflexões do antropólogo brasileiro Gilberto Velho (1981, 1994) corrobora nossa metodologia para tratar da cidade brasileira a partir da análise das multiplicidades de estilos de vida, visões de mundo, códigos ético-morais e de províncias de significação, assim como de projetos sociais e de universos simbólicos que a conformam e que, segundo nosso ponto de vista, delineiam uma diversidade de formas sociais descontínuas.

O movimento do caleidoscópio que aponta para o fragmento como desagregador: o sentimento do medo e seus dilemas sociais

Na curadoria final, a exposição apresentada enfatiza, em um polo, o medo como um dos constrangimentos que emerge como disjunção na dinâmica urbana moderno-contemporânea no Bom Fim e, em outro polo, a categoria trabalho, indubitavelmente, como o valor que funda as lógicas de enraizamento no bairro, configurando uma memória transgeracional reiterada no cenário atual.

Para pontuar esses campos conceituais, elegemos rastros relativos aos signos que estetizam o medo, denunciam sentimentos de vulnerabilidade e de imprevisibilidade que regem o consumo de uma estética da segurança com novos instrumentos arquitetônicos, novas referências de percursos, reforço de regras de evitações que traçam o deslocamento de sentido pela devassa da relação com o Outro pela desconfiança (Eckert, 2007). Como interpreta Sergio Adorno (1998: 38), “aqui se revela um dos mais agudos paradoxos da contemporaneidade: no ápice do processo civilizatório, os avanços tecnológicos estão colocando em evidência a fragilidade da vida, os inúmeros perigos e riscos que a cercam”. Para esse autor (Adorno, 1998:41), grupos rivais que operam na delinquência violam as previsibilidades de práticas e comportamentos. Além disso, ameaçam a ordem coletiva, sinalizando o esgotamento de modelos convencionais de controle social em práticas de vandalismo e agressões ao patrimônio, quando não a violência à pessoa física pelo assalto e roubo. Na ausência de resposta imediata de demandas por ordem social, observa-se que no bairro percorrido os instrumentos de vigilância e controle proliferam.

Em se tratando de um bairro de “portas abertas”, com entradas e saídas livres, para lembrar a definição de bairro de Henri Lefebvre¹⁴, no Bom Fim chamam a atenção os dispositivos de segurança que reforçam a carga simbólica da “cultura do medo”. Ao lado de esboços de uma organização política de segurança pública (câmeras de vigilância, sistema de iluminação noturna), abundam gestos de iniciativa privada de equipamento de proteção ao patrimônio pessoal e consórcios de segurança pelo contrato de guardas privados de prontidão em suas guaritas.

As imagens de um patrimônio de grades, arames farpados, fios elétricos, alarmes, câmeras, porteiros, garagens controladas por meio de controles remotos, portas com cadeados narram um imaginário do medo entre os moradores e habitués do Bom Fim. Figuras que expressam os desdobramentos de uma realidade social repleta de disjunções no interior de uma democracia plena de desigualdades sociais e de dilemas éticos. Esse é um fenômeno pesquisado pelo antropólogo Luís Eduardo Soares, que insere o valor medo no âmbito de uma reflexão antropológica sobre a política econômica de exclusão no Brasil e sobre a “teatralidade da ordem discursiva” em seus espaços públicos.¹⁵

O mesmo autor alerta para as armadilhas da banalização do medo vinculado à desconfiança do outro pelo simples fato de ser um estranho, componente teórico pertinente ao tema da cultura subjetiva em suas objetivações

¹² O conceito de identidade como valor é tomado da obra de Luis Dumont, 1985.

¹³ Sobre o conceito de etnografia de rua, recorrer a Eckert e Rocha, 2005.

¹⁴ Henri Lefebvre citado por Mayol, 1980:18.

¹⁵ Sobre este tema recorrer a Luiz Eduardo Soares, 1996 e Vera Malaguti Batista, 2003.

largamente tratado pela sociologia urbana inaugurada por Simmel. As imagens selecionadas pela curadoria da exposição “Bom Fim, um bairro em suas muitas histórias na cidade de Porto Alegre (RS)” tratam, assim, da estética da segurança presente no “mapa mental” dos moradores do bairro percorrido e da reverberação em suas subjetividades de uma lógica disciplinadora do discurso sobre a vulnerabilidade em face dos riscos da dinâmica urbana.

Entretanto, a ênfase imagética na interpretação da cultura do medo não deve ser apreendida isolada de uma multiplicidade de fenômenos sociais relacionados a estruturas de controle social e de poderes ideológicos das esferas do Estado. As imagens de fato dialogam com a imagética do medo e dos temores em uma diversidade de tempos vividos: a violência do regime escravocrata, a violência da repressão política, a violência da discriminação. Diversas faces difusas de violências que nos remetem a muitas alegorias de imagens para reconhecer o medo à repressão, sempre tão presentes em todos os tempos das relações humanas e, sobretudo, no contexto capitalista moderno.

A luz do caleidoscópio que reflete o progresso: o trabalho como lugar de memória e qualificação de ações e criações

De uma forma menos difusa, o valor do trabalho, no qual se soma o componente de projeto de vida socialmente ascensional pela formação escolar, perpassou como referente identitário de motivação de múltiplas trajetórias pessoais, familiares, de grupos étnicos e de comunidades de trabalho.

O bairro Bom Fim contextualiza, assim, inúmeras instituições comerciais e instalações de serviços, como mercados, consertos, clínicas. As de maior visibilidade, em suas ruas internas, são as que expõem seus produtos em vitrines, como lojas de roupas, calçados, confeitarias, locadoras. Um número expressivo de restaurantes, bares próximos, lancherias, fruteiras e serviços bancários, imobiliários, consultórios médicos e de saúde (não raro alternativos) se espalham entre uma grande maioria de prédios residenciais. Sim, o bairro, predominantemente composto de edifícios construídos nas mais diversas épocas e de um significativo número de antigas casas residenciais, hoje é alocado para o funcionamento de estabelecimentos culturais e comerciais, como livrarias, restaurantes, escolas de pequeno porte, serviços diversos. A instalação no mezanino da exposição sobre o bairro Bom Fim representando um bar ou boteco é figurativa da importância desses locais comerciais para as formas de sociabilidade lúdica nesse bairro de camadas médias.

Todos esses espaços valorizados na captação de imagens nos remetem à categoria 'trabalho', que orienta os laços econômicos e sociais que permitiram, a diversas gerações, o convívio em um bairro com características de produtividade constante – ao contrário de outros, impulsionados originalmente pela presença de estabelecimentos industriais (século XX), mas que conheceram, no final do século passado, uma desvalorização imobiliária e funcional que pode ser respectivamente atrelada ao declínio da conjuntura industrial, concebida pela perspectiva normativa do taylorismo predominante nas relações de trabalho.

A qualidade territorial do bairro como um lugar de passagem entre o centro e os bairros axiais, além de zona fronteira com o parque municipal e a cidade universitária, caracterizaram a capacidade de circulação e de um mercado de trabalho sistematicamente operativo no contexto barrial.

O bairro Bom Fim é também circundado por avenidas que são eixos de grande potencial comercial, como as avenidas Osvaldo Aranha e Protásio Alves. Esses eixos são loci de importante circulação comercial e significativo polo de empregos de trabalhadores de diversas especializações: atendentes, balconistas, técnicos em consertos, garçons e garçonetes, vendedores, construtores, zeladores, bancários, etc. O exercício imagético no bairro capta, assim, essa rítmica de engajamento em torno de atividades de serviços, uma contrapartida econômica fundamental para a capital. Não há como se deixar de observar que muitas dessas esferas de trabalho estão diretamente relacionadas aos movimentos sociais de crítica, oposição, subversão a poderes culturais e hegemonias ditatoriais políticas, que contêm em seu âmago memórias traumáticas pelo sofrimento imposto à liberdade de expressão e de deslocamento. Manifestações políticas de resistência, canções de contestação, peças teatrais, filmes críticos passaram a narrar a condição de despossessão do livre-arbítrio e se atrelaram, coletivamente, a contestar a condição de crise e conflito, militando por um projeto contra-hegemônico à ordem estabelecida.

Daí considerar-se fundamental, no exercício fotoetnográfico levado a termo neste bairro – e que compõe a

exposição “Bom Fim, um bairro em suas muitas histórias na cidade de Porto Alegre (RS)” –, a aproximação do antropólogo ao fluxo da itinerância do lugar. O objetivo era captar as experiências da vida cotidiana dos habitantes (no sentido mais geral) dos mais diversos territórios do Bom Fim e registrar as formas e as significações de suas rotinas e de seus gestos ordinários, confrontados com a banalidade aparente da realidade barrial e do conhecimento comum que ela fornece às pessoas que por ali circulam.

Na realidade, o trabalho etnográfico selecionado pela curadoria e, finalmente, exposto ao público aporta apenas interpretações da vida cotidiana no Bom Fim, por meio das quais os etnógrafos buscam apreender o bairro desde a perspectiva da categoria de espaço vivido – ou seja, como um fenômeno social circunscrito pelas experiências urbanas de seus herdeiros urbanos, experiências que con-figuram (“figuram com”) a diversidade das estruturas sociais e culturais a elas subjacentes.

O bairro em questão e as suas ruas, esquinas e enclaves não são tomados como um laboratório ou ponto fixo de observação. Mas como lugar de convívio da experiência de uma pesquisa documental etnográfica em que uma equipe de pesquisadores antropólogos (alguns já profissionais e outros em processo de formação) interage com as pessoas que por ali transitam, moram ou trabalham. As imagens resultam, assim, das diversas formas de sociabilidade possibilitadas pelo convívio social junto aos moradores nos espaços públicos das ruas e em seus espaços de convívio. A motivação foi o axioma antropológico de totalidade proposto por Marcel Mauss (1966), que analisa o fenômeno social como total, ou seja, o estudo do fenômeno das práticas sociais liberto de segregações axiológicas e de ponderações evolucionistas, o que potencializa, na prática antropológica dos estudos da dinâmica cultural, o fenômeno da complexidade da experiência humana no mundo e seus dilemas.

O conceito de fato social total de Marcel Mauss (1966) se torna, assim, analiticamente potente para conceber, no campo antropológico de uma etnografia visual, a força dos sentidos das trocas sociais no bairro Bom Fim. Da mesma forma, no campo sociológico, Georg Simmel (1991) nos permite pensar, por meio das imagens fotográficas, as formas de interação social entre os indivíduos na partilha de um mesmo território. A equipe, influenciada pela pesquisa etnográfica em sociedades complexas, em especial o estudo dos fenômenos de relações agonísticas (Mauss, 1966) ou conflituosas (Simmel, 1991), passa a pensar o bairro Bom Fim como o território de uma vida cotidiana de reciprocidades, trocas e interações. Uma intenção, em especial: a de registrar em sua territorialidade as contradições próprias às relações sociais orientadas pelo valor de liberdade no trajeto social de seus moradores e habitués. Um registro visual obviamente repleto de constrangimentos e determinações que englobam objetiva e politicamente – obrigações, nas palavras de Mauss (1966), ou conteúdos, segundo Simmel (1991) – as ações cidadinas das “pessoas” e indivíduos no processo civilizacional das grandes metrópoles brasileiras.

A aproximação dos pesquisadores com os diversos territórios do Bom Fim parte, portanto, de suas formas aparentes para atingir a compreensão das diferentes tramas (Simmel, 1991) do viver a cidade que elas enraízam, assim como das diversidades e alteridades que elas promovem em termos de contextos de intersubjetividades (Mauss, 1966). Tramas cujas formas não conferem ao bairro o status de um lugar fechado sobre si mesmo. Ao contrário, o exercício fotoetnográfico persegue a tradição socioantropológica de pensar, por meio de imagens visuais, as diferentes dimensões microsociais das formas de vida social no contexto de um grande centro urbano-industrial. Isto é, o bairro Bom Fim como patrimônio privado construído e/ou patrimônio público (ruas, calçadas, postes), assim como as marcas de suas fronteiras simbólicas e interdições ético-morais (esquinas, portas de ferro, cercas elétricas, grades, etc.), os fragmentos e os rastros da intervenção comportamental de seus habitués (arranjos paisagísticos, pichações, ocupações privadas nas ruas), etc. Trata-se de imagens da vida social por meio das quais podemos visualizar não apenas as regularidades do cotidiano no bairro Bom Fim, mas igualmente as diferenciações das formas de relações sociais e simbólicas que dão forma (relações subjetivas) e conteúdo (relações objetivas) às relações sociais de seus habitantes. Formas simbólicas que fornecem inteligibilidade para a duração da matéria socialmente construída.

A foto de um poste de luz com um transformador de energia, fios de telefonia e tantos outros fios pode ser uma metáfora dos conceitos acionados pelos antropólogos para a compreensão das formas sociais e culturais das relações humanas. Elas metaforizam os conceitos de formas agonísticas (e hierarquizadas, segundo Marcel Mauss) e de formas conflitivas, nos termos de Georg Simmel (e que o autor define como as “tragédias das formas”). Estamos nos referindo à alegoria de um emaranhado de fios com lógica e inteligibilidade que transportam sentidos e energia em todas as dimensões e esferas da vida social.

Ao refletir sobre as formas de reciprocidade que definem estilos de vida do homem moderno, esse autor aponta para a dimensão trágica que conforma a relação singular entre suas dimensões subjetiva e objetiva. Para o autor, se a vida social revela a liberdade humana de expressar-se nas ações de interação social, na modernidade o jogo do social tende a se desprender de sua forma original – fenômeno de desencaixe que define como “tragédia da cultura”.¹⁶

É, portanto, nos estudos etnográficos sobre o tema da incessante transformação das formas do social e da infinidade de seus conteúdos em jogo no cotidiano da experiência urbana dos habitantes de uma grande metrópole que buscamos re-situar a problemática da interpretação histórica da instalação da civilização urbano-industrial no Brasil.

Trata-se de um hipotético fato social total (relações morais, jurídicas, históricas, convencionais, psicológicas, econômicas, fisiológicas, etc.) das formas de reciprocidade ou interações sociais que dimensionam constrangimentos, determinações, interesses, gratuidades, tanto quanto liberdades, sentimentos, afetividades no jogo da vida social, como no bairro Bom Fim.

Nosso olhar antropológico recaiu, assim, sobre os ritmos que impõem regularidades históricas à memória social do lugar, fenômeno que engloba sempre as descontinuidades e antagonismos da sociedade em seus processos de institucionalização, como analisa Simmel (1991) ao tratar das controvérsias nos projetos individuais e coletivos no contexto urbano.

A experiência de uma etnografia visual no Bom Fim se iniciava com o movimento e a circulação dos pesquisadores nos diversos lugares do bairro, em uma interação cotidiana com seus moradores e habitués, ora anônima (o enquadramento de uma construção), ora consentida por parte dos personagens nas ruas (feirantes, trabalhadores, moradores). Sob esse ponto de vista, a captação de imagens seguia o fluxo da circulação dessas experiências sócio-espaciais que eram constantemente redefinidas segundo os momentos afetivamente fortes de sociabilidade ou mesmo de vazios de sentidos.

A proposta de uma etnografia visual no Bom Fim considerava a feitura das etnografias fotográficas mais um argumento de diálogo no processo de restituir aos habitantes a condição de sujeitos éticos que podem se reconhecer em relações de reciprocidade no ethos de pertença. Não no sentido de criar fronteiras de distinção social e de oposição de qualquer ordem, mas de conceber a produção da história do grupo narrado e concebido no fluxo do tempo como um valor de integração cultural à cidade. Como não fazer menção ao esforço do viver rotineiro como uma arte de viver o cotidiano, como nos sugere sobremaneira o historiador Michel de Certeau (1994), que esboça uma teoria das práticas cotidianas que estetizam regularidades e estilizam as interações sociais cotidianas propulsoras de expressões múltiplas de repensar e re-agir na cidade dramatizada pela estética do medo e pela ameaça da desconfiança ao Outro (o Estrangeiro) e, logo, estigmatizado como ameaçador à ordem e ao previsível.

A produção de imagens pela equipe era tributária de uma interpretação das formas das experiências dos “bonfinianos” em relação à rua e ao bairro, à vizinhança e à cidade, a partir de múltiplas vivências que vitalizam seus ciclos de vida. Por essa via, o Bom Fim se anuncia como uma unidade teleológica. Tendo em vista a expressão do viver urbano plural de seus herdeiros, o bairro manifesta diferentes dimensões espaço-temporais, as quais não são redutíveis aos fluxos de consciência de seus habitantes, tampouco a uma consciência histórica, lugar situado para além do vivido de seus habitantes “como rastro da Razão na história”.

A cidade e suas possibilidades interpretativas derivam de sua condição de unidade de ação para uma comunidade urbana uma vez que ela é, ao mesmo tempo, em múltiplos planos, expressão autoral de seus habitantes e condição existencial de um querer-viver coletivo (Maffesoli, 1987), não sendo, portanto, jamais reduzida a mero reflexo do somatório de suas ações, nem a mera imitação de seus gestos, e de cuja unidade narrativa o etnógrafo participa ao se colocar como tradutor de suas tramas.

Conclusão

Em qualquer bairro de uma grande metrópole contemporânea, as experiências sociais e culturais são múltiplas tanto quanto são os indivíduos singulares, expressão da diversidade de estilos de viver a dramática do habitar na

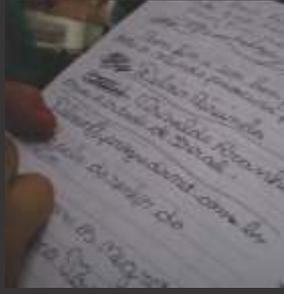
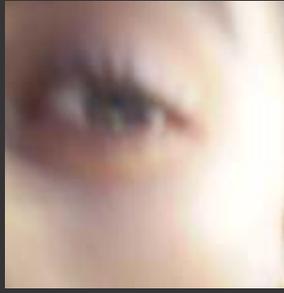
¹⁶ O eixo histórico para a interpretação da vida urbana nas metrópoles contemporâneas certamente pode promover a narrativa por meio de razões fatuais, mas não dá ao tempo narrado uma dramática, uma intriga que negocia com outras razões sensíveis que ordenam ritmicamente as imagens evocadas na lembrança de durar. Poderíamos sugerir que são muitas as continuidades (Bachelard, 1988:39) desde que não confundidas com a lembrança de todo nosso passado.

cidade. Nas modernas sociedades complexas, o fenômeno dos postulados do individualismo moderno atribui novas figurações a essa dramática, as quais, por sua vez, tendem a emancipar os atores de seus contextos sociais de origem, lhes possibilitando a negociação possível seja de suas autonomias, seja de seus pertencimentos coletivos.

Nosso propósito com a fotoetnografia e/ou etnografia visual nas ruas do bairro Bom Fim foi o de apresentar esse campo interpretativo das metrópoles contemporâneas a partir das múltiplas experiências de viver dos moradores e habitués do Bom Fim no âmbito de sua vizinhança com o Estrangeiro. Experiências sociais nas quais transparece um projeto reflexivo de si entre os “bonfinianos” que consubstancialmente valoriza a experiência e o saber de ser um sujeito em relação a si mesmo, ao seu grupo de pertença (classe social, etnia, geração, etc.) e a cidade de Porto Alegre, onde ele próprio é sujeito configurador de uma história coletiva. As imagens que resultam da experiência dos etnógrafos no bairro, portanto, nos revelam que os acontecimentos cotidianos vividos pelos moradores e habitués, nas ruas, esquinas, lojas e calçadas do Bom Fim, não lhes parecem, assim, alheios aos jogos de memória e aos fluxos de vida que se desenrolam na esfera de suas vidas privadas.

Referências

- ADORNO, Sergio. Conflitualidade e violência: reflexões sobre a anomia na contemporaneidade. *Tempo Social, Revista Sociológica USP, São Paulo*, 10(1): 19-47, maio de 1998.
- BACHELARD, Gaston. *L'instinct de l'instant*, Paris, Denöel Gonthier, 1932
- BATISTA, Vera Malaguti. O medo na cidade do Rio de Janeiro, dois tempos de uma história. Rio de Janeiro, Ed. Revan, 2003.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política*. Tradução Sérgio P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. *Obras Escolhidas. Vol. III, Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. Tradução de J.C.M. Barbosa e H.A. Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. “Esboço de uma teoria da prática”. In: Pierre Bourdieu, São Paulo, Ática, 1983.
- DE CERTAU, Michel. *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.
- DOMINGUES, José Maurício. Gerações, modernidade e subjetividade coletiva. In: *Tempo social; Revista Sociológica USP, São Paulo* 14 (1), 67-89, maio de 2002. Ed. da
- DUMONT, Louis. *O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*. Rio de Janeiro, Rocco, 1985.
- DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. São Paulo, Cultrix, 1988.
- DURAND, Gilbert. *As estruturas antropológicas do imaginário*. Lisboa, Presença, 1984.
- ECKERT, Cornelia. A cidade com qualidade - Estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre. *Revista Sociedade e Cultura*, v. 10, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, p. 61-79, 2007.
- ECKERT, C., ROCHA, A. L. “A vocação do etnógrafo na cidade”. In: *Revista brasileira de sociologia da emoção*, UFPB, 2004.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza C. *Tempo e Cidade*. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2005.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. “A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica”. In: *Revista de Antropologia*. Volume 41, número 2. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1998. pp. 107 à 135.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. *Imagens do tempo nos meandros da memória : por uma etnografia da duração*. In : Koury, Mauro G. P. (Org.). *Imagem e Memória, ensaios em Antropologia visual*. Rio de Janeiro, Garamond. 2001.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. RJ, Jorge Zahar, 1994.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GIDDENS, Anthony. *The consequences of modernity*. Stanford, Standord Univ. Press, 1990.
- GOFFMAN, Erving. *La mise en scène de la vie quotidienne. La présentation de soi*. Paris, Minuit, 1973.
- MAYOL, Pierre. *Habiter*. In: GIRARD, L. et MAYOL, P. *L'invention du quotidien 2. Habiter, cuisiner*. Paris, UGE, 1980.
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos, o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. RJ, Forense, 1987.
- MAUSS, Mauss. *Sociologie et Anthropologie*. Paris, PUF, 1966.
- ROCHA, A.L.C. *Le Santuaire du désordre, ou l'art de savoir-faire des tendres barbares sous les Tristes Tropiques*, Universidade René Descartes, Paris V, Sorbonne, junho, 1994.
- ROCHA, A.L.C. “A irracionalidade do belo e a estética urbana no Brasil”. In: Z. MESQUITA & C. R. BRANDÃO (Orgs.). *Territórios do cotidiano, uma introdução a novos olhares e experiências*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1995.
- SALEM, Tania. “A despossessão subjetiva: dos paradoxos do individualismo”. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Anpocs 18, Ed. Relume Dumara. Ano 7 fevereiro de 1992. p. 62 a 77.
- SIMMEL, G. “The stranger”. In: *The Sociology of Georg Simmel*. Kurt H. Wolf (Org.). New York Free Press, 1950.
- SIMMEL, G. *Sociologie et épistémologie*. Paris, PUF, 1991,
- SOARES, Luis Eduardo et alli (Org.). *Violência e política no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1996.



A Cidade das Crianças e seus olhares sobre o Bom Fim

Ana Marta Meira¹

Se a concretude da existência impõe limites à realização da cidade ideal, no plano das representações o trânsito é livre. O detalhe assume a dimensão do todo, o enunciado mágico da palavra que nomeia adquire uma força de real e a imagem mental ou visual dá à aparência o atributo da essência (PESAVENTO, 2002, p. 25).

O projeto Cidade das Crianças é realizado desde agosto de 2006 no Centro Histórico de Porto Alegre, tendo como horizonte os olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre. Atividades artísticas e lúdicas marcam o trabalho, entre essas, teatro de sombras, fotografias, desenho, literatura, filmagens, histórias, brincadeiras tradicionais, músicas, passeios e visitas a locais e a eventos culturais da cidade.

O convite do Museu da UFRGS para realizarmos uma exposição de fotografias sobre o bairro Bom Fim através dos olhares das crianças foi recebido com entusiasmo e curiosidade. Até o momento, as crianças haviam trabalhado no Centro Histórico, conhecendo seu espaço, suas ruas, praças, museus, teatros, cais do porto. Os caminhos realizados a pé pelas crianças inscreveram em sua memória traços da cidade. Pequenos detalhes, invisíveis para os adultos, emergiam a cada passo. Outra cidade se apresentou a nossos olhos, com temporalidades e espacialidades singulares.

Quando subimos com as crianças a Rua da Ladeira, atual Rua General Câmara, para nos dirigirmos ao Theatro São Pedro, em um sábado primaveril de 2007, fomos instigados a olhar para pequenas letras da rua. Considerando a cidade como um texto, um escrito, as páginas, linhas, palavras e letras daquela rua foram marcadas pelos olhares das crianças, que suspendiam seu andar a todo instante ou corriam, experimentando a ladeira e sua convocação ao movimento (MEIRA, 2011). Esses gestos repetiram-se em inúmeros passeios, trajetos que tinham como saída o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, localizado na Rua dos Andradas próximo à Praça da Alfândega.

No primeiro encontro da Cidade das Crianças, no início de março de 2011, as crianças foram lançadas ao desafio de atravessar o centro da cidade em direção ao Bom Fim para registrar, por meio de fotografias, esse espaço. Transitar por ruas, viadutos e avenidas que levam ao bairro, próximo algumas quadras do centro, acompanhando a temporalidade extensiva própria das crianças, é uma instigante forma de conhecer espaços inesperados.

Várias crianças realizam esse trajeto em seu cotidiano, indo para a escola. Conversando sobre o nome do bairro, as crianças enunciaram associações: “Bom Fim, é porque tem um bom fim, um bom final”. A questão sobre o nome permaneceu em seu imaginário, adquirindo tons extensivos, que serão marcados pela experiência de campo, ainda inacabada.

A exposição Bom Fim: Um Bairro, Muitas Histórias, realizada no Museu da UFRGS, desvela a multiplicidade que habita essa região, tessitura habitada por várias culturas, entre estas a judaica, a negra, a italiana. Para além desses traços culturais, encontramos também a profusão de manifestações artísticas, intelectuais, livrarias, comércio, cafés, feiras, artesanato indígena.

Freud (1973), em seu trabalho sobre a psicologia das massas e a análise do eu, escreve sobre as referências singulares e coletivas que marcam a subjetividade e refere-se às múltiplas formações que tecem a “alma coletiva”, entre essas, a cultura, a classe social. A cidade, o bairro no qual seus habitantes vivem, também é campo coletivo, traço fundante de laços sociais.

¹ O presente artigo é escrito a partir da pesquisa de doutorado Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (MEIRA, 2006/2011). As atividades artísticas e lúdicas da Cidade das Crianças são realizadas semanalmente aos sábados à tarde, no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, Centro Histórico de Porto Alegre, sendo abertas ao público infantil de 4 a 11 anos. Seu horizonte são os olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre.

Ao analisar o mal-estar na cultura, Freud (1973) reconhece no espaço da cidade, com suas edificações, monumentos e ruas, restos da memória. A história da cidade encontra-se escrita em suas configurações espaciais, em seus prédios e, se “pretendermos representar espacialmente a sucessão histórica, só poderemos fazê-lo mediante a justaposição no espaço” (FREUD, 1973, pp 3020-3021). Ao transitarmos pelo bairro Bom Fim, podemos encontrar formações evocadas por Freud (1973), lapidadas nas pedras, nas bordas dos prédios, dos monumentos, dos templos, igrejas, escolas, cada uma apresentando essas multifacetadas redes da memória social.

Peter Burke (1992) escreve sobre a história urbana em O mundo como teatro, apresentando uma interessante análise das diferenciações que aí se revelam através da referência à cidade como um mosaico, pleno de “pequenos mundos que se tocam sem se interpenetrarem”, citando Robert Park (BURKE, 1992, p. 81).

O trabalho com crianças no espaço da cidade é de fundamental importância na atualidade, ao propiciar o encontro de laços simbólicos com sua história, memória, patrimônio. Kuhlman (2000) escreve sobre a educação infantil, afirmando que as crianças

[...] participam das relações sociais e este não é exclusivamente um processo psicológico, mas social, cultural, histórico. As crianças buscam esta participação, apropriam-se de valores e comportamentos próprios de seu tempo e lugar, porque as relações sociais são parte integrante de suas vidas, de seu desenvolvimento. (KUHLMAN; 2000; p. 56-57).

A cidade é fonte de leitura para as crianças. A metáfora da cidade como um livro é evocada por Walter Benjamin. Na obra Infância em Berlim (BENJAMIN, 1993), encontramos seu testemunho sobre os tempos de criança e seus olhares sobre o mundo da rua, os traços do cotidiano, os passantes, flâuners das vias urbanas.

As crianças iniciaram seus ensaios até o Bom Fim, registrando imagens que recortam cenas da cidade. Captaram o inesperado, saltando entre o tempo e o espaço, extensivamente. Nesses desencontros e rupturas com caminhos fixos, a infância interroga os adultos. Da mesma forma, interroga o espaço da cidade, ao ocupar lugares inusitados, como sentar no meio-fio, na soleira de uma porta, ao parar para observar os caminhos de um inseto em meio ao som ensurdecedor dos motores dos carros, ao brincar com objetos simples que ganham tons imaginários em suas fantasias.

Convocar as crianças à leitura de sua cidade é um ato educativo por excelência, ali onde se torna possível suspender o tempo, olhar, dialogar, escutar, refletir sobre as imagens que as crianças produzem, colocando a presencialidade em cena (MEIRA, 2011).

Encontramos na obra Um Olhar a Mais (QUINET, 2002) uma análise rigorosa a respeito da visualidade e do campo escópico que se encontra marcado pela esquizo entre visão e olhar. O sujeito da psicanálise encontra-se “preso em uma divisão constituinte” que se opera entre o saber e a verdade, representada topologicamente pela Fita de Moebius. Divisão que revela a diferenciação entre o eu que percebe - dimensão imaginária - e o sujeito do inconsciente, fonte das pulsões, entre essas a escópica, própria do olhar. Lacan (1965-1966) refere-se ao olhar como objeto a, objeto da falta, perdido:

[...] a janela na relação do olhar com o mundo visto é sempre isto que é elidido, que nós podemos representar a função do objeto a; a janela, quer dizer também a fenda das pálpebras, quer dizer também a entrada da pupila, quer dizer também isto que constitui este objeto o mais primitivo de tudo que é da visão, o quarto escuro (LACAN, 1965-1966, p. 294).

Os olhares das crianças são constelações que atravessam a percepção consciente, desdobrando significações articuladas a traços do inconsciente, narrativas, imagens, experiências próprias da linguagem e seus vários campos.

Quando as crianças do projeto Cidade das Crianças realizaram seus primeiros traçados em um desenho coletivo sobre o bairro Bom Fim, emergiram marcos significantes de sua história: o Parque da Redenção, o Monumento ao Expedicionário e o Instituto de Educação General Flores da Cunha. Um parque, um monumento e uma escola, em meio a vias que as levariam do centro da cidade até esses lugares. Elementos que fazem parte do cotidiano da infância, deslocamentos entre a educação e o brincar.

O Parque da Redenção é originário dos antigos Campos da Várzea, utilizados como potreiro para gado (MENEGAT, 1998). A planta de Porto Alegre, desenhada por João Cândido Jacques, revela o Campo do Bom Fim, em 1888 (FRANCO, 2000). No início do século XIX, a região passou a ser denominada Campo da Redempção (PESAVENTO, 2001). Seu nome evoca a redenção dos escravos libertos que ocupavam esse espaço. Pesavento (1999) escreve sobre o parque, multifacetado em inúmeros acontecimentos:

Os Campos da Redenção, oriundos dos antigos Campos da Várzea, transformaram-se em Parque da Redenção. Mas, apesar do velódromo, da praça de touros e de abrigar a grande exposição de 1901, a Redenção ainda mantinha trechos de interpenetração com o rural, como na área de paragens dos carreteiros (PESAVENTO, 1999, p. 58).

O Monumento ao Expedicionário, marco do Parque da Redenção evocado pelas crianças, foi construído a partir de um concurso, promovido pelo jornal Correio do Povo após a segunda guerra mundial, que buscava homenagear os pracinhas que lutaram na Itália. Antonio Caringi, vencedor do concurso, projetou o monumento. Em 1997, o Parque da Redenção foi tombado como patrimônio histórico da cidade (MENEGAT, 1998).

O Instituto de Educação foi construído a partir de projeto neoclássico do renomado arquiteto Fernando Corona (WEIMER, 2006). Essa tradicional escola estadual é hoje objeto de restauração.

As lembranças de infância são testemunho da memória da cidade. Walter Benjamin (1993) apresenta em suas obras interessantes imagens sobre a cidade, entre essas, Infância em Berlim, em que escreve:

Saber orientar-se numa cidade não significa muito. No entanto, perder-se numa cidade, como alguém se perde numa floresta, requer instrução. Nesse caso, o nome das ruas deve soar para aquele que se perde como o estalar do graveto seco ao ser pisado e as vielas do centro da cidade devem refletir as horas do dia tão nitidamente quanto um desfiladeiro. Essa arte aprendi tardiamente; ela tornou real o sonho cujos labirintos nos mata-borrões de meus cadernos foram os primeiros vestígios (BENJAMIN, 1993, p. 73).

Francisco Riopardense de Macedo (1999) escreveu muitos livros sobre Porto Alegre. Entre esses, recorto uma passagem que desvela a importância de mergulharmos na história da cidade que habitamos: “Quem não conhece a história de sua cidade, que é parte da sua própria, não é cidadão dela, é hóspede” (MACEDO, 1999, p.9).

O convite para as crianças realizarem a mostra de fotografias sobre o bairro Bom Fim caminha na direção de produzir vias que configuram processos de transmissão. A partir da pergunta sobre um traço primordial do bairro, seu nome, e posteriormente nos trajetos escolhidos pelas crianças, histórias são recortadas. Histórias contadas por meio de imagens simbólicas que falam não só do bairro desconhecido ou reencontrado, mas também da infância que atravessa espelhos para olhar de forma singular algo que suporíamos já estabelecido, como um monumento.

Os monumentos são testemunhos de passagens da história, memória esculpida na pedra. Personificam personagens da história oficial, momentos sincrônicos, façanhas heroicas. As crianças, inicialmente, escolheram um monumento como referência de suas idas ao bairro Bom Fim. Referência que é passagem, lugar de encontro, abrigo, mas que é distante do bairro real. Cristina Freire (1997) escreve que os monumentos são articulações entre tempo e espaço, lugares de memória coletiva.

Podemos nos perguntar sobre as determinações dessa primeira referência desenhada coletivamente. Se pensarmos em traços do Bom Fim ou monumentos que o representariam, não há univocidade. O bairro é originário dos Campos da Várzea. Como ponto crucial, a história do nome é relacionada à construção da Capela Nosso Senhor do Bom Fim. A exposição Bom Fim: Um Bairro Muitas Histórias revela as múltiplas tessituras do bairro, as múltiplas culturas que o habitam.

Para além da lembrança dos monumentos, as crianças realizaram associações: “Bom Fim é um bom fim, um bom final, um bom fim de rua”. Para que haja um bom fim, uma história deve ter sido experienciada. Registrar com letras e imagens a história de um bairro é forma tangível de desenhar letras que adquiram contornos simbólicos na cidade e em sua memória. É dar significação a seu nome.

Cristina Freire (1997) analisa os mapas imaginários que marcam as trajetórias no urbano, afirmando:

A identificação das trajetórias dos pedestres com as linhas de mapas, por exemplo, traduzem possíveis esquemas para as experiências individualizadas de cidade. [...] os mapas traduzem, muitas vezes, uma retórica do caminhar (Certeau) e reinvestem o espaço de novos sentidos. Os diagramas dessa vivência dos espaços não correspondem, entretanto, ao dado imediatamente percebido, mas à sua reconstrução através da imaginação, da memória, das fantasias de cada um (FREIRE, 1997, p. 78).

A passagem anterior é articulada à experiência das crianças em sua caminhada pelo bairro Bom Fim, iniciada em 19 de março de 2011. Clara, que caminhara com o grupo desde o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, localizado na Rua dos Andradas, esboçou o trajeto “C invertido”, ou U, como disseram outras crianças. Acompanhamos sua busca pelo bairro Bom Fim através de perguntas a passantes no Centro Histórico, que enunciaram desde o desconhecimento até o empréstimo de uma referência: a Santa Casa. Ela escolhe o caminho que percorria a Rua dos Andradas, indo em direção a esse local, que não localizava em suas experiências pelo centro.

A equipe contou com a colaboração de João Rovati, professor do PROPUR/UFRGS e urbanista, que suspendia a caminhada a cada encontro diante de prédios “testemunho” de passagens da história de Porto Alegre. No início do século XX seus traçados eram espelhados em Paris e, a partir da década de 50, em cidades como New York e Chicago. Os prédios coloniais que eram parte da história originária da cidade foram, em sua maioria, destruídos em prol dos ideais de progresso e modernização.

O caminho de descobertas até o Bom Fim foi sinuoso, circundando espaços, prédios, ruas, histórias, até o encontro com as demais crianças que nos aguardavam em um café do bairro. A partir desse ponto de encontro, elas foram convocadas a caminhar pelo bairro, podendo perguntar às pessoas o que era, onde era o Bom Fim. Um menino cuja mãe trabalha na região conhecia suas ruas, mostrando às outras crianças alguns caminhos, que terminaram na feira modelo que dava vida a uma rua de lazer.

Foram realizadas as primeiras fotografias, colocadas questões sobre o bairro aos habitantes e passantes, entabuladas conversas, feitas elaborações, em meio a brincadeiras de pega-pega nas calçadas. No final da tarde, na calçada contígua à feira, as crianças desenharam, em um pequeno caderno, traços dos caminhos que haviam percorrido. Surpreendentemente, os traçados foram referidos a letras e nomeados como tal, seguindo a associação inicial de Clara. Entre esses traçados, Gabriel desenhou o trajeto L, que enlaçava um café a uma feira modelo lugares de encontro coletivo, apoiado por Nicolas em seu recorte imaginário. As letras enlaçavam-se a partir de associações sobre o que cada um memorava.

Lila desenhou o trajeto enunciando que era um Z, desdobrado em circularidades, reviravoltas, metáforas de sua forma de caminhar na rua, parando para olhar, conversar, pular, correr, indo e vindo em meio a brincadeiras e perguntas sobre o que é Bom Fim e o que é um bairro.

Em meio aos traçados imaginários realizados pelas crianças, encontramos a singular forma de nomear mapas imaginários por meio de letras. Letras da cidade, traços coletivizantes, inaugurais da inserção em seu espaço e história.



Assim como as letras, as fotografias da Cidade das Crianças sobre o Bom Fim caminham na direção de outorgar recortes singulares da infância em sua relação com o bairro, constelação de traços, memórias a desdobrar, histórias a transmitir. Placas, movimentos, brincadeiras, passantes, cenas, prédios, objetos, pequenas coisas, foram capturados como imagens-testemunho de um bairro a se descobrir, sobre um bom fim a partir do olhar infantil.

Referências:

- BENJAMIN, Walter. Rua de mão única. Obras Escolhidas. Vol. II. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- BURKE, Peter. O mundo como teatro: estudos de antropologia histórica. Lisboa: Difel, 1992.
- FRANCO, Sérgio da Costa. Gente e Espaços de Porto Alegre. Porto Alegre: Editora da Universidade, UFRGS, 2000.
- FREIRE, Cristina. Além dos Mapas: os monumentos no imaginário urbano contemporâneo. São Paulo: SESC, Annablume, 1997.
- FREUD, Sigmund. Psicología de las masas y análisis del yo. [1921]. Ensaio CXII. Obras Completas. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva, 3.ed., 1973.
- _____. El Malestar en la cultura. [1930]. Obras Completas. Tomo III. Madrid: Biblioteca Nueva, 3.ed., 1973.
- KUHLMANN JR, Moysés. Infância e educação infantil: uma abordagem histórica. Porto Alegre: Mediação, 1998.
- LACAN, Jacques. L'objet de la psychanalyse. Séminaire 1965-1966. Paris: Association Freudienne Internationale. Documento de circulação interna da Associação Freudiana Internacional.
- MACEDO, Francisco Riopardense. História de Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 3.ed., 1999.
- MEIRA, Ana Marta. Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte. Porto Alegre, 2011. 234 fls. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- _____. Corruptio, palavra e imagem: a Cidade das Crianças entre passos no Centro Histórico de Porto Alegre. In: POSSAMAI, Zita (Org.). Leituras da Cidade. Porto Alegre: Evangraf e EDUFRGS, 2010, pp 199-208.
- MENEGAT, Rualdo. Atlas Ambiental de Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 1998.
- PESAVENTO, Sandra. Uma outra cidade: o mundo dos excluídos no final do século XIX. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.
- _____. Memória Porto Alegre: espaços e vivências. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2. ed., 1999.
- _____. O imaginário da cidade: visões literárias do urbano: Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: EDUFRGS, 2002.
- WEIMER, Ginter. Arquitetura. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

Currículo Breve

Ana Marta Meira

Psicóloga; Psicanalista; Graduação em Psicologia (PUC/RS); Mestrado em Psicologia Social e Institucional/UFRGS (2004) com a pesquisa A cultura do brincar: a infância contemporânea, o brincar e a cultura no espaço da cidade; Doutora em Educação/UFRGS (2011), com a pesquisa Olhares das crianças sobre a cidade de Porto Alegre: infância contemporânea, psicanálise, educação e arte; Integrante do GEARTE/UFRGS - Grupo de Pesquisa em Educação e Arte; Coordenadora do projeto Cidade das Crianças (desde 2006); Integrante do corpo docente do curso de Especialização em Psicologia Clínica Escutas da Infância/UNIFRA, Santa Maria (2006 a 2009); Professora Substituta no Departamento de Psicanálise e Psicopatologia/Instituto de Psicologia/UFRGS (2004, 2005 e 2009). Organizadora do livro Novos Sintomas, Editora Ágalma, Salvador, 2003. Autora de diversos artigos sobre infância contemporânea, psicanálise, brincar, cultura e arte. Integra a Rede Cultura Infância, sendo colaboradora do Portal Cultura Infância. Realizadora, com o projeto Cidade das Crianças e Zapata Filmes, do curta metragem Aquela Boina Vermelha, em parceria com o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo e Jornal do Mercado.

Contato: ammeira@portoweb.com.br



Bom Fim
um bairro, muitas histórias...

BOM FIM: UM BAIRRO MUITAS HISTÓRIAS...



...QUE HISTÓRIAS O BOM FIM CONTA...



MENDADOR MANOEL PEREIRA
CONCEIÇÃO
CONCEIÇÃO
VOLUNTARIO
GARIBALDI
FARRAPOS
ERNESTO ALVES
ADADOR CORUJA
CRISTOVÃO COLOMBO
TIRADENT
RAMIRO BARCELOS
GONÇALO DE CARVALHO
B. FLORES
ANDRE PUENTE
PINHEIRO MACHADO
SARMENTO LEITE
VADUTO DA CONCEIÇÃO
D. SEBASTIAO
DR BARROS CASSAL
INDEPENDÊNCIA
CASTRO ALVES
IRMÃO JOSÉ OTÃO
A. DE FARIAS
TOMAZ FLORES
GARIBALDI
SANTO ANTÔNIO
CAUDURO
VASCO DA GAMA
HENRIQUE DIAS
GEN JOÃO TELLES
AVENIDA OSVALDO ARANHA
FERNANDES VIEIRA
FELIPE CAMARAO
B. FIGUEIREDO
PARQUE FARROUPILHA
ENQ LLIZ ENGLERT
SETEMBRINA
SANTA TEREZINHA
VENÂNCIO AIRES
JOÃO PESSOA
GEN. LIMA E SILV
AUGUSTO PESTANA



ENG ILO MENEHETTI

BAIRRO OFICIAL E BAIRRO VIVIDO

Existe o bairro dos poderes públicos, dos logradouros criados por decreto, do ângulo reto traçado na prancheta e na tela do computador, dos limites definidos, da funcionalidade...

e também um outro/mesmo bairro...

dos moradores e usuários, dos espaços nomeados pelo costume, das curvas sinuosas traçadas pelos percursos cotidianos, dos limites fluídos, da afetividade.

“Bairros” estes delineados a partir de dois olhares distintos: um que busca apreender o conjunto, a totalidade, próprio de processos técnicos que organizam um poder onividente, capaz de apoderar-se do espaço e de lê-lo abstraído a multiplicidade e o tumulto das práticas sociais cotidianas; outro que tenta acompanhar os “praticantes ordinários da cidade”, os caminhantes, os pedestres, cujos corpos obedecem aos cheios e vazios de um texto urbano que escrevem sem poder lê-lo.

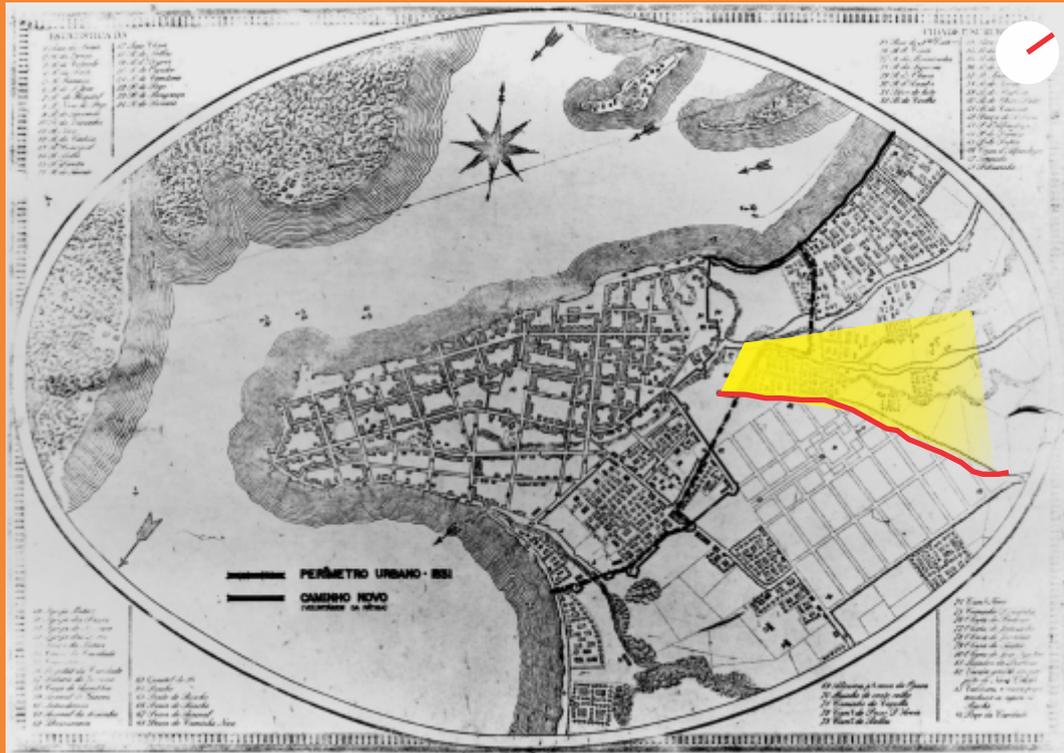
“Bairros” que, ao longo do tempo, conflitam, mas também se interpenetram e se confundem: o vivido, não raras vezes, ganha oficialidade, e os marcos oficiais são, seguidamente, absorvidos pelos afetos.

DE CERTEAU, Michel. A invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994. Citações das pp. 170-1.

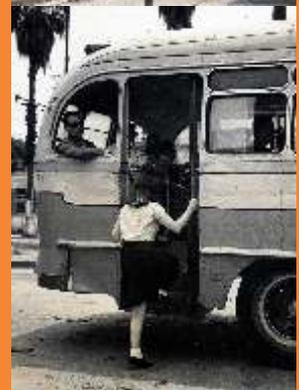
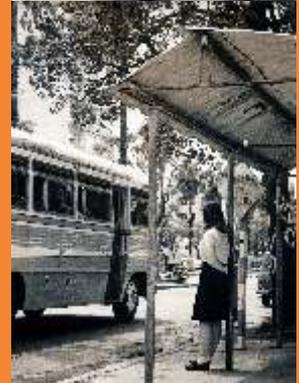
“Consideramos o Bom Fim um país – um pequeno país, não um bairro em Porto Alegre.”
Moacyr Scliar

UMA AVENIDA NO BOM FIM...

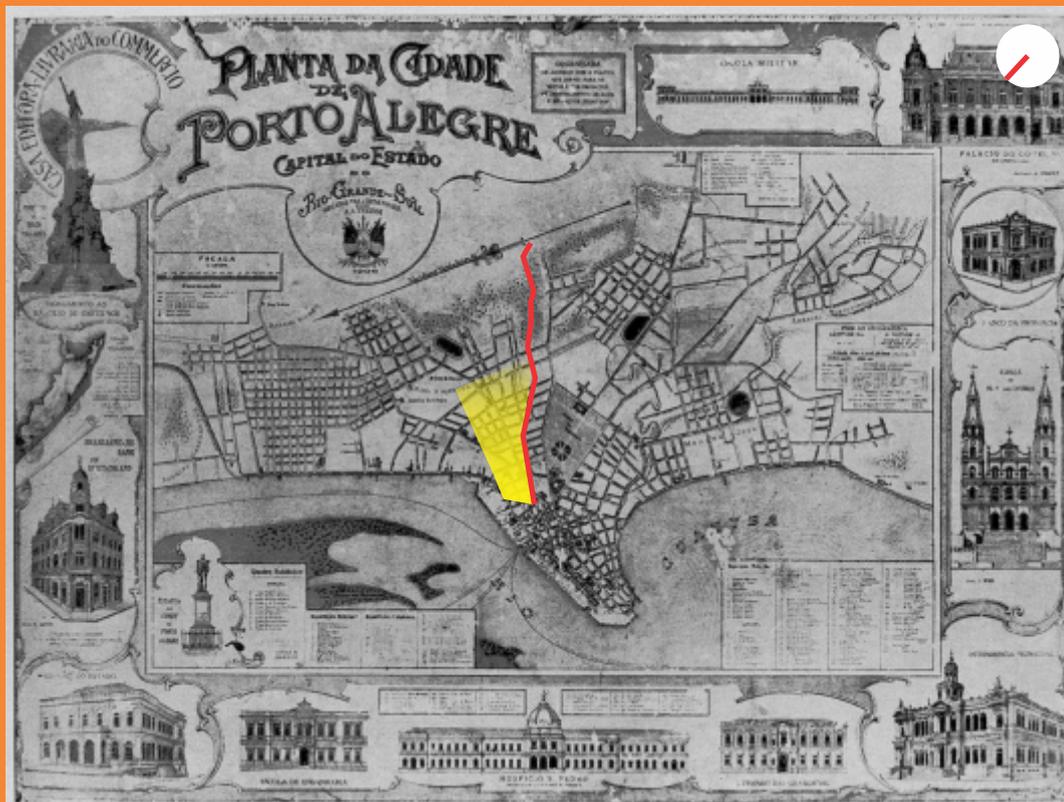
Mudanças oficiais: de Caminho do Meio à Avenida Osvaldo Aranha



Perímetro urbano de Porto Alegre em 1871, com o *Caminho do Meio* em destaque
Acervo: Museu da UFRGS



Sequência parada de ônibus
na Av. Osvaldo Aranha
Acervo: Museu Joaquim Felizardo



Planta da cidade de Porto Alegre em 1906, com o *Caminho do Meio* em destaque.
Acervo: Museu da UFRGS

LEGENDA



- NORTE



- LIMITE OFICIAL
BAIRRO BOM FIM



- CAMINHO DO MEIO /
AV. OSVALDO ARANHA



Estrada do meio ou Caminho do Meio foi a primeira denominação dessa avenida, como também da atual Avenida Protásio Alves. Na foto, início do século XX a Avenida Osvaldo Aranha com a Protásio Alves, cruzamento do Hospital de Pronto Socorro

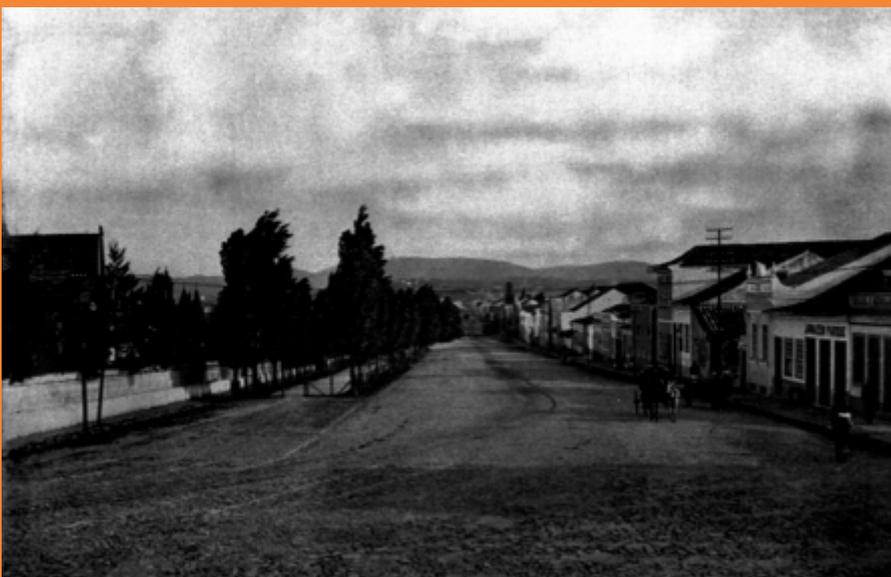
Acervo: Museu da UFRGS

Finalmente, por decreto de 14/11/1930, foi dado ao logradouro o nome de Osvaldo Aranha.



Século XX década de 20. Calçamento da Avenida Osvaldo Aranha

Acervo: Museu da UFRGS



Avenida Osvaldo Aranha

Acervo: Museu da UFRGS

Início do século XX
Rua Sarmiento Leite com
Avenida Osvaldo Aranha
Acervo: Museu da UFRGS



Século XX
Rua Sarmiento Leite com
Avenida Osvaldo Aranha
Acervo: Museu da UFRGS



1970
Vista aérea da Osvaldo Aranha
Acervo: Museu da UFRGS





HISTÓRIAS DE TERRAS DISTANTES

Ao longo de sua história, o Bom Fim acolheu pessoas oriundas de terras distantes: homens e mulheres arrancados da África negra por obra do tráfico de escravos; imigrantes de diferentes regiões européias, que fugiam da fome e/ou das perseguições. Aqui constituíram família, estabeleceram laços comunitários e religiosos, por vezes envolveram-se em conflitos com outros grupos. As histórias que trouxeram na bagagem compõem um bairro com muitas camadas de tradições inventadas e reinventadas, que ainda hoje motivam práticas e conformam representações.

Eu imagino que os imigrantes quando vieram para cá, achassem que era o fim da viagem deles, né? Então que eles interpretassem que fosse assim um bom fim da viagem. Que aqui eles iam criar as... raízes, né? Esse era a última viagem, a última parada.

Sczyja Kripka, polonês nascido em 1926, chegado ao Brasil em 1947.
Entrevistado pelo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall em 1988.



Foto da Exposição Bom Fim: um bairro, muitas histórias.



“Moças namoradeiras” vindas de diversos bairros, elas aguardavam seus namorados ou algum pretendente no Parque da Redenção. Década de 1940.

Revista Globo nº446, ano XIX, de 08/11/1947

Acervo: Museu da UFRGS

NEGROS

O Campo do Bom Fim ficou associado, na memória de Porto Alegre, às fugas e à resistência ao cativeiro, “lugar de memória e identidade urbana da cultura negra na cidade”, como ensina o historiador Charles Monteiro.

Depois da abolição, continuou a ser um espaço privilegiado para o lazer e a manifestação cultural dos afro-descendentes, muitos deles residentes na vizinha Colônia Africana, no atual Bairro Rio Branco. Sobre eles, recaía o olhar estigmatizador das elites.

Fonte: MONTEIRO, C. Porto Alegre e suas escritas: História e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. p. 190.



Capela do Bom Fim

Foto: Rafael Antunes do Canto

Um dos mais populares era o Campo do Bom Fim, em frente à capelinha então em construção. Cada domingo que Deus dava era certo um ‘batuque’ ali, e o interessante é que muita gente se abalava da cidade para ir ver a dança dos negros. Também eram raras as diversões naquele tempo, e o nosso povo é tão curioso e folião ...”

Walter Spalding, A Escravatura em Porto Alegre, 1941.





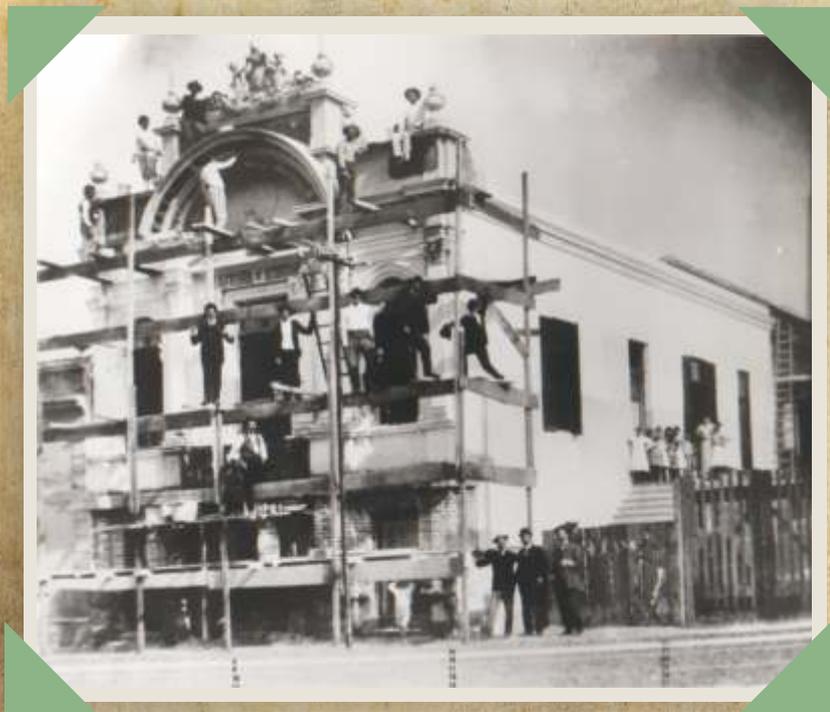
ITALIANOS

Em novembro de 1893 era fundada na rua João Telles, com o nome inicial de “Bella Aurora”, uma sociedade que tomou o nome definitivo de “Princesa Elena di Montenegro” três anos depois, em homenagem às núpcias da futura rainha da Itália, transformando-se em Centro Ítalo-Brasileiro em 1961, hoje Sociedade Italiana do Rio Grande do Sul.

Ilda Zoratto e Ester Zoratto Cassacia enviando pães para um concurso na Itália. Rua Henrique Dias, em frente à Padaria Zoratto

Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

Princesa Elena di Montenegro Já se acha quase concluido o bello edificio que essa sociedade italiana está construindo á rua General João Telles. Esse edificio é de construcção solida e moderna e apresenta surpreendentes efeitos. Tem elle vastas salas para baile, aulas, leitura, jogos, etc. A inauguração, que se revestirá de solemnidade, effectuar-se-á a 20 de setembro proximo, constando o bem elaborado programma de espetaculo, sessão magna, kermesse e baile de gala. Para assistirem o acto, serão convidadas todas as autoridades civil e militares, bem como o sr. Luiz Petracchi, regente do consulado italiano nesta capital. Correio do Povo, 16/08/1908



Rua João Telles. Construção da Sociedade Italiana.

Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall





*Colégio Idish, Av. Osvaldo Aranha, 1004.
Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*

JUDEUS

A imigração judaica para o Brasil foi uma resposta à miséria e às perseguições étnicas sofridas sobretudo na Europa Oriental. Muitos imigrantes judeus foram encaminhados a colônias agrícolas no interior do Rio Grande do Sul, mas, por razões diversas, essa experiência não frutificou, o que levou-os a virem para Porto Alegre, onde situaram-se predominantemente no Bom Fim. Aqui dedicaram-se sobretudo ao comércio, vários como vendedores ambulantes, e às profissões liberais, estabelecendo também uma ampla rede comunitária e religiosa.



*Colégio Idish (Prédio Velho do CIB), Av. Osvaldo Aranha, 1004.
Acervo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall*



Rua Felipe Camarão, próximo Av. Osvaldo Aranha. Beno Igor, atrás Sra. Volkind; ao fundo com criança no colo: Sra. Volkind; nenê: Rubem Meyer Volkind.

Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

[sobre a rua Francisco Ferrer] “A rua era bem interessante, porque a maioria de conhecidos moravam lá, saía, encontrava conhecidos, conversava e... era bem interessante. Era perto do Círculo, perto da sinagoga, do shil, tudo perto, né?”
Sczyja Kripka, nascido em 1926 (1988)





Cinema Baltimore, 08/12/1947. Aparecem, entre outros: Deputado Flores Soares, Mauricio Seligman, Miguel Weisfeld, Malka Weimberg e Guilherme Sibemberg.

Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

“... a colônia era grande, agora nem se discute. Sinagogas, reuniões... Chegava no sábado fechavam as casas, mas nem tinha casa de negócio, porque aqui no Bom Fim tinha duas casas de móveis, só, o resto trabalhava na rua. Lojas não tinha; edifícios tinha só o Grande Hotel, era o único edifício de quatro, cinco andares. De maneira que, naquela época, os idish viviam muito bem, chegava no sábado todos fechavam as casas, iam para o shil, como se fosse na Europa. Agora não tem mais nada, terminou tudo”.

David Pechansky, natural da Romênia (1987)

O verão chegava e com ele, Chanuka, a Festa das Luzes, Joel e Nathan acenderam velinhas, lembrando os Macabeus. Depois viria o Pessach e eles comeriam pão ázimo, recordando a saída do Egito; e depois a Sexta-Feira da Paixão. E por fim o Sábado de Aleluia, dia em que até as pedras da Rua Fernandes Vieira estavam cheias de ódio contra os judeus. [...] Os goim caçavam judeus por todo o Bom Fim. No dia seguinte estariam reconciliados e jogariam futebol no campo da Avenida Cauduro, mas no Sábado de Aleluia era preciso surrar pelo menos um judeu.

Moacyr Scliar. *A guerra do Bom Fim*, 1972.

Durante a II Guerra, a rua General João Telles se dividia em três setores distintos: a parte alta, que ia da Vasco da Gama à Independência, os “campos neutrais”, entre a Vasco e a Henrique Dias, e a parte baixa, da Henrique Dias até a Osvaldo Aranha. Na alta João Telles, moravam os descendentes de alemães e italianos. Quem por ali caminhasse no começo da noite, ouviria um eco da Rádio Berlim. Na zona do meio, os descendentes de pêlos-duros, entre os quais minha família. Já a parte baixa era território judeu. Ali, a BBC de Londres retumbava. Na Europa, a “Grande Alemanha” parecia imbatível. Paradoxalmente, a sua primeira derrota aconteceu aqui perto: ao largo da nossa costa e com desfecho em Punta del Este, no encontro entre o couraçado de bolso Graf Spee e os cruzadores britânicos Ajax, Exeter e Achyles, que passou à história como a “Batalha do Rio da Prata”.

Flávio Alcaraz Gomes. *A velha João Telles*.



ABAIXO À DITADURA

Arte Morde

BONFIM / PEQUIM

DEU PRA TI ANOS 70

PELAS LIBERDADES DEMOCRÁTICAS

FUTURO É

CULTURA NÃO É CASO DE POLÍCIA

PELA ANISTIA GERAL

TONIOLLO

Esperando Godot

A Palavra CAO Não morde

Arte Morde

PRISÕES

Deu pra ti anos 70

PELA ANISTIA GERAL

TONIOLLO

FUTURO É

BONFIM / PEQUIM

PELA ANISTIA GERAL

BONFIM / PEQUIM

A Palavra CAO Não morde

O A DITADURA



DEU PRA TI ANOS 70

PINOCHET 70

PELA ANISTIA GERAL

ANOS 70

LIBERDADES

DEICIA

DREVER

NÃO É CASO DE POLÍCIA

Deu pra ti anos 70

O A DITADURA

FUTURO É

FIM ÀS

Arte Morde

TONIOLLO

Esperando Godot

Deu pra ti anos 70

Arte Morde

PINOCHET

REBELDIA E TRANSGRESSÃO

“A porta de entrada para esse novo Bom Fim foi um conjunto de bares próximo a UFRGS, conhecido como Esquina Maldita. [...] A partir da Esquina ocorreu um movimento de expansão, exploração e ocupação de outras ruas, cinemas, bares, auditórios e do parque da Redenção. Muitos bares começaram a surgir na Osvaldo Aranha e nas transversais. Mais pessoas começaram a ir a esses bares e locais. A Esquina, filmes, músicas, shows, bares ajudaram a fixar o Bom Fim como um espaço aberto, jovem, de boêmia transgressora e produção artística intensas, peculiares e criativas. A partir do final da década de 1980 foi imposto um disciplinamento que acabou com estas características.”

- Lucio Fernandes Pedroso, historiador

Em variados momentos da história brasileira, grupos diversos têm encontrado no Bom Fim espaço para manifestar sua contrariedade em relação às normas sociais e aos padrões culturais vigentes. Dos escravos e ex-escravos que afluíam à Várzea, atual Parque Farroupilha, em busca de refúgio às diversas tribos urbanas das décadas de 1980 e 1990, passando pela atuação dos comunistas nos anos 1930 e 1940 e pela contestação à ditadura civil-militar instaurada em 1964, o bairro cristalizou-se na memória da cidade como território de Militância política, de transgressão comportamental, de proposição de novos valores. Ora Berlim, ora Pequim, o Bom Fim rasga o tecido urbano com éticas e estéticas subversivas, gerando em seus moradores e frequentadores ora medo, ora admiração; ora repúdio, ora adesão.

“O Bristol era o ponto de encontro do pessoal [...] Na entrada do cinema se discutiam política e formas de manifestações estudantis. Na saída, podiam-se comprar exemplares de vários jornaizinhos de esquerda (Em Tempo, Convergência, entre outros) e depois terminar os papos nos bares da Osvaldo Aranha. Praticamente todos se conheciam, ou da militância em movimento estudantil, ou dos shows alternativos que povoavam a Universidade Federal, ou mesmo dos bares.”

Iria Pedrazzi (Zero Hora)

“Proseguindo no tempo e no espaço – ao acaso, e aos anos sessenta e setenta, encontrávamos o bar Alaska, onde toda uma juventude universitária curtiu as frustrações de sessenta e quatro e a repressão que se seguiu. Deu pra ti anos setenta suspiravam os estudantes: consolados, ao menos em parte, por uma liberação sexual que fez florescer por esta cidade os bares de solitários.”

Moacyr Scliar (Zero Hora)



Cerimônia de fundação da Associação dos Trabalhadores em Tecido, por operários judeus, na Sociedade Operária de Mútuo Socorro e Beneficência Helena de Montenegro, atual Sociedade Italiana (Porto Alegre, 1929). O orador foi Guilherme Iolovitch, e o líder do grupo, o militante socialista Issak Golandinski, aparece sentado à mesa (o quarto da esquerda para a direita).

Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

“O Bom Fim, que nessa época [1928] já era um gueto judaico, passa a ser também um gueto comunista. Aqui estavam entrincheirados seus poucos mas aguerridos militantes. Aqui nasce a célula inicial do Partido Comunista de Porto Alegre, o primeiro sindicato sob sua orientação ideológica e seus dois primeiros jornais de divulgação doutrinária. Aqui acontece um fato pioneiro na história da esquerda brasileira: a primeira edição, em idioma pátrio, do famoso 'Manifesto Comunista', de Marx e Engels”



Fundadores do Sindicato dos Operários Alfaiates, instalado em uma garagem da rua Barros Cassal, no 86 (Porto Alegre, 1931).

Em pé: Jacob Volkind, Salomão Trachtenberg, Dora, Berta e Paulo Achwitz. Sentados: Miguel Rabinovitch, Maurício Kuntzwitzki, Sara Maltz e Issak Golandinski.

Fonte: MARÇAL, João Batista e MARTINS, Marisângela. Dicionário Ilustrado da esquerda gaúcha: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Libretos, 2008. p. 75.



Assembléia geral do Sindicato dos Barbeiros de POA realizada em 1914 na Sociedade Operária Vítório Emanuele II, na rua General João Telles. Discursando, o dirigente comunista e líder classista Policarpo Hibernon Machado, presidente da Federação Operária do RS (FORGS) e editor do semanário A voz do Trabalhador.

Fonte: MARÇAL, João Batista Marçal e Marisângela Martins. Dicionário Ilustrado da esquerda gaúcha: anarquistas, comunistas, socialistas e trabalhistas. Porto Alegre: Libretos, 2008.





Pichação em edificação na rua Felipe Camarão. Porto Alegre, 1989.
Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall



Comemoração do aniversário do *Levante do Gueto de Varsóvia* (1943) no Clube de Cultura de Porto Alegre.
Acervo: Clube de Cultura de Porto Alegre

O Clube de Cultura, o Centro Cultural Israelita L. L. Peretz, o Centro Israelita Brasileiro de Intercâmbio e Cultura e a Sociedade Feminina Vila Kempner convidam o ISHUV de Porto Alegre para assistir as comemorações do 8º aniversário do levante do Ghetto de Varsóvia que serão levadas a efeito à noite, dia 18 de corrente, às 20,30 hs. o Rua Ramiro Barcelos n.º 1549.

Entre os oradores falarão: **Dep. Cândido Norberto** que nos transmitirá suas impressões sobre o que sentiu vendo as ruínas do Ghetto de Varsóvia; o **Prof. Rubens Maciel**, o escritor **Dr. Marcos Iolovitch** e o **Sr. Naftal Rottenberg**, que falará em idish.

NINGUEM DEVE FALTAR
ENTRADA FRANCA.

“A fauna ensandecida do Ocidente Digitando em frente ao Metropol Berlim, Berlim, Berlim, Bom Fim”
Hique Gomez e Nei Lisboa



Pichação em residência na rua Fernandes Vieira. Porto Alegre, 1989.
Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall



Prédio da antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS.
Acervo: Museu da UFRGS



Jovens colando cartazes de protesto na Rua João Telles. O Movimento Bom Fim/Pequim – referência ao episódio da Praça da Paz Celestial na China, quando um protesto de estudantes foi reprimido com extrema violência - defendia que a cultura não é caso de polícia. Décadas de 1980-1990.

Acervo: Museu da UFRGS



Fotos que registram os protestos de estudantes com faixas na luta pela Anistia e Democracia. Neste período as concentrações e Assembléias eram realizadas na antiga Faculdade de Filosofia da UFRGS em 1977 e as passeatas na Av. Osvaldo Aranha, como na foto de 1960.

Acervo Museu da UFRGS



Equipe do filme “Deu pra ti, anos 70”, de Giba Assis Brasil e Nelson Nadotti (Porto Alegre, 1981).

Acervo Particular: Carlos Gerbase

“O Alaska havia sido aberto em 1966 por Alfredo Ribeiro. Em poucos meses, tornara-se o palco de todas as rebeldias e resistências. Ali se falava abertamente de homossexualismo, de aborto, de divórcio, de amor livre, de abrir as portas da percepção e, especialmente, da emancipação do proletariado.”

Juremir Machado da Silva



Casa demolida na rua João Telles, onde havia uma ocupação de punks e hoje funciona o Memorial da Justiça do Trabalho no RS.

Acervo: Memorial TRT4



Fotos da *Parada Gay* no Parque da Redenção, Porto Alegre 2010.

Acervo: Grupo Nuances



Apresenta:

Fluxo, Guitarra,
Violão Popular
Bateria e Acordeão
Básicos para Canto:
ARTICULAÇÃO,
INFLEXÃO, RITMICA,

PROCURA-SE
QUEM FEZ
ISSO

ADÃO EM
PIS
THE

S

bar

PROCURA - SE
FELÍCIA
COLÉ MICRO
VOY
em 10/07 no Bairro
POA
amo.com.br
(61) 3574-9486
Monty
Air

HISTÓRIAS IMAGINÁRIAS

A imaginação e a cidade

Luís Augusto Fischer

Não tem segredo: querendo ver uma das melhores caras da cidade é só andar pelo Bom Fim (não falta quem pense e escreva “Bonfim”) ou perguntar pelo Bom Fim. Indagando, todo mundo vai ter uma boa história para contar. Pequeno na geografia, o Bom Fim é grande pela intensidade das vivências que produz.

Se fosse possível contabilizar os sonhos e os desejos dos moradores de uma cidade, pode apostar que o Bom Fim estaria na ponta, entre os porto-alegrenses. Em seus bares foram sonhadas e discutidas incontáveis utopias, das mais simples, como montar a melhor banda da nova moda, às mais complexas, como fazer a revolução, aliás qualquer revolução entre as que povoaram a vida ocidental desde que Porto Alegre existe — a busca pela liberdade para os escravos, o sonho socialista, a liberação feminina e por aí vai, vamos. Pelo canal de comunicação que há entre o bairro e o futuro, já rolou de tudo.

O mundo cabe no Bom Fim, porque o Bom Fim há muitas décadas pensa no mundo, antenas orientadas para aos processos mais dinâmicos do planeta. O Bom Fim não é como muitos bairros, a maioria talvez, porque nele não apenas se vive: ali se sonha, se projeta, se relembra.

O Bom Fim, pensando bem, vive mais no tempo do que no espaço.

Desde os anos 1970, pelo menos, o Bom Fim está nas páginas da ficção. Antes disso, tenho a impressão de que a vida toda de Porto Alegre aparecia muito pouco na nossa ficção, com exceção de partes do Centro, este sim com presença notória em clássicos como *Os ratos*, de Dyonélio Machado (1935), ou *O resto é silêncio*, de Erico Verissimo (1943). Fora da velha zona central da capital gaúcha, o que aparece é bem pouco, daquele pouco que dá pra contar nos dedos das duas mãos. Me contento em dar o exemplo de *Estrada perdida*, um excelente romance de Telmo Vergara, lamentavelmente nunca mais lido, porque nunca mais foi impresso, desde seu grande sucesso inicial, ao ser lançado, em 1939.

Os anos 60 apareceriam bem mais no futuro. Tome-se o caso de Paulo Coimbra Guedes: aluno de Letras nos 60, professor desde então (na UFRGS a maior parte do tempo, até se aposentar, recentemente), vai lançar um magnífico romance chamado *Tratado geral da reunião dançante* (editora Artes e Ofícios) em 1998; nele, o leitor depara com camadas sucessivas de tempo em contos que o personagem-narrador escrevera nos 60, revisara nos 70 mas mantivera inéditos até então — e isso tudo coincidindo estreitamente com o que aconteceu na vida do autor, eu posso afiançar. Quer conhecer? Vai lá ver, por exemplo o conto “No bar da Filosofia”, que é o mesmo que até hoje ali está, no Campus Centro da UFRGS. Quer dizer, é e não é, sabe como é.

Ou então veja-se o caso de Sergius Gonzaga, que viveu os anos iniciais da ditadura militar como aluno da antiga Faculdade de Filosofia, quase nos mesmos anos do Paulo acima mencionado, e que apenas em 2009 publicou seu primeiro livro de narrativas, saboroso, inventivo, ferino, grande livro: é *O hipnotizador de Taquara*, publicado pela editora Leitura XXI. Escuta só a fantasia de época, devidamente filtrada pela memória do autor quando já sessentão:



Ensaio Qorpo Santo, Carlos Sena, 1966.

Acervo: Clube de Cultura

“A velha fotografia, já parcialmente esbranquiçada, revela que estamos no Bar Alaska, na avenida Osvaldo Aranha. André Forster acaba de ser eleito presidente do Centro Acadêmico da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da UFRGS. Comemoramos sua vitória. Na longa mesa, representantes de todas as facções de esquerda do movimento estudantil. Apesar dos desvios ideológicos das tendências a que não pertencemos, todos nos julgamos a vanguarda indiscutível da luta popular contra a ditadura. A ditadura que — sabemos — vai cair até o fim do ano.

(...) Carlos Alberto Vieira grita sabiamente:

— Além de Cuba, o Alaska é o único território livre da América Latina.”

Dos 70 em diante a coisa mudou: uma nova geração tomou para si a tarefa de botar a cidade real para dentro da ficção. Muitas cenas de Caio Fernando Abreu têm endereço conhecido em Porto Alegre; Josué Guimarães, que era mais velho do que os jovens de 70 mas que só publicou a partir desse tempo, fez bastante sucesso com, por exemplo, Camilo Mortágua, seu último grande romance, que saiu em 1980 e deixou todos os leitores com a maravilhosa sensação de viver em uma cidade que merecia figurar nas páginas da boa ficção. Nessa geração veio à luz o trabalho de Moacyr Scliar, de quem falaremos mais logo em seguida.

Agora vamos ao que rolou nos 80, que em matéria de literatura não foi tanto quanto podia, e foi inacreditavelmente menos do que aquilo que apareceu na canção. Foi o tempo em que a boemia revolucionária dos anos 60 e 70 deu lugar a uma frequência menos utópica e mais transgressora em matéria de costumes. O primeiro e virtualmente único escritor a meter a mão no vespeiro bom-finesco foi Marcelo Carneiro da Cunha, que lançou seu *Noites do Bonfim* em 1987, pela editora Mercado Aberto. Que ver um trecho?



Cartazes de espetáculos realizados no Clube de Cultura

O **Clube de Cultura** foi inaugurado em 31 de maio de 1950, em casa alugada da Rua Ramiro Barcelos, com o objetivo de criar um espaço para atividades artístico-culturais que não encontravam acolhida nos lugares já consagrados de Porto Alegre. A iniciativa foi de catorze ativistas político-culturais, judeus não sionistas. A sede atual foi inaugurada em 1958, depois que seus criadores decidiram comprar o terreno e construir um espaço com salas para diversos usos, além de um auditório.

O *Clube* foi palco de inúmeras atividades nas áreas de cinema, música, educação, artes visuais, etc. Desde os anos 1950, lá realizaram palestras e exposições artistas e intelectuais como Graciliano Ramos, Jorge Amado, Aparício Torelli (Barão de Itararé), Carlos Scliar, Danúbio Gonçalves e Vasco Prado, além de artistas e grupos do Uruguai, da Argentina, do Rio de Janeiro e São Paulo. Na década de 1960, o *Clube* abriu suas portas para toda a sociedade e sofreu junto com ela as perseguições advindas da ditadura civil-militar. Manteve-se na resistência e continua aberto até hoje.

“Outros riscos: pedaços daqueles coqueiros no meio da Osvaldo Aranha despencando sobre as nossas cabeças; motoristas de táxi entediados com a noite, a imaginar a sensação de passar por cima de um corpo. Um cheeseburger mal prensado, uma conversa de mau jeito, uma queda de cavalo.

Me esgueiro de tais males, trafegando isento por entre sacos de lixo, vitrines cheias de móveis laqueados e filas de cinema ao redor do Bristol. Distribuo alô entre os conhecidos nas filas, combinando encontros para depois da sessão, olhando os cartazes do filme seduzido por eles. Mas o filme de hoje eu já vi. Napoleão, de Stanley Kubrick.”

Marcelo contou com poucos parceiros de tema. Poucos mas valorosos: foi o caso de Carlos Gerbase, depois alguma poesia de Paulo Seben, mais adiante Juremir Machado da Silva (que fez mestrado sobre a vida noturna do Bom Fim), Cíntia Moscovich e, num caso raro e bem interessante, Walter Doege, que lançou em 2001, pela obscura editora Palimpsesto Comunicação, de Guaíba, um simpático livro chamado *O autônomo do Bom Fim*, qualificado pelo autor como “um quase-romance”. Dois romances que merecem menção nessa levada, ambos contendo cenas ligadas ao mundo do bairro, particularmente ao território da UFRGS — bailes da Reitoria e Rádio da Universidade, particularmente — são *O rapaz que suava só do lado direito*, de Antônio Carlos Resende (1979) e o muito inventivo, intenso, ousado *Os quarenta anos do Doutor Stummer*, de Roberto Velloso Eifler (1988). Maluquice é com o Bom Fim mesmo.

Na geração seguinte, o tema aflora de modo mais intenso. Sem contar figuras mais notórias como Amílcar Bettega Barbosa, Daniel Galera, Michel Laub, que em alguma medida sempre dão lugar para a Porto Alegre real (incluindo o Bom Fim e arredores) em seus romances e contos, uma série de registros vivos e significativos ganha corpo na obra de



Balé Copélia, atração do UNICULTURA

Acervo: Museu da UFRGS

autores de grande interesse. É o caso de Leonardo Felipe, que lançou *Auto* em 2004, pela editora Ideias a Granel. Ali se lê uma cena assim:

“Naquela época eu saía de segunda a segunda e todas as noites dava uma passadinha no Lola. O lugar não tinha nada de mais, aliás, era um bar de merda, mas como ocorre com a maioria dos bares de merda, era aonde todo mundo ia. Eu acabava aparecendo por lá também, magnetizado pela sujeira & decadência num delírio juvenil por um determinado tipo de literatura + certos elepês de roquenrol + o interesse por estados alterados de consciência.

Ficar circulando por ali era excitante. Malucos de todos os tipos, traficantes, ninfetas, os carinhas das bandas, eventuais yuppies, hippies, punks, pivetes. A fauna em frente à funerária. O Ocidente bombava ao lado, cuspidando gente pelas janelas, mas eu raramente subia. Me contentava com a avenida e o Lola.”

Outro é Paulo Scott, fortemente impregnado pela cor, pelo som, pelo cheiro da cidade. Em seu premiado e filmado (com direção de Gustavo Spolidoro) *Ainda orangotangos* (2003, editora Livros do Mal), encontramos a seguinte cena, no conto “*Funny Valentine*”:

“Agitei-me, terminei a bebida num gole, desci as escadas. Segui-o pela Osvaldo Aranha. Caía um chuvisqueiro gélido. Devia ser uma da manhã. Três garotos magrinhos andaram uns metros ao meu lado, ofereceram maconha, crack, sei lá. Recusei (disse que gritaria se insistissem). Desistiram, mas não escapei do xingamento — chamaram-me de tia bundona! Apressei o passo. Ele dobrou na Fernandes Vieira.”



UNICULTURA

O Programa Unicultura surge em 10 de março de 1993 a partir a experiência bem sucedida do Programa Uniarte surgido nos anos 1980 e que reunia os projetos já consolidados Unimúsica (1981), Unicena (1983), Unifilme (1983) e Unidança (1983), acrescentando mais tarde novos projetos Univídeo, Unilivro, Uniarq, Uniciência, Unidéia e Uniarte. Com uma programação intensa, a Universidade Federal do Rio Grande do Sul passou a ser um lugar obrigatório na vida cultural da cidade. Realizado pelo Departamento de Difusão Cultural, este programa, tem por objetivo a realização de eventos relacionados às áreas da música, dança, cinema, teatro e artes plásticas, entre outras.

Shows de Bebeto Alves (1) e Nei Lisboa (2), e as peças de teatro Pedro de Calcutá (3) e Pois é Vizinha (4).

Acervo: Museu da UFRGS

Mas o escritor mais identificado com o Bom Fim, por motivos de afinidade existencial radical, é Moacyr Scliar. Nascido (em 1937) e criado no Bom Fim judaico, no Bom Fim agora já legendário das famílias judias que se estabeleciam precariamente e ali viviam vidas duras, suadas, trabalhadas com denodo, Scliar será o grande escritor do bairro e dessa tradição, em Porto Alegre. (Não exclusivo, é bom dizer: Isaac Starosta também é do ramo, escrevendo desde os anos 70 e incorporando muito da vida da cidade em sua ficção e em sua poesia.)

Scliar pode ter começado o serviço de falar do Bom Fim num livro que se tornaria um clássico da cidade e do autor: O exército de um homem só, lançado em 1973, hoje em dia editado pela L&PM. Ali temos uma cena assim, entre tantas outras:

“Numa noite de insônia Mayer Ginzburg escreve a mão um número inteiro do jornal, ilustrado com vários desenhos. De madrugada resolve mostrá-lo aos companheiros. Desce correndo a Felipe Camarão em direção à Henrique Dias, onde moram Leia e José Goldman. Os velhos judeus que vão à sinagoga olham-no com suspeita; mas ele não tem medo deles, não; não tem nenhum medo.”

A vida e a obra de Scliar, falecido há tão pouco que pôde ver a exposição em que figurava como depoente e como objeto, merece ser celebrada, agora e aqui, na cidade em que viveu sempre e que sempre procurou representar, nas palavras de seu texto e na vida de escritor famoso. Convido o leitor a um pequeno passeio por sua trajetória, na forma de um balanço que procura reconhecer de público o valor de sua obra e sua ação.

O que quer um escritor, um artista? Encontrar a linguagem adequada para expressar-se e encontrar o público que se interesse pela obra. Isso, tudo isso, nada mais que isso. Pode haver interesses paralelos, naturalmente: ganhar dinheiro; conquistar amores e despertar paixões; alcançar fama; prestar contas ao pai e à mãe que tanto acreditaram; obter poder;



O Bar Ocidente está localizado, desde 1980, num sobrado na esquina da Rua João Telles com a Avenida Osvaldo Aranha, erguido no ano de 1879. Antes, a edificação foi sede de um internato para moças de colonização italiana e de uma associação de jovens sionistas.

São 30 anos de (r)e(s)istência, irreverência, ousadias, inquietações, barulhos, rugas com a vizinhança, repressão policial e institucional e crises financeiras.

Desde a sua inauguração, a efervescência do espaço se dá pela frequência das mais diversas tribos e de grupos de teatro e música. Como rememora um de seus criadores, Fiapo Barth: “A gente queria um lugar com meia luz, mais charmoso e, principalmente, com eventos de palco onde as pessoas pudessem organizar na cabeça uma cronologia da noite: isto aconteceu no show tal, na peça de fulano”.

Sarau Elétrico no Bar Ocidente

esmiuçar um tema que considere vital; ser reconhecido pelos seus como alguém de valor, como seu intérprete. Mas se o artista é artista mesmo, o que importa são aqueles dois encontros, com a linguagem e com o público. Encontros que são conquistas, não graça divina: é na lida diária e obstinada com ela e com ele que a coisa aparece.

O prezado leitor que, como eu agora, está lembrando de Moacyr Scliar, deduziu logo que nosso escritor se realizou. Desde o começo de sua longa, produtiva, bem-sucedida carreira de escritor, Scliar encontrou linguagem e leitores, que agora permanecem aqui: ela impressa e portanto disponível para a leitura das dezenas de volumes que escreveu, eles com a chance concreta de seguirem lendo, agora e no futuro, o que ele deixou.

Sua linguagem foi sempre a narrativa, nunca a poética: não se encontra em sua obra o esforço pela imagem sublime, plasmada num giro raro de palavras, numa metáfora especial, no vocabulário sutil, e sim se encontra a volúpia pelo relato, fosse ele de temperamento alegórico (seus contos estão cheios de figuras surpreendentes, animais falando, sonhos divinatórios, etc.), fosse ele de caráter realista (é repleta de vida cotidiana sua ficção).

Narrativo, claro em sua sintaxe, escorreito no vocabulário, Scliar soube encontrar os temas para sua obra naquilo que estava ao alcance de sua vida — Porto Alegre aparece muito em seus livros, marcantemente até os anos 80, assim como questões ligadas ao mundo da saúde pública, que não saíram nunca de seu horizonte. A condição judaica nunca parou de ser fonte inspiradora, tanto no plano histórico concreto (a imigração para o Brasil, os dilemas da adaptação ao novo mundo, os episódios pessoais) quanto no plano cultural mais difuso e geral (temas bíblicos, dilemas centenários da vida judaica, fantasias milenares do imaginário de sua cultura).

Quem são seus personagens marcantes? (Fica-se tentado a encontrar sínteses, em momentos de luto como este: o objetivo é encontrar pontos de apoio para debruçar ali nossa tristeza.) Pode-se dizer que Scliar tomou o pobre-diabo como personagem central? Não, não é dele que se ocupou. Mas também não foi o nababo, nem o aristocrata de dinheiro velho,

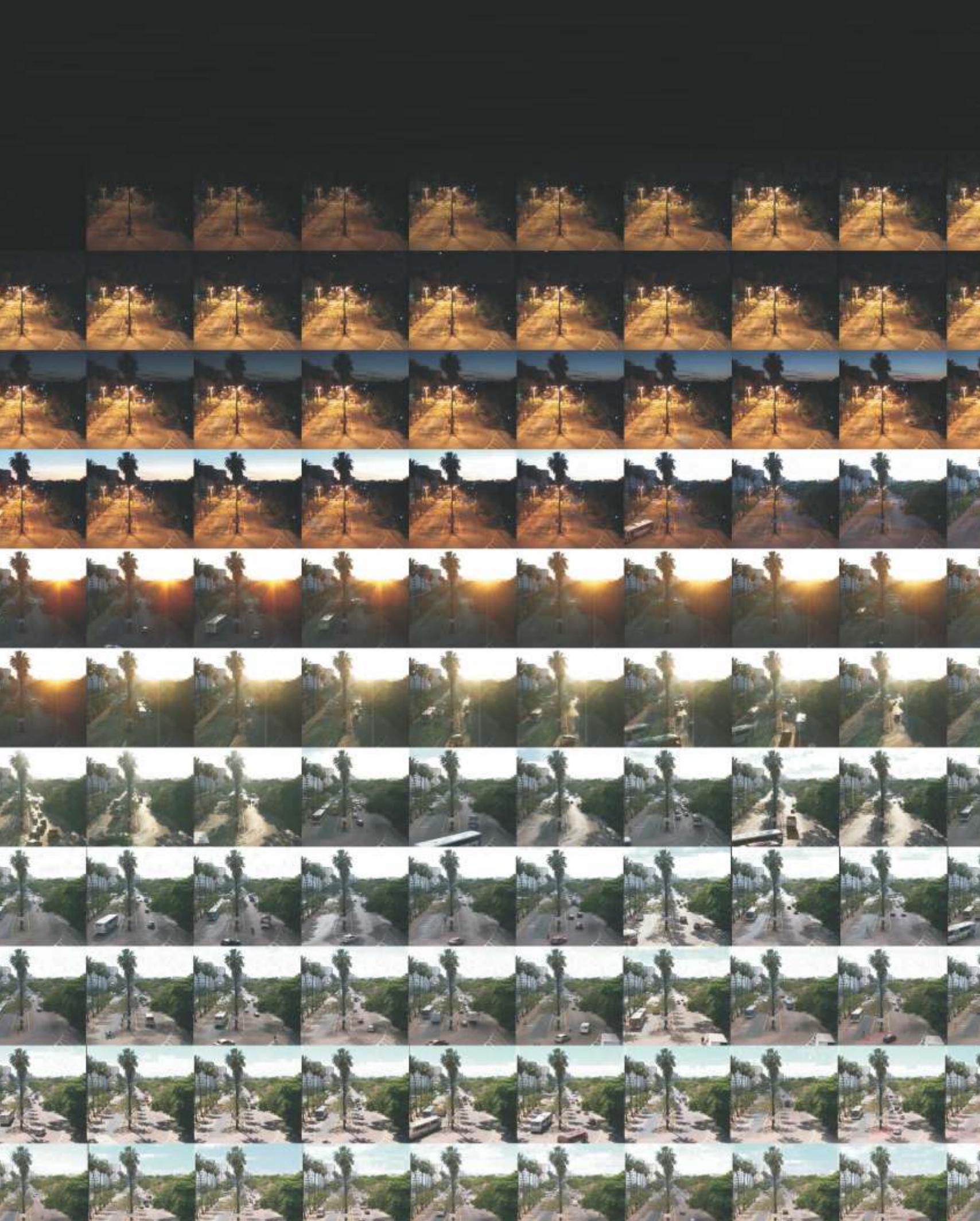
nem o burguês bem-sucedido que pisou em vários pescoços até chegar lá. Seu personagem-síntese é o sujeito simples, igual ao leitor, que porém acalenta aspirações de grandeza, de fama, de prestígio. Aspirações que escolheu ou que herdou, e que não se realizam direito jamais — o esquema abstrato da novela em suas mãos é o relato da trajetória de um sujeito assim, seja ele o homem que imaginou ser ele só um exército, lá nos anos 70, seja o Valdo do romance derradeiro, de 2010, *Eu vos abraço, milhões*, que envolve o Rio Grande da Revolução de 30, os sonhos comunistas da primeira metade do século passado e a danação do cotidiano, matéria-prima toda ela significativa para o autor. Que esse personagem seja muitas vezes judeu é uma contingência a que Scliar não fugiu, como alguém que sabe de sua família, de seus maiores, do patrimônio cultural e afetivo incalculável envolvido nessa herança.

E o público, quem foi, como apareceu? Para mais de um colega escritor, Scliar dizia, de vez em quando em tom de conspiração, que era preciso escrever para as mulheres, que são o público real. Era e não era uma piada, eu creio: Scliar de fato foi em direção a seu leitor — estimo que ele teria gostado da comparação — como um honesto caixeiro à moda antiga, quem sabe um imigrante ainda frágil na nova língua mas empenhado de corpo e alma no comércio porta a porta, que quer conquistar e nunca mais perder a freguesia, fazendo sempre o seu melhor. (Uma das marcas de sua atuação era a infinita gentileza com que atendia a pedidos de entrevista, de visita a escolas, de autógrafos.) Não confrontou o leitor médio, não lhe impôs dificuldades intelectuais ou críticas. Suas histórias não são trágicas, ou quando são trata-se de tragédias que acabam com um suspiro, não numa explosão. Seu humor é discreto, riso de canto de boca; não resulta em gargalhada nem em enigma cerebral que só se resolve horas depois mediante muita análise aguda.

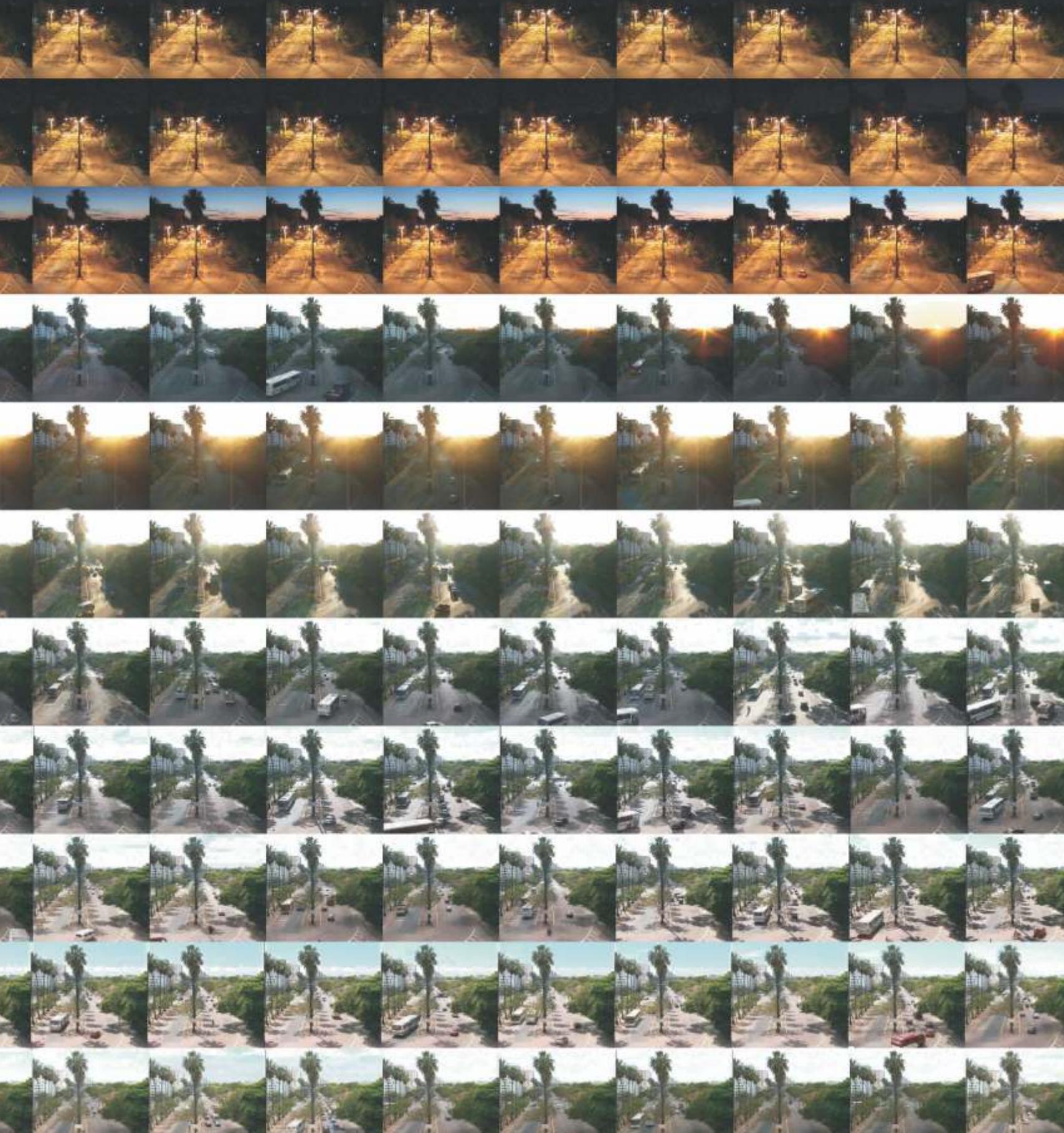
Mas, se não confrontou o leitor real, também não cedeu em coisas básicas que agora, em ritmo de balanço, aparecem com clareza: seu produto era aquele mesmo, aqueles temas e aquele horizonte humano, que ele aperfeiçoou a vida toda, que lapidou com a paciência com que Baruch Spinoza polia suas lentes, enquanto pensava na vida. (Spinoza foi uma das referências intelectuais e afetivas de Scliar, a ponto de figurar numa excelente passagem de um belo romance: *Na noite do ventre*.)

Assim ele era pessoalmente: disponível, cordial, fraterno. (Guardo com carinho a lembrança de um telefonema que me deu, na véspera de uma complicada cirurgia que ele sabia que eu ia fazer, para me dizer que tudo ia dar certo. A palavra do médico instaura o sentido no doente, e ele sabia disso.) E também foi um dedicado batalhador e um inventivo contador de histórias. Uns quantos romances seus permanecerão, ao lado de um bom punhado de contos; suas narrativas juvenis por certo seguirão fazendo o serviço limpo de acalantar leitores em formação; suas crônicas merecerão visitas em busca do sentimento diário que os últimos 40 anos viveram; e seus ensaios terão função esclarecedora por muito tempo.

Moacyr Scliar foi alguém que buscou ser inteligente e eficaz; realizou ambos os desígnios como escritor. A última frase de uma autoapresentação escrita para o significativo livro juvenil *Um menino chamado Moisés* junta a isso um traço de valor alto: dizendo ali a seu leitor que para compor aquele texto ele leu a Bíblia como literatura, mas também inventou um tanto — o mar Vermelho se abriu para os judeus passarem tanto quanto, explica, o mar da imaginação dá passagem ao trabalho do escritor. Scliar arremata, falando de sua história e, digo eu, de sua obra: “Não chega a ser um milagre, mas que dá alegria, isto dá”.



HISTÓRIAS DIURNAS E NOTURNAS





Acervo: Museu da UFRGS

“O nome [do bar Fedor] tem origem: no bar se misturavam um cheiro de café e de um banheiro imundo, que jamais era limpo – duvido que alguém tivesse coragem para tanto. Ali era o umbigo do mundo”.
(Paulo Burd, jornalista)

Dia e Noite

Amanhece... O Bom Fim da noite ainda perambula pelas calçadas da Osvaldo. O Bom Fim do dia acorda: lojas abrem, crianças vão para a escola. Meio-dia: almoço, crianças voltam pra casa, gritaria. Fim de tarde: chimarrão, bicicleta, corrida.

Sábado: Feira Ecológica na José Bonifácio, a Feira Livre da Vasco da Gama na Vasco. Domingo: brique. Anotece... Muitos dormem, outros acordam. Muitos saem da Redenção, outros entram. Paquera, bebida, música, drogas, conversa.

Michês na JB. A festa começa.

Amanhece...



Acervo: Museu da UFRGS

“Nos ainda românticos anos 40, aconteciam os bailes 'casamenteiros' do Círculo Social Israelita, no alto do extinto cinema Baltimore”.
(Revista Aplauso)



O Bom Fim do dia não é o mesmo Bom Fim da noite: mudam os espaços, os personagens, os sons, os cheiros, as cores, os desejos...

Neste espaço da exposição, o espectador experimenta 24 horas no Bairro num vídeo de poucos minutos.



“E de repente chega o domingo. Não se trabalha; não se trabalha sábado nem domingo. Sábado é feriado no país do Bom Fim, domingo é feriado no Brasil. Sábado pela manhã se vai à sinagoga. No domingo a família se aboleta na charrete e vai fazer um piquenique nas Três Figueiras”.
(Moacyr Scliar)

***“Alô tchurma do Bonfim
As gurias tão tri afim
Garopaba ou Bar João
Bela dona e chimarrão”***
(Kleiton e Kledir)

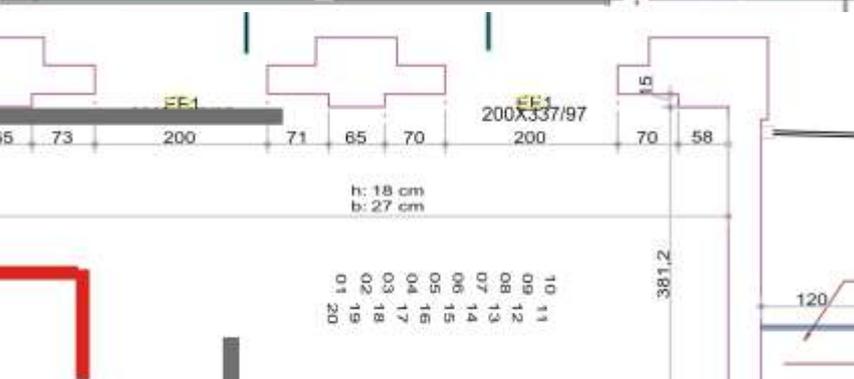
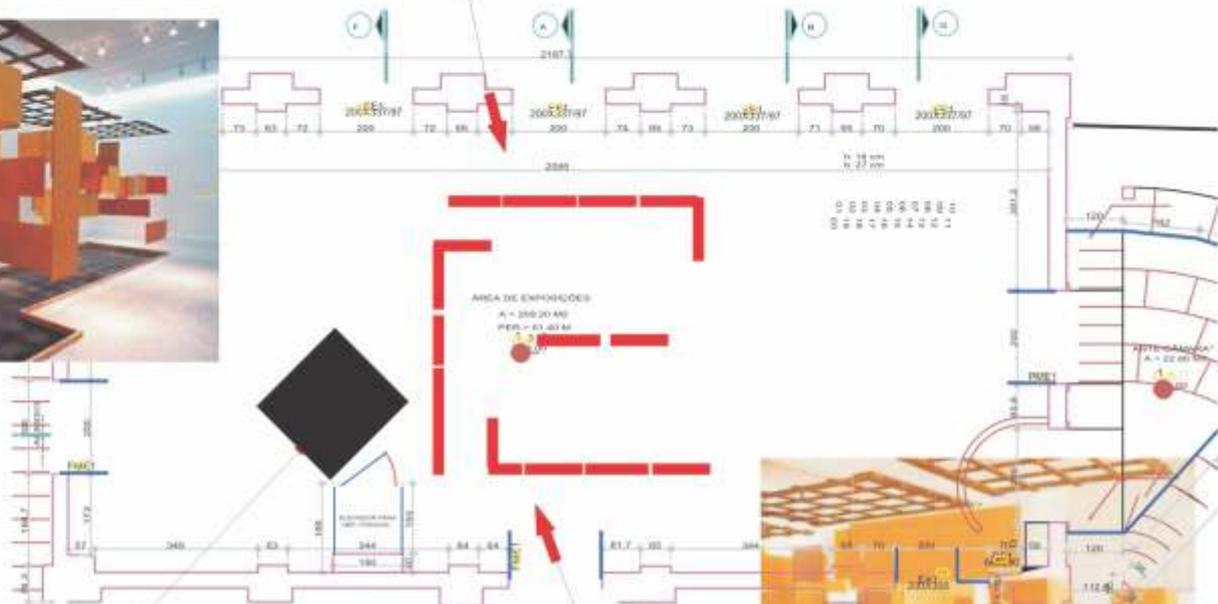
Foto do amanhecer na Caixa 24 horas no Bom Fim, onde estava o vídeo.
Acervo Fotos Exposição: Rafael do Canto



JOGO BOM FIM

Com o apoio do Instituto de Informática da UFRGS, os espectadores podem conhecer os locais mais significativos do bairro Bom Fim. Foi desenvolvido um jogo de computador que marca o percurso da Avenida Osvaldo Aranha com a música *Berlim, Bom Fim* (Nei Lisboa / Hique Gomez) como trilha sonora adaptada por Peninha (Banda Enxuto). Basta seguir as instruções para o passeio virtual.





25 cm

Lei n.2022(07/09/1959) enquadrada como zona compreendida entre os seguintes limites: Av. Osvaldo Aranha, da esquina da rua Sarmiento Leite até a Felipe Camarão; da Felipe Camarão até a rua Castro Alves e seu prolongamento na direção leste-oeste, paralelo à Independência; até o extremo sul da Praça D. Sebastião; da Praça até a Sarmiento Leite e desta até a Osvaldo Aranha.

- Osvaldo Aranha é o núcleo básico do bairro. Era o segmento inicial de "Camélio da Meia", que levava até Viária.

- 1829: Posturas Policiais municipais falam da Travessa do Barbosa, conhecida como Beco do Barbosa (atual Barros Cassal).

-1833: Sta. Casa de Misericórdia faz um requerimento para a Câmara pedindo para edificar algumas casa no seu terreno que fazia f



MUSEOGRAFIA

Bom Fim: um bairro muitas histórias

Elcio Rossini

A sala de exposição de um museu contemporâneo é lugar disponível a todo tipo de transformações e, de certo modo, pode ser compreendida como matéria maleável que nos permite modelar espaços conforme a proposição de cada conjunto de objetos e imagens que compõem uma exposição. Os museus contemporâneos e a tendência atual da museografia de explorar invenções cada vez mais complexas e espetaculares exigem que o projeto expográfico busque recursos que não estão limitados à subdivisão arquitetônica do espaço e tampouco à produção de expositores. As artes visuais, a cenografia e a iluminação teatral, a arquitetura e o design são fontes que fornecem recursos importantes para a criação de um espaço expositivo.

Nas exposições de que tenho participado no Museu da UFRGS, o início de um projeto passa por uma primeira etapa, na qual as partes envolvidas, a curadoria, a equipe pedagógica, a produção e a museografia procuram juntas compreender a exposição em suas diferentes etapas e proposições. Do ponto de vista da museografia, a primeira providência é avaliar o volume e o tipo de material que será exposto, bem como fazer um levantamento de imagens de possíveis referências que possam colaborar para uma diretriz geral da exposição. Essa coleção de imagens coletadas, que pode estar diretamente ligada ao tema da exposição ou a ela relacionada, fornece à equipe um material visual concreto, que indica possibilidades e facilita a colaboração criativa dos envolvidos no projeto. Nessas primeiras reuniões, como em qualquer processo de criação, são apresentadas ideias gerais sem detalhamento – algumas são descartadas e outras persistem. Depois de delineadas as linhas gerais para a apresentação dos conteúdos, passamos à elaboração da planta, considerando as necessidades de construção de salas e expositores específicos. Essa etapa nos fornece uma visão da distribuição espacial e determina, em consequência, a circulação do público pela exposição, propondo, dessa maneira, uma modalidade de leitura do material apresentado. Em algumas vezes, há um percurso definido de antemão, o que, quase sempre, implica uma narrativa linear do conteúdo; já em outras, o público escolhe e organiza livremente seu percurso pelos espaços propostos e, portanto, estabelece, segundo sua escolha, a ordem de leitura do conteúdo. Definida a planta geral da exposição, procuramos trabalhar pontualmente os diferentes temas nos quais o conteúdo da exposição é desdobrado.

A exposição Bom Fim: um bairro muitas histórias não impõe um percurso cronológico ou narrativo específico para o visitante; cada núcleo funciona independente dos demais, com suas narrativas e cronologias próprias. Além de expormos fotografias, documentos, textos, objetos e videodocumentos, procuramos criar locais que possam proporcionar ao público uma modalidade de leitura e experiência distintas daquela contemplativa. Um bar com mesas, cadeiras e balcão apresenta a possibilidade de o visitante sentar não apenas para uma pausa durante a visita, mas esse lugar, quando compartilhado com outro visitante, oferece seu espaço para o diálogo. Uma sala de leitura e um recanto para ouvir música são locais que permitem ao visitante o relaxamento e a introspecção. O objetivo dessas proposições, na exposição Bom Fim: um bairro muitas histórias, foi o de oferecer aos visitantes outras modalidades de ver e estar no museu.

Corredor Cultural Bom Fim



LEGENDA

- 01- Memorial da Justiça do Trabalho no RS
- 02- Associação dos Ex- Alunos do instituto de Educação General Flores da Cunha
- 03- Bar Ocidente
- 04- Clube de Cultura de Porto Alegre
- 05- Fundação Cultural e Asistencial Ecarta
- 06- Instituto Cultural Marc Chagall
- 07- Museu Casarão da Várzea Colégio Militar de POA
- 08- Museu de História da Medicina do RS
- 09- Museu da UFRGS
- 10- Sociedade Italiana
- 11- Tablado Andaluz
- 12- Ábaco livros
- 13- Já Editores- Jornal JÁ
- 14- Letras & Cia Livraria-Café
- 15- Livraria Londres
- 16- Livraria Rogil
- 17- Palavraria Livraria - Café
- 18- Teia de Aranha
- 19- Traça Livraria e Sebo
- 20- Zouk Livraria Café

CORREDOR CULTURAL

O bairro Bom Fim é um dos mais antigos da cidade. O traçado inicial da atual Avenida Osvaldo Aranha já existia no século XVIII. Entretanto, o povoamento efetivo da região ocorreu após o início da construção da pequena capela do Senhor do Bom Fim em 1867, que deu nome ao bairro. Na década de 1870, surgiram as ruas Santo Antônio e João Telles. Desde então, intensificou-se o desenvolvimento urbano da área, que passou a ser ponto de chegada para sucessivas levas de imigrantes: judeus, alemães, italianos, entre outros. Com isto, o bairro conheceu significativo movimento econômico, cultural e associativo, manifestado, por exemplo, no surgimento de várias casas comerciais e entidade de cunho étnico. O Bom Fim foi também palco de inúmeras manifestações políticas e culturais de resistência ao regime ditatorial. Mais recentemente, passou a abrigar instituições culturais como museus e memoriais.



Atento a essa história e a essa tradicional movimentação cultural do bairro, o Memorial da Justiça do Trabalho no Rio Grande do Sul, criado pelo Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região em 2003, e transferido para a rua João Telles, 369, em pleno coração do Bom Fim, no ano de 2008, está implementando, junto com outras entidades, o projeto “Corredor Cultural Bom Fim”. Este objetiva a integrar as diversas instituições culturais e livrarias sediadas no bairro, visando promover atividades comuns e dar maior visibilidade às suas ações. Desta forma, o Memorial reforça sua integração com a sociedade porto-alegrense e projeta-se como um agente cultural na cidade.

Este “Mapa do corredor cultural” constituiu a primeira ação neste sentido. Que ele seja um instrumento útil para a dinamização da vida cultural do nosso querido Bom Fim.



Fotos do acervo:
Rafael do Canto
Carlos Augusto Maahs
Instituto Cultural Judaico Marc Chagall



Acervo: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall

DA MESA DO BAR À VITRINE DO MUSEU

Os objetos funcionais normalmente se esgotam no presente. Existem apenas, como diz Baudrillard, no indicativo e no imperativo prático. Porém, ao adentrarem num museu, tornam-se, na expressão de Pomian, SEMIÓFOROS, objetos portadores de sentido, capazes de remeter a outros tempos, espaços e vivências.

Como pensar no Bom Fim
sem lembrar de seus bares?
Lancheria do Parque, Anjo Azul, Luar Luar,
Fedor, Ocidente, Estudantil, Lola,
Bar do João, Alaska, Marius, Copa 70...
lugares de história e de memória;
espaços de criação e de rebeldia;
cenários de encontros amorosos e de
discussões sobre todos os assuntos:
do futebol às melhores estratégias
para mudar o mundo.
Este espaço homenageia os
bares do Bom Fim.



Exercício de antropologia visual: um estudo de caso no bairro Bom Fim

Em 2010, como em todos os anos, o Núcleo de Antropologia Visual construiu um desafio de pesquisa, com instrumentos audiovisuais, apoiada no método e nos conceitos antropológicos. A opção foi pela continuidade do projeto “Antropologia nos bairros e nas ruas da cidade: etnografias fotográficas e estudos do cotidiano urbano”¹, iniciado em 2009, caracterizado por exercícios etnográficos em vários bairros de Porto Alegre. A continuidade do projeto teria uma particularidade: dessa vez responderíamos a um convite do Museu da UFRGS para o desenvolvimento de um estudo de caso no bairro Bom Fim em Porto Alegre.

A escolha da equipe se deu por um exercício coletivo com o uso da câmera fotográfica. Inicialmente tratamos de analisar o projeto geral da exposição sobre o bairro, do curador Prof. Benício Schmidt e da diretora do Museu, Cláudia Aristimunha. Várias referências bibliográficas que tratam da vida no bairro foram lembradas, assim como etnografias de ex-alunos por nós orientados, dissertações e teses, livros literários, entre os quais os de autoria de Moacyr Scliar. Todos os membros da equipe tinham certa aproximação com o bairro, seja no papel de consumidor de seu mercado comercial ou de seu mercado cultural. Alguns dos pesquisadores tinham também familiaridade e relações mais afetivas com o bairro, ou por terem relações de amizade com algum morador dali (parentes, namorantes), ou por ali morarem. Em função do grau de familiaridade, além da disponibilidade, dividimos a equipe em grupos para as caminhadas, que duraram uma média de cinco a seis horas. Fizemos uma triagem das câmeras fotográficas, do potencial técnico de captação, colocando o equipamento do Navisual à disposição dos pesquisadores, optando por imagens digitais para o barateamento da pesquisa.

Em seguida, passamos para uma segunda etapa, a de elaboração de um roteiro fotoetnográfico que orientaria os pesquisadores em suas tomadas de fotos. Este foi definido a partir do campo temático predominante no projeto: o estudo da memória coletiva e as trajetórias sociais na cidade de Porto Alegre. O objetivo perseguido foi o de investigar as formas de relações de sociabilidades, de produção simbólica e cultural no contexto cotidiano, revelando estruturas e instituições da vida social que orientam a experiência das pessoas em suas relações afetivas na condição urbana de viver. Certamente essa perspectiva era apreendida no âmbito das dinâmicas do bairro como um mundo social relacionado às perspectivas históricas e políticas específicas (Geertz, 1978:229).

Para a montagem do roteiro fotoetnográfico, a equipe estava atenta às práticas e aos saberes cotidianos que tecem os sentidos dos microeventos e dos dramas que ritmam o dia a dia de um bairro, de uma rua, em que proliferam e irrompem as criações de práticas culturais, as “combinatórias de operações” que compõem a vida dos personagens na cultura da vida urbana (De Certeau, 1994:38). Daí considerarmos fundamental a aproximação com a experiência da vida cotidiana, em que os habitantes de uma rua atualizam de significações a rotina e os gestos de todos os dias, confrontados com as fragmentações e a banalidade de uma aparente naturalização da realidade social.

O bairro, em suas heterogeneidades e homogeneidades, foi apreendido como um fato social total (Mauss, 1966), do que se depreende que cada imagem a ser produzida estaria relacionada a complexas interpenetrações sociais e configurações simbólicas, como orientava Marcel Mauss ao propor a categoria Pessoa. Partíamos, então, do pressuposto de que as fotos imaginadas no roteiro remeteriam à noção da Pessoa cidadã, de pertença ao bairro em suas dimensões espaço-temporais. O método etnográfico teria uma característica situacional ou situada, como definimos contemporaneamente as inserções mais pontuais das experiências etnográficas, do modo como condiciona o exercício fotográfico mais pontual de um estudo de caso. Os percursos caminhados pelas equipes eram livres, observando-se os espaços vividos, os movimentos nas ruas, tudo isso em uma dimensão fotográfica e a partir de um campo conceitual.

A proposta foi de percorrer, em diferentes equipes, as ruas do Bom Fim, buscando reconhecer suas fronteiras e, sobretudo, conquistar, na relação efêmera com os transeuntes, os possíveis moradores e os trabalhadores locais, uma interlocução.

Roteiro fotoetnográfico

Para elaborar o guia de saída de campo, construímos coletivamente, em oficina de trabalho e estudo teórico-metodológico, a proposta de roteiro de fotoetnografia, tendo por base o paradigma de estrutura dramática de Syd Field (2001) e as estruturas míticas de Christopher Vogler (1997). Da mesma forma que o exercício de construção de roteiros desenvolvido em 2009, entendíamos que elaborar roteiros etnofotográficos, longe de amarrar os(as) antropólogos(as) à captura de imagens preestabelecidas, colocava os pesquisadores diante do desafio da interpretação conceitual das

imagens a serem captadas e da compreensão do conhecimento produzido no processo de interação dos membros da equipe nos exercícios desenvolvidos no bairro, a partir de um campo semântico configurador de imagens. Da mesma forma que um roteiro de entrevista guarda surpresas ao pesquisador, o campo também pode se revelar em imagens novas e surpreendentes ao antropólogo.

Os espaços a serem percorridos e fotografados foram projetados privilegiadamente para dar conta da dinâmica das ruas e do registro do patrimônio construído a partir de suas diferentes razões institucionais. Também os diferentes turnos (diurno e noturno) foram considerados. Os temas foram classificados em três grandes eixos conceituais: ritmos temporais, circuitos religiosos-culturais e paisagens (espaços) urbanas. No ambiente noturno, unicamente a categoria da sociabilidade lúdica foi dimensionada. Na ambiência diurna, várias categorias foram elaboradas, a fim de orientar a captação das imagens dimensionadas no roteiro. No contexto das ruas e/ou do espaço público, as categorias centrais destacavam os modos de interação e inter-relações, como as formas de sociabilidade lúdica, os ritmos cotidianos, o trabalho, as trocas, a vida comercial, os rastros, os laços, as passagens.

O patrimônio construído foi problematizado a partir de categorias, como instituições religiosas, instituições culturais, lazer, estética do medo (segurança, vigilância), ruínas, bricolagens, equipamentos.

No ambiente noturno, apenas a categoria 'sociabilidade lúdica' (lazer) foi dimensionada para tratar de estilos de vida, ocupação do espaço público e patrimônio construído.

Em todas as categorias, objetivava-se classificar as imagens categorizadas pelos conceitos de lugares (espaço, ambiência), personagens (habitúes, moradores), durações (experiências temporais). O planejamento de uma estrutura que liga o conjunto de imagens a serem captadas esteve sistematicamente embasado em um tratamento conceitual.

Para conceber esse tratamento, a concepção técnica foi desenvolvida para reforçar a importância do refletir sobre o ponto de observação, o que correspondia a perguntar: de que lugar eu estou olhando e fotografando a situação/o grupo/o indivíduo a ser fotografado? A essa questão se somavam as escolhas técnicas de enquadramento e luz que, para nós, emergiam comprometidas com uma concepção didática e ética da experiência fotoetnográfica.

O roteiro registrava a escolha de enquadramentos, ângulos, planos, situando as escolhas técnicas como não aleatórias. Para tal empreendimento, contávamos com câmeras cybershot com dispositivos manuais e automáticos. A criação dos planos seguiu uma combinação que buscou, pela descrição visual, apresentar ou representar os conceitos antropológicos. O estudo de Eisenstein (2000), nesse período, foi importante, uma vez que se propõe à montagem de um filme em que se combinam os planos descritivo e intelectual do pensamento conceitual e do pensamento imagístico. Sua orientação foi, então, importante, na exposição, nos possibilitando desmembrar em imagens o grande tema composto de vários planos.

Após a montagem do roteiro, as equipes desenvolveram as saídas de campo para a prática da etnografia nas ruas do bairro (Eckert; Rocha, 2003), buscando refletir sobre os pontos de observação, a partir dos quais a equipe densificaria as captações fotográficas.

A flannerie comprometida se deu sobretudo de maio a setembro de 2010. Nessas saídas, foram captadas imagens que configurassem experiências sócio-espaciais redefinidoras da rede de suporte das lógicas de sociabilidades, de estratégias de ocupação, de situações de desordens, de condições de vulnerabilidade e risco, de espaços vazios e relegados ao descuido público ou de patrimônio construído e transformado, como os casarios restaurados, muitos dos quais na forma de estabelecimentos comerciais, além de equipamentos urbanos, como de trânsito, de segurança, de eletricidade, etc.

Lugares, paisagens, redes de sociabilidade, etc., foram tomando formas na imaginação da equipe de pesquisa. Locais de forte sociabilidade, como estabelecimentos comerciais (bares, padarias, restaurantes) e a feira livre, receberam uma intensa dedicação dos pesquisadores. Não raro, uma câmera registrava o movimento de captação de outro membro da equipe, para uma reflexão posterior sobre enquadramentos e pontos de observação.

Semanalmente, em forma de oficina, a equipe que desenvolvera sua saída de campo apresentava o material para discussão coletiva sobre os pontos de observação (de vista), sobre os resultados técnicos, como enquadramentos, luminosidades, distâncias, e sobre as opções conceituais que orientaram a captação das imagens. Eram apresentações que seguiam ora a forma sequencial, ora uma composição estrutural na forma ensinada por Gregory Bateson (apud Alves e Samain, 2004). Foi importante e fundamental aprofundar a composição dos planos para a criação da narrativa. Profundidade de campo, tipos de planos (geral, americano, conjunto, close-up, etc.), iluminação, tais elementos são importantes para a formatação do roteiro de fotografias, pois ajudam a criar as "colisões" (Eisenstein, 2000) necessárias para a eficácia da apresentação dos exercícios na forma de narrativas visuais.

No geral, os participantes aderiram à estrutura de Bateson, de Field ou de Vogler para a organização de suas narrativas.

Para observarmos com detalhe esses estudos, sintetizamos essa aprendizagem com os roteiristas de cinema. O roteirista Syd Field divide a estrutura dramática da história a ser contada em três atos, que correspondem respectivamente aos momentos de apresentação, confrontação e resolução. Ao final dos atos I e II, encadeiam-se pontos de virada, situações que conduzem às estruturas dramáticas anteriores a novas ações. Segundo o autor, “cada ato tem uma direção, uma linha de desenvolvimento desde o início até o ponto de virada” (Field, 2001:135). O roteiro aqui concebia a inserção em campo e a aproximação à definição temática como Ato I (Início – Apresentação); o esforço de narrar tematicamente, a ponto de contar uma história, remetia ao Ato II (Meio – Confrontação); e, por fim, imagens que poderiam ou sintetizar uma categoria que evidenciava a experiência de observar e interagir no bairro ou uma imagem-metáfora, por sua estética alusiva a desconstruções e problematizações, como Ato III (Fim – Resolução). Entre um ato e outro, os pesquisadores consideravam os pontos de virada ou um fato ou fenômeno que se prende à ação e a remete a outra direção, e, no caso do exercício, a outra categoria analítica.

Já a orientação seguida da leitura de Christopher Vogler – renomado analista de histórias e roteiros que se apropria do legado teórico do mitólogo Joseph Campbell –, implica mapear a apresentação das imagens na estrutura narrativa que se aproxima da jornada do herói, enumerando as etapas de construção de personagens e situações necessárias para se escrever uma boa história. O mapeamento dessa jornada, segundo Vogler (2006), consistiu em uma missão de descoberta para explorar e mapear os limites fugidios entre o mito e a narrativa moderna de histórias, as quais “possuem alguns elementos estruturais comuns, encontrados universalmente em mitos, contos de fadas, sonhos e filmes” (Vogler, 2006:28).

Tendo em mente os desafios concretos de um campo de pesquisa, uma terceira obra, agora do filósofo e analista de romances Paul Ricoeur (1994), foi estudado para elaborar as narrativas fotográficas como reverberações de um campo “pré-figurado”. Seguindo o estudioso, o esforço era de compor a classificação das imagens, tendo por problematização a noção de intriga ou de ação dramática, inserindo as fotografias em um jogo interpretativo que caracteriza a pesquisa antropológica.

Nessa perspectiva, a “tessitura da intriga” ou a imitação criadora da experiência temporal, à luz de uma antropologia dos bairros, é apresentada sob a forma de narrativa das diferentes dimensões representativas de um mesmo espaço.

A relação entre as teorias relacionadas ao roteiro é que a intriga refletiria a “síntese do heterogêneo”, as expressões perceptíveis das unidades e das heterogeneidades, das permanências e das fragmentações dos deslocamentos observados (Ricoeur, 1994).

As fotos privilegiadas na exposição acentuariam a percepção das fontes organizadoras da ordem e da concordância (o trabalho) tanto quanto das forças da discordância, do caos, do imponderável, do inesperado e do arbitrário do destino (cultura do medo).²

Uma última reflexão propiciada pela proposição dos exercícios de construção de roteiro relaciona-se à questão da interação entre as imagens, ou seja, a relação que se estabelece entre duas ou mais imagens. Essa preocupação ancora-se principalmente na leitura de Eisenstein (2002), com sua proposta de filme intelectual e a ênfase na montagem. O que uma imagem sozinha comunica, o que uma sequência de imagens suscita... Do ponto de vista técnico, poderíamos estar pensando na eficiência comunicativa de determinada narrativa fotográfica.

Como recurso estético na produção das imagens, aproximamos os estudos de Bachelard sobre a dialética da duração à teoria dos ritmos temporais (1932, 1989), com a ideia de ritmo como base da montagem (Eisenstein, 2002) da narrativa fotográfica. Entretanto, à diferença de Bachelard, com o teórico da montagem não teremos o conflito e a incongruência dos planos como base na constituição dos ritmos temporais previstos nos roteiros. Para essa captação de descontinuidade temporal, seguimos os esforços teóricos do epistemólogo francês.

Analisadas e elaboradas em estruturas narrativas, as imagens, ordenadas pela convergência semântica em coleções etnográficas, são inseridas no projeto Banco de Imagens e Efeitos Visuais, realizado por Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert. Trata-se de um museu virtual, que recebe as fotos para tratamento digital e para a sua disponibilização na forma de uma etnografia hipertextual em site (www.biev.ufrgs.br). Nesse site, os usuários acessam, de modo mais interativo, a produção de coleções etnográficas sobre as transformações da paisagem urbana por meio dos jogos da memória de seus habitantes (Eckert e Rocha, 2005) e, agora, com as coleções de imagens produzidas pelo projeto no bairro Bom Fim.



FOTOETNOGRAFIA NO BAIRRO BONFIM

Equipe:

- Cornelia Eckert Coordenação Navisual
 Aline Moreira (pesquisadora voluntária, bacharel CS, IFCH, UFRGS)
 Ana Paula de Carli (pesquisadora voluntária, bacharel CS, IFCH, UFRGS)
 Andrea Ladwig (pesquisadora voluntária, bacharel CS, IFCH, UFRGS)
 Angélica Alarcon Torres (pesquisadora voluntária, Um. Colômbia)
 Carina Balladares (pesquisadora convênio UBA, Argentina)
 Daiana Hemman (mestranda PPGAS UFRGS)
 Débora Gomes (mestranda PPGAS UFRGS)
 Fabiela Bigossi (doutoranda PPGAS UFRGS)
 Fernanda Rechenberg (doutoranda PPGAS UFRGS)
 Jeniffer Cuty (pesquisadora colaboradora, Profa. Dep. Museologia, UFRGS)
 Jéssica Hiroko (mestranda PPGAS UFRGS)
 Henrique Dallago (pesquisador voluntário, aluno CS, IFCH, UFRGS)
 Karin Bauken (pesquisadora voluntária, Unisinos)
 Liliane Guterres (Doutora em Antropologia, pesquisadora colaboradora)
 Luciano Vianna (IC Pibic CNPq, Projeto Navisual, PPGAS UFRGS)
 Mabel Zeballos (doutoranda PPGAS UFRGS)
 Maria Cristina França (Doutora em Antropologia, pesquisadora colaboradora)
 Thais Cunegatto (mestranda PPGAS UFRGS)
 Roberto Capiotti (doutorando PPGAS UFRGS)
 Rojane Brum (mestranda PPGAS UFRGS)
 Rumi Kubo (Doutora em Antropologia, pesquisadora colaboradora)

Referências

- ALVES, André e SAMAIN, Etienne. Os argonautas do mangue precedido de Balinese character (re)visitado. Campinas: Editora Unicamp/São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.
- BACHELARD, Gaston. L'intuition de l'instant. Paris: Editions Gonthier, 1932.
- BACHELARD, Gaston. La dialectique de la durée. Paris: PUF, 1989.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Vol. I, Magia e técnica, arte e política. Tradução Sérgio P. Rouanet, São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BENJAMIN, Walter. Obras Escolhidas. Vol. III, Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo. Tradução de J.C.M. Barbosa e H.A. Baptista, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- DA MATTA, R. A Casa & Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1985.
- DE CERTAU, Michel. A invenção do cotidiano. Petrópolis: Ed. Vozes, 1996.
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. São Paulo, Cultrix, 1988.
- DURAND, Gilbert. As estruturas antropológicas do imaginário. Lisboa, Presença, 1984.
- ECKERT, C., ROCHA, A. L. "A vocação do etnógrafo na cidade". In: Revista brasileira de sociologia da emoção, UFPB, 2004.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza C. Etnografia na rua e câmera na mão. Revista Studium, Instituto de Artes Campinas SP, v. 8, p. 1-10, 2002 <http://www.studium.iar.unicamp.br/oito/2.htm>
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza C. Tempo e Cidade. Porto Alegre, Ed. UFRGS, 2005.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. "A interioridade da experiência temporal do antropólogo como condição da produção etnográfica". In: Revista de Antropologia. Volume 41, número 2. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 1998. pp. 107 à 135.
- ECKERT, Cornelia e ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Imagens do tempo nos meandros da memória : por uma etnografia da duração. In: Koury, Mauro G. P. (Org.). Imagem e Memória, ensaios em Antropologia visual. Rio de Janeiro, Garamond. 2001.
- ECKERT, Cornelia. A cidade com qualidade - Estudo de memória e esquecimento sobre medo e crise na cidade de Porto Alegre. Revista Sociedade e Cultura, v. 10, Goiânia, Universidade Federal de Goiás, p. 61-79, 2007.
- EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 2002.
- FIELD, Syd. Manual do roteiro. Os fundamentos do texto cinematográfico. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- RICOEUR, Paul. Tempo e narrativa. Volume 1. Campinas, Papyrus, 1994.



Cidade das Crianças

Fragmentos sobre as fotografias e conversas no Bairro Bom Fim

26.03.11, sábado à tarde

[...] Na Rua Santo Antonio, passamos por uma senhora que estava no jardim de um edifício, com as mãos apoiadas nas grades de proteção. As crianças se aproximam para perguntar sobre o nome do bairro, mas só a olham sorrindo. Ela retribui o sorriso e me olha de soslaio, como se perguntasse o que elas desejavam. Digo-lhe que as crianças queriam saber por que o bairro se chama Bom Fim. Todas perguntam novamente. Ela sorri e fala que é *“Bom Fim, por que todos querem que sua rua tenha um bom fim”*. As crianças riem com a resposta poética, tiram fotos dela e seguem caminhando.

Lila equilibra-se em uma beirada de muro, andando vagarosamente, *“pensando sobre o Bom Fim”*. Diz que ainda não sabe o que é o Bom Fim, mas já sabe que é um bairro.

Ao chegarmos à Avenida Oswaldo Aranha, lojas, placas e vitrines capturam o foco das crianças. Ônibus, carros, seu movimento é registrado.

O pai de Júlio e Clara sugere que perguntemos sobre o bairro na Sociedade Hebraica, localizada na Rua João Telles. Caminhamos até lá e as crianças entram correndo, passando animadas pela catraca. O porteiro diz que não sabe o que é bom fim.

Um senhor que divulgava uma oficina de defesa pessoal fala que não sabia muito sobre o bairro, mas que poderia tentar explicar. As crianças pararam à frente da mesa em que ele estava para escutá-lo e algumas saíram correndo pelo grande hall do prédio, retornando depois.

Ele falou que o bairro Bom Fim foi o lugar escolhido pelos judeus para morar, por ser *“um bom lugar para morar, um bom fim”*. Conta que os judeus vieram da Europa por causa da guerra e *“o bairro é um gueto”*. Afirma que *“Bom Fim é um bom fim, pois todo o mundo procura paz.”*

Mostra o jornal Fala Bom Fim e lê algumas passagens às crianças, dizendo que daria alguns exemplares para lerem.

Ao final, algumas crianças falam ter entendido que o Bom Fim é um bairro de judeus. Vitória diz que ouviu o que ele falou, mas não entendeu.

Ele explica novamente, explicitando o que é um gueto, que representava *“um lugar de proteção para um grupo”*. Afirma novamente que *“o Bom Fim é um bairro de judeus”*, que *“foi um bom fim para eles, um bom lugar”*. Ele fala sobre Oswaldo Aranha, que defendeu a criação do estado de Israel e por isso deu nome à avenida.

Clara registra sua fala no caderno e depois anota seu nome, Delmir Bisinelo, e o email para convidá-lo a ir à exposição. Muitas fotografias são realizadas em meio à conversa.

Antes de sair, as crianças conheceram o espaço térreo da Hebraica, olharam um salão que estava sendo decorado para um casamento e outros lugares onde havia grupos de adolescentes jogando e conversando.

Na rua, continuamos a busca sobre o Bom Fim, em meio à chuva que iniciava. Caminhamos com muitas sombrinhas abertas, protegendo as crianças da chuva. Algumas vestiam alegremente suas capas coloridas, outras deixavam os pingos de chuva cair em suas roupas, despreocupadas. Brincamos que agora as fotos seriam da chuva do Bom Fim.

Seguimos pela João Telles e dobramos à direita na Rua Vasco da Gama. Pergunto a elas se haviam fotografado os jardins do Bom Fim, elas dizem que não. Nicolas logo registra uma foto com flores em um canteiro de um prédio gradeado.

Na esquina com a Rua Fernandes Vieira, havia um jovem e um menino sentados em um banco, na frente de um prédio gradeado. Perguntamos a ele sobre o nome do bairro Bom Fim, ele diz que não sabia e o menino também não. As crianças ficam ali, fotografando o menino, falando com seu pai, perguntando novamente, em coro, *“Por que o bairro Bom Fim se chama Bom Fim? Tu não sabe?”*

Uma senhora que passava nesse momento escutou a pergunta ressonante das crianças* parou, segurando sua sombrinha e iniciou sua entusiasmada fala rodeada pelo grupo:

Vocês querem saber por que o bairro se chama Bom Fim? Eu sei! O bairro se chama Bom Fim por causa de uma capela chamada Nosso Senhor do Bom Fim, que foi construída antes de tudo isso aqui, onde só havia o Campo da Várzea. Aqui era só campo e fizeram a capela, não tinha nada de ruas ainda. Os negros foram os primeiros a viver aqui. Eram os escravos libertos, por isto Campos da Redenção, eles fugiam e se escondiam nos Campos da Redenção, eram alforriados. Não havia essas ruas, só depois começaram a construir e o bairro se chamou Bom Fim por causa da capela. E os nomes das ruas também eram outros. Nem havia a Vasco da Gama. A Rua Barros Cassal se chamava Aurora. Sabem por que? Porque ali morava a bela Aurora. E vieram também os italianos e moraram no bairro. E depois vieram os judeus, fugidos da segunda guerra e passaram a morar aqui também. Tem um casario na Rua Henrique Dias. Os italianos fundaram a Sociedade Italiana, eu sou descendente de italianos e sou da sociedade italiana. Meu nome é Marina Pessin.

Então perguntamos mais uma vez, estendendo suas associações:

“Mas por que Bom Fim? Era por causa da capela?”

Ela responde:

“Porque Bom Fim é um bom fim lá no céu! O céu é o bom fim!”

As crianças começaram a pular de alegria, dizendo:

“Achamos! Encontramos! Achamos! Conseguimos!”

Lila fala exultante: *“Eu bem que tinha pensado isto!”*

Ao final da conversa, em meio à alegria do encontro e da troca, as crianças posaram para uma fotografia com Marina Pessin, moradora do bairro desde a década de 50, que teve a sensibilidade de suspender sua caminhada para escutar as perguntas das crianças, passando a elas histórias do Bom Fim.

As crianças encontraram várias histórias, olhares, versões sobre o bairro. Em suas experiências, entre imagens e palavras, o Bom Fim revelou-se uma constelação de muitos bons fins.

Ana Marta Meira

*Crianças (idade) que participaram da atividade neste dia: Ana Clara (6), Vitória (7), Júlio (14), Clara (9), Nicolas (9), Kaori (5), Lila (7).

Projeto Cidade das Crianças

Equipe: Ana Marta Meira, Cecília Dutra, Filipe Furlan, Tábita Wittmann, Gilvânia, Pontes Maurício, João Borges e Júlia Soares

Colaboradora: Gabriela Bon

Parceria: Centro Cultural CEEE Erico Verissimo

Apoio: Projeto Monumenta, Fundarte, Zapata Filmes e Bamboletas.

Crianças participantes que realizaram as fotografias: Ana Clara de Souza Camargo, Clara Ghiggi Morales, Júlio Estevan Ghiggi Morales, Gabriel Soares Dias, Lila Hanuman Brum Lindern, Nicolas Rocho Coutinho, Kaori Kubo Fagindes, Victória Berruti Valmorbida, Eduarda M. Silva (entrou depois das fotos realizadas, escolheu títulos e ajudou na narrativa visual)

Exposição Bom Fim: um bairro, muitas histórias

Reitor:

Carlos Alexandre Netto

Vice-reitor e pró-reitor de coordenação acadêmica:

Rui Vicente Oppermann

Pró-reitora de Extensão:

Sandra de Deus

Vice-pró-reitora de Extensão:

Jussara Smidt Porto

Pró-reitora de Planejamento e Administração:

Maria Aparecida G. de Souza

Vice-pró-reitor de Planejamento e Administração:

Luís Roberto da Silva Macedo

Secretário de Comunicação Social:

Flávio Antônio Camargo Porcello

Vice-secretária de Comunicação Social:

Édina Rocha

Diretora da Gráfica da UFRGS:

Jussara Smidt Porto

Diretor do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas:

Temístocles Cezar

Vice-diretora do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas:

Silvia Altmann

Chefe do Departamento de História:

Eduardo Neumann

Diretora do Museu da UFRGS:

Claudia Porcellis Aristimunha

Curadoria Geral:

Benito Bisso Schmidt

Museu da UFRGS

Subcuradoria:

Cornélia Eckert

Luiz Augusto Fischer

Zita Rosane Possamai

Curador de Honra:

Moacyr Scliar

Produção do catálogo:

Museu da UFRGS

Projeto gráfico e Edição do catálogo:

Carlos Eduardo Galon da Silva

Revisão ortográfica do catálogo:

Antônio Paim Falcetta (SECOM / Jornal da UFRGS)

Fotografias da exposição para o catálogo:

Rafael Antunes do Canto

Impressão do catálogo:

Gráfica da UFRGS

Equipe Museu da UFRGS:

Berenice Machado Rolim

Cidara Loguercio Souza

Claudia Porcellis Aristimunha

Lígia Ketzer Fagundes

Luciana Teixeira Costa

Maria Aparecida Pires Nunes

Maria Cristina Padilha Leitzke

Maria Cristina Pons da Silva

Bolsistas do Museu da UFRGS:

Andréia Wiest (Artes Visuais)

Carlos Eduardo Galon da Silva (Artes Visuais/Programa Incluir)

Daniela do Amaral da Silva (Museologia)

Gabriela Correa da Silva (História)

Jonathan Bernicker Becker (História)

Juliano Marques (História)

Rafael Antunes do Canto (História)

Suzana Gomez Pohia (Jornalismo)

Voluntárias do Museu da UFRGS:

Cecília Horne de Souza

Neiva Porcellis

Equipe Infraestrutura Museu da UFRGS:

André Vieira Santos

Claúdio de Jesus Kaniski

Cristiane da Silva Monteiro

Luciana Carvalho de Oliveira

Expografia da exposição:

Elcio Rossini

Kátia Prates

Material gráfico da exposição:

Carlos Eduardo Galon

Produção do Jogo Bom Fim:

Anderson Maciel

Carla Maria Dal Sasso Freitas

Luciana Nedel

Marcelo Walter

Fabricio Galhardo Muller

Marcelo Hernandez Borba

Peninha (Banda Extudo)

Fabricio Galhardo Muller

Felipe Silveira Pedroso

Giovanni Pereira Rotta

Pedro Heberle

Fotografias produzidas para a exposição:

Banco de Imagens e Efeitos Visuais-BIEV/UFRGS

Rafael Antunes do Canto

Equipe do Memorial da Justiça do Trabalho no RS

Acervos institucionais:

Banco de Imagens e Efeitos Visuais-BIEV
Casa de Cinema de Porto Alegre
Clube de Cultura
Instituto Cultural Judaico Marc Chagall
Jornal Já
Memorial da Justiça do Trabalho do RS
Museu Joaquim José Felizardo
Museu da UFRGS
Sociedade Italiana do RS

Acervos particulares:

Bar e Restaurante Spinelli
Bar Ocidente
Carlos Augusto Maahs
Carlos Gerbase
Cláudio Heinz
Lancheria do Parque
Lisandro Santos
Luiz Eduardo Robinson Achutti
Moah (Moacyr Souza)
Ponto Dois Lanches
Psicobar
Rogério Nazari
Sabino Vieira Loguercio

Agradecimentos Especiais:

Ana Maria Mattos Reckziegel
Antonio Ransolin
Cláudio Heinz
Diego Scherer da Silva
Elton Luis Decker
Hique Gomez
Kátia Teixeira Kneipp
Lucio Fernandes Pedroso
Luiz Eduardo Robinson Achutti
Moah (Moacyr Souza)
Nei Lisboa
Patrícia Marini
Pedro Schmidt Heberle
Rogério Nazari
Sabino Vieira Loguércio

Memorial do Tribunal Regional do Trabalho do RS
Museu Joaquim Jose Felizardo/Fototeca Sioma Breitman
Secretaria de Comunicação Social da UFRGS/SECOM
Radio da Universidade/UFRGS

Realização:

PROEXT
Museu da UFRGS
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas/Dept^o de História

Parceria:

Instituto de Informática da UFRGS
UFRGSTV
Tribunal Regional do Trabalho da 4ª Região
Memorial da Justiça do Trabalho no RS
Corredor Cultural Bom Fim

Apoio Cultural:

UFRGSTV
Rádio da UFRGS
TVE
FM Cultura
Grupo RBS

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA:

ECKERT, Cornélia;. ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ZAMBONI, Vanessa. Percorrendo as marcas de distintas temporalidades no bairro Bom Fim: Exercício de etnografia nas ruas de um bairro. Revista Iluminuras - Publicação Eletrônica do Banco de Imagens e Efeitos Visuais - NUPECS/LAS/PPGAS/IFCH e ILEA/UFRGS, Porto Alegre, 01 nov. 2007.

FRANCO, Sergio da Costa. – Porto Alegre: Guia histórico. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 1988.

KLIEMANN, Luiza H. Schmitz (Org.). Bom Fim: Álbum de Retratos. Porto Alegre: Prefeitura Municipal de Porto Alegre/Secretaria Municipal da Cultura, 1993.

MONTEIRO, Charles. Porto Alegre e suas escritas: história e memórias da cidade. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

MAZERON, Gaston Hasslocher. Notas para a história de Porto Alegre. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1928.

PEDROSO, Lucio Fernandes. Transgressão do Bom Fim. Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em História do IFCH/UFRGS. Porto Alegre, 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy (Coord.). Memória Porto Alegre: Espaços e Vivências. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Prefeitura Municipal de Porto Alegre, 1991.

POSSAMAI, Rosane Zita. Nos bastidores do museu: Patrimônio e passado da cidade de Porto Alegre. Porto Alegre: EST, 2001.

SANTOS, Irene (Coord.). Colonos e Quilombolas: memória fotográfica das colônias africanas de Porto Alegre. Porto Alegre:[s.n.], 2010

SCLIAR, Moacyr. A guerra no Bom Fim. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1972.

SILVA, Juremir Machado. Antes do Túnel, junto as palmeiras (uma história pessoal da Bom Fim). Porto Alegre: Editora da Cidade; Instituto Estadual do Livro, 2007.

TELLES, Leandro. História da “Mui valorosa cidade” de Porto Alegre – Narrativa amena de fatos e personagens em seus 238 anos. Edição do Serviço Social da Indústria, RS, Secção de Difusão Cultural, nº231, 1979.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Pró-Reitoria de Extensão. Ucultura/[pesquisa e organização] Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS. Porto Alegre: Ed. Da Universidade, 2002.

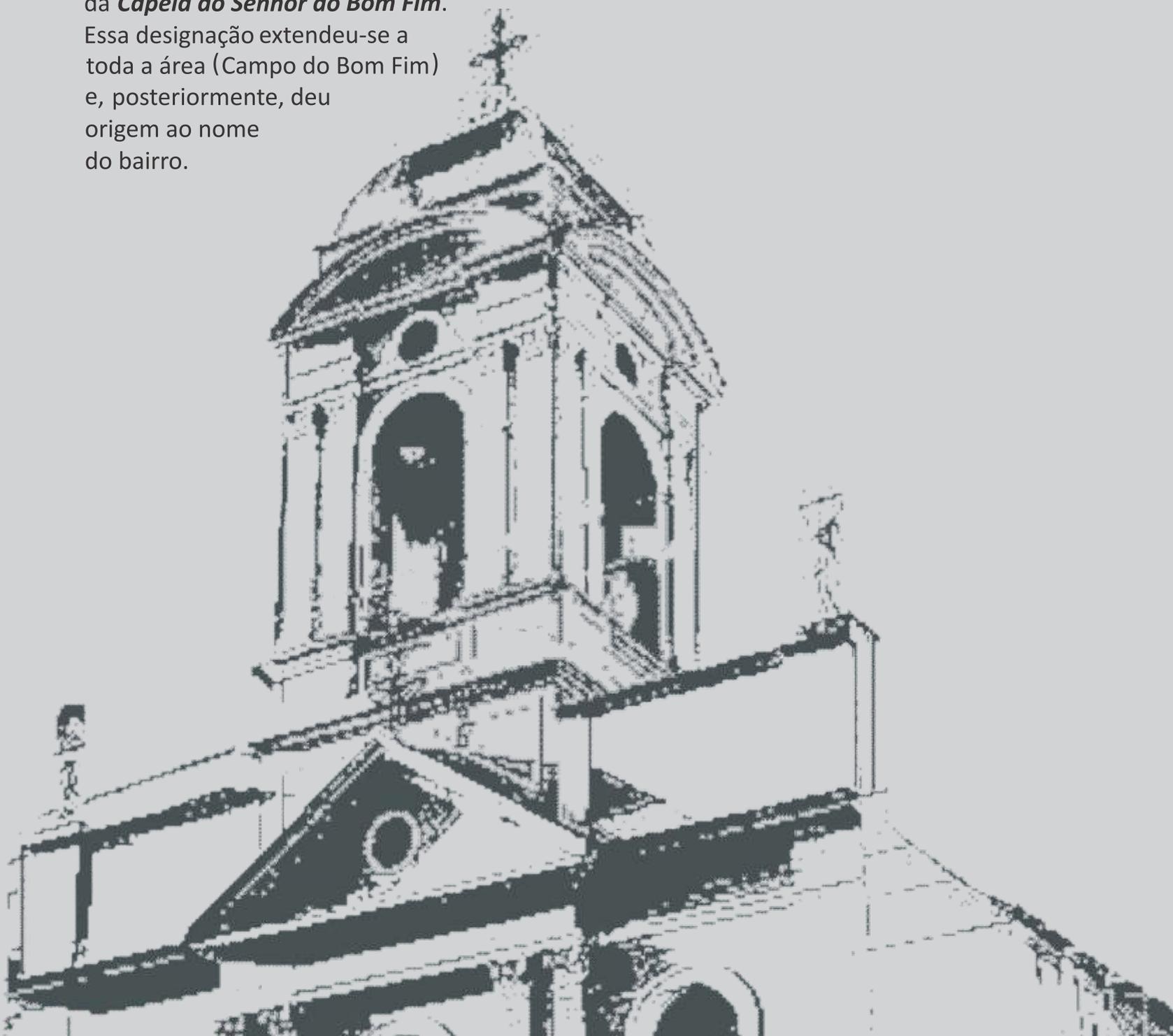
Esta publicação foi concebida, a partir da Exposição “Bom Fim: um bairro, muitas historias”, realizada no Museu da UFRGS, no período de 14 de dezembro de 2010 a 01 de julho de 2011.





... e eu continuo ouvindo.

O bairro Bom Fim teve origem no antigo "Campo da Várzea" de Porto Alegre, uma área pública que servia de acampamento para os carreteiros e na qual permanecia o gado destinado ao abastecimento da cidade. Em 1867 iniciou-se a construção da **Capela do Senhor do Bom Fim**. Essa designação estendeu-se a toda a área (Campo do Bom Fim) e, posteriormente, deu origem ao nome do bairro.





A rua conhecida inicialmente como Estrada do Meio ou Caminho do Meio, teve o primeiro arruamento requerido em 1833. Na planta municipal de 1916, a face norte do Campo da Redenção foi designada como Avenida do Bom Fim. Seu calçamento, com duas pistas de concreto armado, foi inaugurado pelo Intendente Otávio Rocha, em 1927. Em 1930, recebeu nome de ***Avenida Osvaldo Aranha***, em homenagem ao político riograndense que participou da Revolução de 1930.

Realização:



Parceria:



Apoio Cultural:

